HEREDITARIEDADE REVELADA

Alcemar da Silva Falcão

HEREDITARIEDADE
REVELADA

ALCEMAR DA SILVA FALCÃO

HEREDITARIEDADE
REVELADA

A meu pai (in memoriam), à minha mãe e a todos os
meus parentes, aos amigos de trabalho que me deram
uma força exemplar, à Márrima e Fabi responsáveis
pelo aprimoramento de várias ideias e a todos os
meus estimados alunos.

A Deus que tornou a minha existência e essa primeira obra possíveis.

Sonhar só se torna impossível quando não sonhamos, e à medida que sonhamos realizamos.

Alcemar da Silva Falcão

SUMÁRIO

APRESENÇÃO

O conhecimento é um caminho de construção coletiva onde cada um contribui com o seu punhado de experiências para juntos seguirmos adiante nesta longa estrada da evolução. Temos o privilégio de crescer em uma região rica culturalmente e fonte pujante de Saber, essencial para a produção cultural, artística e científica. Somente através do conhecimento o amazonense poderá compreender seu ambiente e transformar a sua realidade. Conhecer não é apenas necessário, é vital.

José Melo

Governador do Estado do Amazonas

HEREDITARIEDADE
REVELADA

I

Manhã chuvosa de abril. Lugar comum, sem muita gente por perto. Tudo era muito simples. O vilarejo e o vale estavam diferentes, pois havia água por todos os lados e pessoas passavam apressadas sem muita disposição para conversar. Não era possível ouvir um único ruído a não ser o dos pingos de chuva caindo e o do barulho dos trovões. Relâmpagos cruzavam o céu e deixavam aquela quarta-feira com a aparência de final de tarde.

O frio aumentava à medida que o ponteiro do relógio se aproximava do meio-dia. Tudo indicava que aquela chuva cairia o dia inteiro. Ela caiu o dia inteiro! De uma coisa Jorge tinha certeza: ele não conseguiria sair de casa nem para ir à

quitanda comprar o almoço, e inventaria algo com o que tivesse na despensa.

Aquela atmosfera cor de chumbo fez com que brotassem em sua mente pensamentos que pareciam estar apagados há muito tempo. Lembranças da infância no interior onde os meninos brincavam às margens do rio, surgiram nesse instante. Não era uma saudade que doía, mas, de certo modo, entristecia, quem sabe, talvez, por conta da chuva que não parava de cair. Agora caía mais forte ainda.

Podia-se ouvir canções compostas pelo som dos pingos caindo em diferentes superfícies, também lhe vinham à mente, vez por outra, cheiros e sabores que só eram sentidos na cozinha da vovó Estela aos domingos, antes de saírem para as atividades costumeiras da igreja local – isso sempre era uma festa para todos aqueles seres em desenvolvimento de seis a dez anos de idade.

Um trovão o fez despertar, e algo chamou a sua atenção. – O que será? disse Jorge olhando pelo vidro embaçado da janela por onde escorriam fartas gotas d'água. No primeiro momento não foi possível identificar o que era, pois ventava bastante e a visibilidade era prejudicada por rajadas de vento e chuva.

Então, sem tirar os olhos do que acabara de ver, arriou a xícara de café lentamente na mesinha de coloração marrom envelhecido, a preferida de dona Estela, esfregou os olhos, com a ponta da camisa limpou o vidro que sempre foi transparente e límpido como água, mas que naquela manhã estava com uma cor estranha e escura, efeito produzido pela água que insistia em encharcar o tapete da sala.

– Um cachorro, pensou ele inquieto evitando abrir a porta para olhar mais de perto. Sim era um cachorro branco, molhado e indefeso a uma distância de mais ou menos trinta metros no que restara de uma velha cobertura abandonada.

Jorge começa argumentar e dizer a si mesmo:

Quando alguém mora sozinho qualquer companhia é bem-vinda. Instintivamente foi até a cozinha, abriu o armário, mas lembrou que ainda não havia comprado o guarda-chuva que prometeu comprar quando fosse à cidade mais próxima, cerca de quinze quilômetros em estrada de chão batido, que àquela altura já deveria ter virado um igarapé. Encontrou um pedaço de lona amarela que trazia uma inscrição que ele não conseguiu identificar, talvez estivesse escrito em alemão.

Correrei o mais rápido que puder, sempre com cuidado para não cair em nenhuma vala aberta pela força da água que desce serra abaixo, chegarei até o bicho – que o recebeu abanando o rabo – e o segurarei nos braços, pensou Jorge.

O moço aparentava ter uns trinta e sete anos, e tinha um ar de cavalheiro culto e educado, embora estivesse morando em uma vila esquecida no tempo e perdida em algum lugar do mundo.

Envolveu o animalzinho com uma toalha seca e marchou apressadamente na direção da antiga casa amarela cor de banana recebida como herança.

Tinha uma lareira, claro, mas naquelas circunstâncias quase não existia nenhum lugar daquela humilde casa herdada de sua avó que não estivesse molhado. Escolheu um cantinho

perto da lareira apagada, conseguiu algo para o cão comer e se deteve a observá-lo a uma distância de menos de um metro.

Algo reluzia pendurado ao pescoço do cachorro, o cavalheiro se aproximou para verificar um pouco mais de perto e percebeu que aquele animal parecia dizer olhando dentro dos seus olhos com a cabeça ligeiramente virada para o lado – leia, isso me levará de volta para casa.

Era uma espécie de pingente daqueles em que o dono do animal coloca uma inscrição que promoverá uma possível localização caso ele se perca. O que encontrou não fazia muito sentido para ele, não entendia os latidos de Branco, como resolveu chamá-lo, para atrever-se a perguntar alguma coisa. MT era o que estava escrito.

MT pode não significar nada, ou qualquer coisa. Passou a indagar os mais prováveis significados que iam desde o nome de seu dono a uma espécie de código secreto de algum acampamento militar. Depois de um longo período em silêncio Jorge suspirou e falou:

– Esperarei esse aguaceiro passar e irei procurar seu dono, amigão.

Jorge não sabia que o sol não apareceria naquele dia. Haveria chuva até que a escuridão da noite chegasse, e ela chegou mais cedo. O motor que gerava luz para a vila não funcionou no horário previsto, às seis da tarde, como funcionava todos os dias, tudo indicava que seria uma longa noite para Jorge e seu novo amigo Branco. Branco foi o nome que ele resolver dar ao bicho.

Do outro lado da cidade, estava Estela em uma casa de dois andares cor de caramelo. Coincidentemente ela tinha o mesmo nome da avó materna de Jorge. O pai foi um taxista das antigas acostumado com o que a vida lhe oferecia de mais duro, mas com bastante trabalho conseguiu comprar a casa em que moravam e proporcionar algum conforto para os seus familiares. Ele saiu para uma viagem e nunca mais voltou.

A chuva também caía nesse lado da cidade com a mesma intensidade com que caía ao pé da serra. Estela, deitada em seu quarto, relembrava a infância feliz no interior e do tempo em que morou na fazenda Esperança, foram alguns dias somente, mas ela lembrava muito bem. Os pensamentos da garota são interrompidos por alguém batendo na porta de seu quarto.

– Quem é? indagou a jovem sem desviar o olhar do teto.

– Sou eu Marta. Você está ocupada?

– Não, entre, a porta está aberta. Vamos conversar.

– Que chuvarada, parece que não vai mais parar. Sobre o que deseja conversar?

– Eu estava pensando sobre o tempo em que moramos na fazenda, próximo a serra. Foram tempos muito felizes e alegres. Éramos livres, vivíamos a correr pelos campos e a subir a serra, sem contar que a natureza além de tudo nos presenteava todas as manhãs com um maravilhoso amanhecer e ainda proporcionava um lazer sem igual nas águas do igarapé.

– Eu também me lembro desse passado com nostalgia. Às vezes sinto vontade de voltar para lá e recomeçar uma nova vida cercada pelo verde, pelas flores e pelos pássaros. Essa cida-

de virou um corre-corre tremendo, vivemos cercados de grades por todos os lados.

– Somos nós que estamos presos enquanto os criminosos estão soltos.

– Que gozado, eu estava pensando exatamente nisso.

– Então por que não convidamos o pessoal e marcamos um final de semana no campo, para sentarmos em volta da fogueira e relembrarmos as traquinagens que aprontávamos juntos?

As duas continuaram conversando enquanto a chuva insistia em cair. Elaboraram planos para reunir a turma inteira, mas perceberam ser impossível, pois a maioria de seus amigos não morava mais naquela região. Uns viajaram, outros casaram, e lamentavelmente o Tiago e a Maria morreram.

– Essa é a parte triste de nosso passado, exclamou Marta.

– Verdade. Confirmou Estela limpando um líquido ridículo que insistia em descer de seus olhos e escorrer percorrendo todos os contornos de sua face rosada, delicada e linda.

– Eles eram praticamente como irmãos para mim. Não consigo entender como aquele acidente aconteceu. Eles sempre foram cuidadosos quando faziam escaladas. Tiago praticava alpinismo havia cinco anos, dava até curso de salvamento em altura. Às vezes penso que alguém sabotou os equipamentos.

– Será, Estela? observou Marta lembrando que ouviu uma história parecida contada anteriormente pela mãe de Tiago.

– Sabe o Jonas, filho da senhora Fátima? confirmou Marta com um gesto de cabeça afirmando conhecê-lo. Ele sempre foi muito apaixonado por Maria, embora soubesse que ela não queria nada com ele e que estava noiva de Tiago.

– Mas ele parecia um rapaz bem legal, religioso até.

– Um lobo em pele de cordeiro, afirmou Sebastiana, a tia-avó de Estela.

– Que feio, vovó, a senhora estava escutando atrás da porta, logo a senhora que vive falando para os meninos que isso é feio, deve ter feito um esforço e tanto com essa barulheira de chuva.

– Feio é o que esse rapaz fez, minha filha.

– A senhora não pode afirmar isso, nem sabe se é verdade.

– Não posso afirmar, mas tenho certeza que é verdade. Dona Sebastiana afirmou com convicção, se enrolou em uma toalha que mantinha sobre os ombros, sentou-se em uma cadeira e olhou diretamente para a neta.

– A senhora fala isso porque não gostava dele, apesar de ele ser um rapaz muito bom, estava até pretendendo fazer seminário e virar pastor.

– Pastor!? Ora, essa é boa. Pastor só se fosse para roubar o dinheiro dos fiéis, enganar as pessoas e depois empurrá-las do topo da serra como fez com aqueles dois abusados.

– Chega, senhora Sebastiana, foi longe de mais. Onde já se viu alguém acreditar numa coisa dessas.

– Diga aonde ele está vivendo então. Não duvido nada que ele tenha fugido e você o ajudou.

– Perdoe, mas a senhora perdeu o juízo de vez, vou para o quarto de mamãe e não me perturbe. A garota saiu com muita raiva batendo a porta com força. Sua amiga Marta estava atônita e não arriscou pronunciar nenhuma palavra. – Vai que a velhinha tem uma parada cardíaca.

– Você viu só, Marta, a gente cria uma neta com tanto amor, como se fosse uma filha e é isso que recebemos. Igualzinha à mãe, sempre achando que as pessoas são boazinhas e que não existe maldade em seus corações.

– Desculpe, senhora, mas agora tenho que ir, a chuva está mais fina e aproveitarei essa pausa. A menina saiu fechando a porta da frente. Dona Sebastiana ficou pensativa sentada em sua cadeira de balanço.

– Jonas é mesmo um cara de pau! Iludiu minha neta e ainda quer pousar de santarrão mesmo depois de ter matado duas pessoas, pensava a senhora.

II

A chuva na vila ao pé da serra não parava de cair. A noite chegou, tudo estava muito escuro e o gerador de luz não funcionou. Jorge estava com muito frio, a temperatura, ao pé da serra, girava em torno de uns doze graus mais ou menos, mas estava feliz, ele tinha um amigo. Foi uma ligação quase espontânea entre bicho e homem.

– Meu caro animalzinho, posso chamá-lo de meu, certo? Como faremos para encontrar o seu dono? Se você ao menos pudesse me compreender seria bem mais fácil encontrá-lo, apesar de achar que você está se sentindo muito bem aqui em casa. Claro, você está seco.

Nesse momento a energia foi restabelecida, não em sua totalidade, mas já era alguma coisa, Jorge atentou para o relógio que tinha um ponteiro repousando sobre o oito e o outro sobre o doze. Jorge levou algum tempo para decifrar se era oito horas ou se era onze e quarenta. A luz estava fraca, forçando Jorge a aproximar-se um pouco mais para identificar qual era o ponteiro menor, ele estava repousando sobre o oito.

– Oito horas! Não é mais possível sair para procurar seu dono. Farei um chá o tomarei com torradas. Para você deve ter algo na despensa, a não ser que goste de chá, como eu.

Enquanto tomava o chá, dava, entre um gole e outro, um pedaço de torrada para seu amigo peludo. Jorge tentou sintonizar uma estação de rádio, mas a comunicação estava difícil. Ele conseguiu encontrar uma que estava funcionando sem muita interferência. Aquela chuva tinha causado um estrago geral, dizia o radialista, ao afirmar que a única ponte que dava acesso à vila tinha cedido com a força da água.

As autoridades não sabiam ainda o tamanho do estrago nem quando seria possível consertar e a defesa civil estaria levando alimentos, produtos de higiene e combustível, mas não transportaria pessoas, pois os esforços da patrulha aérea eram para resgatar os feridos das áreas que tinham sido mais castigadas, e em momento oportuno estaria retirando todas as pessoas das áreas de risco.

Alguns resolveram chamar aquele aguaceiro de segundo dilúvio. Jorge não tinha muita certeza, pois não havia presenciado o primeiro, porém sabia que não estava em uma arca, mas estava em um lugar privilegiado, no ponto mais alto do pé da serra.

O dia amanheceu, o motor gerador de energia foi desligado mais cedo com o objetivo de poupar combustível, pois ninguém sabia ao certo quando as coisas voltariam ao normal. Jorge passou a contemplar a vista enquanto esperava o café ferver em uma chaleira no fogão de lenha, que depois de mais de meia hora de tentativas estava com o fogo aceso.

O cenário era devastador! Por sorte a casa não desceu morro abaixo, estava alicerçada em uma espécie de plataforma natural em uma rocha, mas as casas que ficavam em um nível mais baixo estavam totalmente cheias de lama.

O cheiro de café fez Jorge lembrar que havia deixado uma vasilha no fogo. Correu até a velha cozinha assoalhada de madeira de lei onde o café escoria pelas tábuas, metade tinha derramado, mas ainda sobrara um bom bocado.

Serviu uma xícara e ofereceu outra ao Branco que parecia recusar, recusou! Sentou em um banquinho, tomou o rádio, colocou pilhas novas e procurou uma faixa que estivesse noticiando o fenômeno do dia anterior.

– Para o serviço de meteorologia essa chuva foi a maior do ano, informava uma faixa.

– Pessoas continuam desaparecidas, diziam outras.

E uma quase no final do mostrador do rádio tocava uma canção que fazia Jorge lembrar do tempo em que viajou para outra região a fim de estudar Agronomia na faculdade da capital do Estado. Ele nunca descobriu quem era o cantor daquela linda música.

Gostava de todas as partes, da melodia, da letra, do acompanhamento e do solo com o qual o guitarrista insistia em provar que a perfeição existe. Por um instante o cavalheiro esqueceu-se dos problemas à sua volta e passou a ouvir, com a alma, aquela linda melodia que soava como bálsamo aos seus ouvidos. Ele adorava música. Também pudera, dona Estela, sua avó materna, era uma excelente pianista e seu avô tocava acordeom. Bela dupla formava o casal de idosos.

– Sabe, Branco, meu chapa, essa música me faz lembrar os momentos incríveis que vivi em minha vida!

Latidos de seu amigão pareciam confirmar a teoria de que o cão é o melhor amigo do homem, o cachorro parecia até gostar da música vinda do rádio.

– Que bom que você gosta, pois não temos como sair daqui. Contarei de maneira resumida a história dessa música para você, mas, por favor, se não estiver gostando dê dois latidos que entenderei e não conte para ninguém, entendeu?

O sujeito agora pensava que, depois de um temporal horrível, as pessoas enlouquecem e começam a falar com seres de outra espécie, esse era o primeiro sintoma.

O animal parecia não estar disposto a esperar e decidiu latir tão logo o homem parou de falar, o que deu a impressão de que aquele cachorro tinha entendido o recado.

– Calma, explicarei. O bicho deitou-se com a barriga voltada para o chão e apoiou o queixo sobre as patas cruzadas.

– Eu cursava o segundo ano de Agronomia, um dia em uma aula em campo em número de vinte alunos, divididos em

cinco grupos de quatro alunos, eu era o único vindo do interior. O cachorro deu dois latidos.

– Você não está gostando? Mais dois latidos.

Está certo, continuarei. Os outros eram todos boa-pinta, daqueles que estão ali somente para conseguir um diploma e mostrar para os pais que podem, eles não exerceram a profissão. Ela sentava na primeira fileira, era a menina mais linda da sala. Meiga, linda e inteligente. Tem mistura mais perigosa, amigão?

De repente a música começou a tocar cada vez mais baixo, o rádio silenciou totalmente, teria sido a pilha, cogitava o homem, ou será que mais estragos aconteceram com as redes de comunicação? Televisão não funcionava mais, a luz estava racionalizada e agora o rádio.

– Deve ser a pilha, acho que tenho uma nova em minha mala... Pronto! Agora vamos ver se vai funcionar. Hum, não funcionou! Depois tento novamente. Venha, vamos dar uma volta por aí para respirarmos um pouco.

A vila deveria ter umas quinze casas, que abrigavam umas cinquenta ou sessenta pessoas. Como que combinado, todos limpavam a lama das varandas e das calçadas, e aos poucos a vida parecia voltar ao normal. Jorge não conhecia nenhuma pessoa, fazia três dias que ele tinha chegado da capital onde trabalhava.

Ele procurava resolver a documentação para requerer a herança deixada por sua avó, a fazenda Esperança. Antes a fazenda tinha sido de renome, agora não passava de um monte de terra, boa para cultivo, claro, mas sem ser muito cultivada.

O moço decidira mudar-se para o interior definitivamente, estava cansado da correria e agitação da cidade, fechou o escritório onde prestava serviços de Agronomia e mudou para o interior, pelo menos por uns tempos, também pediu uma licença da escola onde ministrava aulas de Agronomia para tratar dos negócios da família.

– Vamos nos sentar, daqui dá para ver o vale e a ponte, ou o que restou dela. Deixa eu lhe contar o resto da história. Onde foi que parei mesmo? Mais dois latidos.

– Sei! Mistura perigosa, lembra!? Beleza, simpatia e inteligência são adjetivos até pequenos para descrever o que ela significava para mim. Nunca tive coragem de dizer tudo o que pensava e sentia em meu coração, ela era inalcançável, pelo menos foi. O fato é que eu perdi tanto tempo esperando até que ela resolveu mudar de cidade e casar com aquele grandalhão da primeira fileira, Gustavo.

– Os dois foram morar em algum lugar fora do país e nunca mais nos vimos. Faz uns dezessete anos que isso aconteceu. Hoje, talvez, eu agisse de outra maneira. Definitivamente não a deixaria viajar sem saber o que eu pensava a seu respeito.

Aquele homem passou mais de uma hora falando com seu mais recente e único amigo. A vista era linda, a sombra da árvore era esplêndida e o canto dos pássaros magnífico! Tudo isso estava somado às doces lembranças que Jorge guardava, do lado esquerdo do peito, dentro do coração.

– Ei, moço, disse um rapaz.

– Sim, respondeu Jorge.

– O senhor poderia me arranjar um cigarro?

– Se eu fumasse, sim, mas não fumo, parei faz treze anos.

– Estou tentando parar, mas não consigo. Acredito que se eu conseguisse passar um único dia sem fumar nunca mais fumaria.

– Espero que consigas, desejo-lhe sucesso.

– O senhor não é dessas bandas! É? Eu pelo menos nunca o vi andando por aqui. Vi de onde o senhor saiu, da casa da dona Estela, senhora muito boa, ajudava a todos da vila, dizem que ela fazia uns bolinhos de chocolate deliciosos. Eu nunca provei, mas todos comentam.

– Ela era mãe de minha mãe. Você tem razão quando afirma que eu não sou daqui. De fato não sou mesmo, embora já tenha vivido aqui em minha infância. Sobre os bolinhos estou tentado a concordar com o que dizem, pois eles eram fabulosos. Ela guardava a receita a sete chaves.

E de onde o senhor é?

Aquele rapaz estava mesmo curioso, nem conhecia o moço e já o importunara com suas perguntas nada discretas. O forasteiro, como foi traçado um perfil a seu respeito, achou no mínimo estranho, um sujeito que aparece do nada fazendo-lhe tantas perguntas, mas educado como sempre resolveu responder.

– Sou da capital, e antes que você me pergunte estou aqui para cuidar dos bens da minha família e procurar por um velho tio que eu soube que mora em algum lugar nessa vila.

O homem parecia ter se irritado, levantou-se de onde estava, olhou mais uma vez o horizonte, puxou seu cão e começou a andar, mas aquele rapaz estava mesmo com vontade de conversar.

– Senhor, poderia me dizer o nome de seu tio, quem sabe até eu o conheça?

– Anastácio, Anastácio Ferreira. Até mais.

Jorge virou-se e começou a andar, o cidadão também, e estava mais perto que os carrapatos que Jorge retirou de seu amigo peludo, Branco. Embora não fosse uma regra não falar com estranhos, aquele intrometido já havia passado dos limites.

– Onde já se viu um estranho fazer perguntas íntimas sobre minha família, quem ele pensa que é?

Mas Jorge parou ao ouvir que o homem pronunciou alguma coisa familiar.

– Seu Anastácio pintor?

– Sim, você o conhece.

– Quero dizer ex-pintor, pois já não pinta faz mais de ano.

– E por que não?

– Ele está cego.

Jorge fez um silêncio que pareceu durar uma eternidade, sua mente girou mais rápido que o normal passando cenas e mostrando retratadas diversas telas pintadas por seu tio, rostos familiares, autorretrato, paisagens, casarios e outras abstratas, tudo feito no capricho pelas mãos de quem entende de arte.

Jorge não podia imaginar a angústia que seu tio poderia estar vivendo, como um pintor conseguiria sobreviver sem ver as cores, a luz, o contorno dos objetos, a textura e as outras peculiaridades próprias das artes plásticas.

– Você sabe onde ele mora? indagou Jorge apressadamente.

– Sei.

Você me levaria até lá?

O transeunte o olhou dos pés à cabeça, não só uma vez, mas várias. Jorge gelou achando que aquele homem estava mentindo e nunca encontraria um parente ali. Certa insegurança se instalou na mente do forasteiro. Como será que ele vai querer extorquir meu último salário? Era a pergunta que pairava naquela mente de *play boy* morador da capital.

O escritório que prestava serviços de Agronomia não estava indo muito bem havia algum tempo, aquele outrora empresário agora estava quase falido. Tinha trazido alguns trocados, mas logo acabariam, e uma extorsão era o que Jorge menos queria que acontecesse naquele momento.

– Vamos, homem, levarei você até seu tio. É logo ali na frente, na sexta casa dessa viela, mas não pense que estou levando você porque fui com a sua casa, e sim porque todos aqui na vila admiramos o seu tio.

O sujeito que se tornou o guia de Jorge não foi nada gentil, passava a impressão que não havia acreditado em nenhuma palavra pronunciada por ele. Mas, mesmo assim, decidiu levá-lo até a casa de seu Anastácio, além de exímio pintor, o velho tio era muito bom músico, talento que exercia atualmente por conta do problema com a visão.

– Pronto, é aqui.

Agora me deixe ir embora, tenho muita coisa para fazer e muita lama para limpar. Até outro dia e, caso você trate mal esse senhor, vai arranjar problemas.

Agora era somente Jorge e seu Anastácio, mas o que a gente pode falar em uma ocasião como esta? Não que Jorge fosse um sobrinho desnaturado, mas por uma série de fatores ele nunca tinha visto o tio, exceto por algumas velhas fotografias que o tempo tinha se encarregado de dar um fim.

– Bom dia! Tem alguém em casa? Estou procurando pelo senhor Anastácio. Tem alguém em casa?

Silencio foi tudo que veio do interior da casa como resposta. Não seria de admirar que alguém não quisesse conversar, pois a casa tinha lama até quase a altura da janela. Somente depois de insistir repetindo basicamente as mesmas frases, Jorge ouviu alguém tossir como respostas as suas muitas frases.

– Tio Anastácio, sou seu sobrinho Jorge.

– Anastácio tudo bem, mas seu tio acho que não! Não tenho nenhum parente, o último que tinha, minha irmã, faleceu há um mês. Vivo sozinho nessa casa com ajuda de alguns amigos.

– Certo, o senhor não me conhece, é claro, mas sou seu sobrinho e posso provar.

Jorge fala enquanto caminha para o interior da casa em direção ao som abafado e rouco da voz de seu tio que ecoava na saleta perto da varanda. Incrivelmente toda aquela lama estava da porta central para fora, dentro não tinha um vestígio de água, sujeira ou lama.

– Se é verdade que eu sou seu tio me diga pelo menos uma coisa que faça lembrar-me de você antes que eu o coloque para fora de minha casa. Se você não é meu sobrinho, isso é uma piada no mínimo de mau gosto.

– Exatamente do jeitinho que minha mãe escrevia nas cartas que me mandava quando eu estudava Agronomia na capital. Acredito que verdadeiramente ela o amava, sempre que me escrevia, e não foram poucas vezes, ela sempre mencionava o senhor. Uma espécie de unha e carne; notas e melodia; arranjo e instrumentos; tela e inspiração. Ela sempre fechava as cartas com essas frases.

– Sempre nos tratávamos assim, mas desculpe a minha cabeça ruim porque não me lembro de você. Nunca ouvi sua voz antes, a parte do meu cérebro reservada à sonoridade está muito bem, o tempo não a afetou, parece até que a deixou melhor, mas definitivamente não lembro.

– Não é de espantar o senhor não lembrar, pois nos vimos pouquíssimas vezes, e nunca nos falamos por telefone. Também pudera, o telefone mais próximo está a quinze quilômetros. Não tenho muitas lembranças de minha infância aqui, sei que foram tempos difíceis porque minha mãe falou, quando me mandou para a cidade, para morar na casa de meus padri-

nhos, gente muito boa por sinal, cuidaram de mim como o filho que eles nunca tiveram, sua esposa não podia ter filhos.

– Depois dessa informação estou começando a lembrar. Você é o Jorge, aquele menino chorão, que vivia mexendo em minhas tintas. Lembro que pintei um retrato de você na bicicleta vermelha, foi o meu primeiro trabalho.

– Também me lembro dessa bicicleta, tenho uma marca no joelho que não me deixa esquecer. Embora com toda necessidade que a família passava eu me divertia a valer mesmo.

– Sua mãe era um doce, me desculpe mas o canalha de seu pai não a merecia, prova disso é que depois que soube que ela estava grávida, desapareceu e nunca mais voltou, espero que nem volte.

– Infelizmente tenho que concordar com o senhor, mas como eu nunca o conheci não criei muitos laços afetivos, sempre vi um pai em meu padrinho.

– Como é mesmo o nome dele? interrompeu seu Anastácio.

– Bill, como era conhecido, na verdade Jander Bill de Araújo, e minha madrinha Natália. Os dois ainda estão vivos e moram no interior com uma irmã de dona Natália. Depois que viajei para estudar fora, os dois acharam melhor viver no interior, mas sempre nos falamos, inclusive eles deram maior apoio quando souberam que eu vinha para a fazenda Esperança.

– É, filho, a vida me pregou essa peça. Claro que eu não reclamo, mas você pode imaginar o que esse problema na visão significa para mim. Logo eu que tinha uma intimidade muito

grande com as cores. Faz um ano que mergulhei nesse mundo sem cor. Sua mãe cuidou de mim todos os dias, não deixou que faltasse nada, cultivou uma horta no quintal de onde tiramos todo nosso sustento nesse primeiro ano.

– Teremos que plantar outra, a água levou a de mamãe. Tenho alguns planos em mente. Algumas técnicas de Agronomia poderão, em pouco tempo, produzir o triplo do que já foi produzido aqui.

– Você poderia me passar o isqueiro que está na mesinha?

– Sim, claro.

Aquele senhor carregava um cansaço enorme, seus sessenta e cinco anos pareciam oitenta, ele respirou profundamente, acendeu o cigarro, deu uma bela tragada, apenas abriu a boca deixando a fumaça sair lentamente e envolver-se em uns tufos de cabelos brancos que pretendiam, um dia, cobrir toda a sua cabeça.

Mais uma bela puxada no cigarro feito com tabaco de corda, produzido ali mesmo naquela região, e seu Anastácio esticou o banco na direção do sofá e pegou sua sanfona. Uma tragada, uma nota, mais uma tragada, mais outra nota e lentamente foi saindo uma melodia triste daquele instrumento velho.

O tocador parecia cochilar, a plateia composta por apenas um, parecia extasiada e assustada, ora porque a música estava muito boa, ora porque o cigarro beirava a queda e mirava o alvo, dois ou três botões abertos da camisa, diretamente no peito daquele senhor. Jorge chegou a pôr a mão na certeza de aparar o cigarro que ameaçava cair, mas o danado não caiu.

– Você gosta de música? indagou o senhor Anastácio assim que retirou o cigarro da boca.

– Até gosto, na verdade gosto muitíssimo. Já li em algum lugar que sem a música a vida seria um erro, respondeu sorrindo.

– E de cigarro? perguntou o velho tossindo.

– Não, nunca fumei. Bem que tentei quando tinha meus dezessete ou dezoito no primeiro ano de faculdade, mas percebi que eu não tinha talento para essas coisas.

– Seu primeiro ano de faculdade deve ter sido cheio de aventura, novos amigos, pessoas inteligentes, ambiente acadêmico tudo isso é muito interessante. E as garotas? Você casou? Tem filhos?

– Não casei, nem tenho filhos, eu achava a garota da primeira fileira muito interessante, passei tanto tempo olhando e esperando uma oportunidade que ela casou-se com outro e mudou-se de cidade. Mas isso é outra história.

III

Estela adormeceu e não viu a sua amiga Marta ir embora. "Além de ficar com a herança de minha mãe a vovó ainda insiste na história de que Tiago e Maria foram assassinados". Esse foi o último pensamento que ela teve antes de adormecer profundamente.

Amanheceu. Todos continuaram as suas vidas, monótonas e frias. Rotina era a palavra ideal para aquelas pessoas que moravam naquela metrópole. Elas iam, e vinham, às vezes, trocavam um olhar. Sorrir parece ter sido proibido por algum legislador mal-humorado, ninguém sorria.

Chegou a hora do almoço, como costume da cidade um comia na frente da televisão, outro na frente do computador, o mais velho tinha saído, o mais moço esta, na aula de inglês e somente a dona Sebastiana comia sentada à mesa. Talvez pelos maus-tratos que ela fazia questão em distribuir a todos que cruzassem o seu caminho, ela sempre comia só.

Estela não estava dormindo, aliás nem tinha dormido muito, também não estava em casa, saiu antes mesmo do café da manhã. Ninguém a viu nem ela teve o desejo que alguém a visse. Saiu cedinho e foi até a rodoviária.

– Moço, poderia me informar quanto custa uma passagem para a região serrana?

– Olhe, moça, custa menos que o par de brincos que a senhorita está usando, mas no momento não estamos fazendo nenhuma viagem para essa região. Por onde tem andado? Não ficou sabendo que a chuva foi duas vezes mais forte por aquelas bandas? Arrastou casas, derrubou postes e pontes. No pé da serra não houve muito estrago, mas não é possível o ônibus chegar até lá sem a ponte.

– Existe uma previsão de quando as estradas serão reabertas?

– Olha, se caminhar na velocidade que as obras caminham por aqui, vai demorar muito. Aquele lugar foi esquecido, parece que nem existe mais no mapa. Estela deu uma olhadela no mapa fixo à parede.

A piadinha soou sem graça aos ouvidos de Estela, mas ela nada respondeu. Deu meia volta e decidiu comprar algumas coisas para a viagem que planejava fazer. Encontrar o maior

número de amigos da turma passou a ser a sua missão e nos últimos dias ela trabalhou de modo árduo. Pouco a pouco conseguiu manter contatos com alguns poucos amigos e trocaram telefones.

– Oi, Marta, é Estela. Você está desocupada para um sorvete?

– Claro, estava mesmo querendo falar com você, pois não nos falamos mais desde a chuva. Sua avó é bem chatinha.

– Verdade, desculpe o comportamento dela. Espero que você compreenda. Então, passo a que horas para apanhar você?

– A hora que quiser.

– Estou indo, então, agora na parte da manhã ainda.

A mãe de Estela havia sido uma senhora muito rica nascida em família abastada, deixou algum dinheiro aplicado em imóveis, mas dona Sebastiana e os filhos de um casamento anterior arranjaram um advogado trambiqueiro e, em uma manobra jurídica, tomaram tudo dos verdadeiros herdeiros, restando para Estela somente um jipe, carro que a ajudaria na viagem.

Por volta das sete da noite, Estela buzinou em frente ao portão de Marta. Ela acenou pela janela convidando-a para entrar enquanto terminava de se arrumar. No quarto, as duas conversaram sobre o que aconteceu semanas antes com a dona Sebastiana. Deixaram os detalhes de lado e mudaram de assunto, recusaram-se a acreditar que o caso de Tiago e Maria tivesse sido um assassinato. Depois que o carro começou a rodar, Estela deu início à explanação de seu plano infalível.

– Isso mesmo que você acabou de ouvir. Eu voltarei à fazenda Esperança e procurarei provas para mostrar a quem quer que seja que Jonas é inocente. Falando em Jonas, eu o encontrei na internet, vai me enviar uma coisa que, segundo ele, eu acharei muito interessante.

– E como ele está?

– Casou e trabalha em um escritório de contabilidade da família. Também não mora mais aqui em nosso Estado. Não nos falamos muito, a conexão estava horrível. Falei sobre o plano, no entanto sua esposa está para dá à luz uma menina e ele tem que ficar com ela. Mesmo assim acho que agora ele tem outros interesses diferentes dos nossos de solteiras.

– Não olhe agora, mas o rapaz da outra mesa está me olhando muito. Ele mora a três quadras de minha casa e sempre que passa fala algo para mim. Claro que eu nunca respondo, mas sinto o coração bater exageradamente acelerado. Acho que gosto dele. Ai, meu Deus!

– O que foi? Há algum problema?

– Não, nenhum. Ele está vindo para cá.

– Você quer que eu vá ao banheiro para disfarçar e deixá-los a sós?

– Não, por favor. Se você for, mato você.

Marta tinha dezenove anos, mas naquele instante, por mais generoso que alguém fosse, não lhe daria treze, suas bochechas sempre brancas, sem muita maquiagem, agora estavam rosadas como a das crianças que adoram se maquiar. O

garoto nem era tão bonito assim, era forte, estilo atleta, mas o que mais deixava Marta encantada era a maneira como ele a tratava, mesmo sendo um desconhecido.

– Meninas, posso sentar-me aqui com vocês e explorá-las forçando-as a pagarem mais um sorvete para um desconhecido? brincou o rapaz com um largo sorriso.

– Claro, adiantou Estela.

– Sim, mas só se você pagar os nossos sorvetes também, completou Marta

– E eu quero mais uma taça de morango bem recheada com pedacinhos de chocolate e uma cereja pra enfeitar.

– Eu vou querer saber o nome do moço que adora pagar sorvetes para garotas desconhecidas.

– Emerson, muito prazer. E com quem eu tenho a honra de falar? ele perguntou enquanto cumprimentava as duas com um longo aperto de mãos.

– Ela é Estela, e eu me chamo Marta. Somos amigas desde que estudávamos juntas em um vilarejo do interior.

A conversa continuava animada, os três nem perceberam que estavam ficando quase sozinhos na lanchonete. Conversavam animadamente por mais de duas horas sobre assuntos que iam de química quântica à teoria da conspiração e política governamental. Foi uma ligação sinestésica a deles. Se acreditassem em vidas paralelas, teriam sido no mínimo irmãos em outra vida.

Emerson pagou a conta, despediram-se do garçom e saíram. No itinerário logístico de caronas, o primeiro ponto era a casa de Emerson, depois a de Marta. As duas, em uma ida ao banheiro, decidiram que não seria dada mais atenção se não um aperto de mãos ou abraço no máximo. Era uma espécie de teste para ver se a disposição do rapaz era mesmo verdadeira.

No dia seguinte as duas marcaram para almoçar juntas, em um barzinho no centro perto do Museu de História Natural. Ele, embora trabalhasse no museu, não dissera nada para as duas, porque não haviam perguntado.

Elas escolheram uma mesa longe da porta principal de entrada onde não tinha muito movimento. Pediram uma água tônica enquanto examinavam minuciosamente o cardápio.

– Acho que vou pedir frango grelhado, salada e uma porção de fritas. E você?

– O que você sugere?

– Essa carne ao molho de camarão é muito boa, e é minha predileta. Sempre peço a mesma coisa quando venho aqui.

– Acho que seu telefone está tocando.

– É ele. E agora, o que eu faço?

– Atende logo!

– Oi, aqui é Marta. Depois de uma pausa, Marta tampa com uma das mãos o telefone e cochicha com a amiga.

– Ele me enviou flores.

– Não, não estou em casa. Sim, estarei no fim da tarde. Estarei sim, se você quiser aparecer. Entendo. Vai trabalhar até mais tarde então? Onde você trabalha mesmo? Não acredito. Sério, não me enrola? Estamos a duas quadras daí. Se aparecer ainda poderá provar a sobremesa.

– Ele vai passar aqui?

– Vai. Trabalha aqui próximo no Museu de História Natural.

– Acabei de ter uma ideia. Se o chamarmos para vir conosco visitar a fazenda Esperança, você vem comigo, certo!? Acha que ele aceitaria? Poderia ser muito útil. Afinal ele deve ser bem inteligente, e não é bom duas garotas rodando por aí na estrada, caso fure um pneu.

As duas riram bastante a ponto de chamar a atenção das mesas vizinhas. Mesmo assim, não se preocuparam em parar, afinal tudo estava caminhando a passos largos em direção a tão esperada missão, tirando os problemas de logística com despesa de combustível e alimentação, faltava a bendita ponte ser reconstruída.

– Fique séria, ele está entrando. Marta acenou para que o rapaz notasse onde elas estavam sentadas. Ele rapidamente entendeu o recado e se dirigiu para a mesa puxando uma cadeira e sentando ao lado de Marta e em frente a Estela.

– Então você trabalha no Museu de História Natural e não nos disse ontem na lanchonete, quando quase nos convenceu a pagar o seu sorvete?

– Sim, trabalho. E foi lá que vi você pela primeira vez. Trabalho no setor de paleontologia. Lembro que você estava de mochila cor-de-rosa, usava jeans e uma camisa branca com flores estampadas na frente, atrás não deu para ver a estampa, pois a mochila não permitiu.

– Eu me lembro desse dia, mas não de você. Eu havia passado lá para apanhar um livro no pavilhão que funciona a biblioteca. Essa blusa foi a senhorita que está sentada a sua frente quem me deu no dia em que eu completei dezenove anos.

– Se faz exatamente um ano, dois meses e vinte e cinco dias que vi você, significa que tem vinte hoje. Dizem que é feio perguntar a idade a uma garota, mas como estou afirmando, há exceção.

– E você esperou esse um ano para pagar um sorvete? Que pão-duro você é!

– Não fiz por mal, pagarei mais um para compensar.

– O que acha, Estela, será que dou essa chance para esse pobre coitado?

– Dê uma chance ao rapaz. Afinal se estamos juntas eu também usufruirei da recompensa, mas, por favor, se quiserem que eu dê uma voltinha e passe depois para apanhá-los, fiquem à vontade.

– Não, não precisa. O meu horário de almoço já está quase acabando.

Ao conferir o relógio e notar que havia ainda vinte e cinco minutos, Emerson começa a planejar o novo encontro para o

trio, ele fazia questão que a amiga de Marta viesse também. Marta o convidou para um jantar em família na sexta em sua casa, ele aceitou.

Depois de deixar a amiga em casa, Estela pegou um caminho diferente do costumeiro e dirigiu sem muita pressa. Era uma via à beira-mar. Em um ponto não muito movimentado, ela parou o jipe, pediu uma água de coco, tirou os óculos escuros e o prendeu no alto da cabeça, reclinou um pouco o banco do motorista e limitou-se a observar o mar. Sentada, inerte, sozinha, deu um pequeno cochilo, mas logo foi despertada ao sabor de água de coco molhando os seus pés.

– Nesses últimos dez anos, o saldo dos acontecimentos não foi muito positivo. Primeiro perdi minha mãe naquele acidente horrível na estrada. Depois meus amigos despencaram da serra. Minha avó parece não gostar muito de mim. Acho que ela imagina que eu um dia tomarei o dinheiro que ela pegou de minha mãe sem a sua autorização. E agora essa missão, o que me aguarda? Marta já está se arranjando com o seu príncipe encantado, e eu? Nem um sapo para ser beijado apareceu nesses últimos anos.

Olhando diretamente no espelho retrovisor, Estela falava em voz alta para si mesma. Esses últimos anos tinham sido exigentes, medonhos em alguns pontos. A dor, a tristeza e o pesar tinham sido seus companheiros diários, tirando esses últimos dias era difícil vê-la sorrir. Os fatos derradeiros eram cruéis com qualquer ser humano. Depois de um longo silêncio Estela ligou o carro e saiu.

IV

– Estou pensando em parar de fumar, mas até agora não tive um motivo significativo.

– E, por acaso, eu sou esse motivo significativo? Até ontem nem nos conhecíamos, não me acho um bom motivo, mesmo assim estou honrado.

– Pronto! Acabei de fumar meu último cigarro, poderia pegar o restante do tabaco que está na gaveta da mesinha e jogar na lixeira?

– Nossa, tio, o senhor tem um estoque que daria para fumar o ano inteiro!

– Sabe, filho, neste último ano, esta foi a primeira vez que peguei no instrumento que tanto estimo para tocar uma canção. Depois que perdi a visão fui obrigado a parar de pintar. Foi em fevereiro do ano passado, faz exatamente um ano, três meses e dezessete dias. Eu pintava algo a alguns metros do chão e ao descer bati na escada acidentalmente e a lata de um solvente químico, que eu usava, virou dando-me um banho e encharcando os meus olhos. Perdi a visão de um olho instantaneamente, e, após dois meses, a do outro.

– Lamentável, disse Jorge, principalmente porque as cores são a razão da existência dos pintores. Deve ter sido uma barra para o senhor.

Depois de um bom tempo em silêncio, Seu Anastácio, com a voz embargada, pronunciou uma sentença curta e definitiva:

– Você não pode imaginar quanto. Não perdi somente a visão, mas, sobretudo, a inspiração, como prova disso essa canção foi a única neste último ano.

Jorge emocionou-se, abaixou a cabeça e chorou.

– Quais os seus planos para a fazenda Esperança?

Jorge limpou as lágrimas e respondeu:

– Mudei para cá a fim de cultivar a terra. Começarei com uma horta, depois convidarei alguns agricultores para fazermos uma cooperativa agrícola. O senhor já está convidado para ser meu sócio.

– Claro, aceito com prazer, mas existe um problema.

– Qual?

– Na atual condição eu nunca verei a minha parte no negócio.

Os dois riram bastante. O velho artista não havia perdido o que ele tinha de melhor, o seu senso de humor.

– Então, tio, o que acha de morar comigo na casa de mamãe?

– Não sei, eu não quero ser um peso para você.

– Você não é. Será um privilégio.

– Tudo bem, mas tem uma condição.

– Diga qual.

– Só vou se eu levar minha sanfona comigo.

– Com certeza!

– Mudamos quando?

– Agora mesmo ou quando o senhor preferir.

Jorge ouviu um barulho vindo da varanda, abriu uma das janelas e avistou um grupo de mais ou menos oito pessoas. Nenhum tinha cara de amigo. Dentre elas estava o sujeito que ensinou o endereço a Jorge.

– É este aí, afirmou o moço.

– Você veio roubar as terras, disse a senhora com um lenço amarrado na cabeça. Antes que Jorge respondesse, outro argumentou:

– Conhecemos gente como vocês. Passam por parentes e herdeiros até conseguirem o que querem, depois vendem a propriedade e somem.

O caos estava instalado. Todos falavam ao mesmo tempo, Jorge não sabia se fechava a janela ou se tentava explicar que aquilo não passava de um mal entendido. Eles precisavam saber que as intenções dele eram as melhores.

– Acalmem-se, assim não vamos nos entender. Todos sem exceção calaram-se. Aquelas pessoas tinham um carinho muito grande por aquele senhor.

– Este rapaz é meu sobrinho, filho de minha irmã. Ele tem bons planos para o nosso vilarejo, mas vou deixar que ele mesmo explique.

Uma reunião foi marcada para o dia seguinte, embora o clima parecesse favorável, Jorge e Anastácio tinham muita coisa para conversar, afinal já havia decorrido aproximadamente trinta e três anos desde que os padrinhos de Jorge foram para a capital.

A mãe de Jorge tinha sido mais humanista que administradora, embora ajudasse todos os que a procuraram, estava sem dinheiro.

– Temos um bom pedaço de terra cultivável na fazenda Esperança, e a outra parte poderemos explorar com turismo de aventura. Acredito que as grutas e as serras podem gerar algum lucro.

– Você tem uma visão de empreendedor, não consigo entender como não ganhou dinheiro na capital.

– O maior problema foi a concorrência. Neste mundo capitalista ao extremo, ou as pessoas evoluem e se adéquam às exigências do mercado, ou são engolidas pelas grandes corporações.

– Nesse ponto você tem razão.

Caixas e mais caixas foram fechadas e identificadas. Nem todas iriam para a nova casa, as que ficassem seriam úteis, em um futuro próximo para o escritório que funcionaria ali mesmo na casa do tio Anastácio. No dia seguinte, conforme o combinado, todos compareceram à reunião, Jorge, o novo dono da fazenda, explicou tudo da maneira mais clara possível.

Os trabalhadores continuariam cultivando a terra, Jorge faria uma espécie de celeiro para estocagem dos produtos de lá que levariam às cidades das redondezas.

A logística da distribuição não teria muitas mudanças nesse primeiro momento. Jorge usaria sua pick-up. Depois, conforme a produção crescesse, ele fretaria um caminhão. Tudo estava acertado. Agora era só aguardar a reconstrução da ponte para ir até a cidade tentar conseguir um crédito no banco.

Do outro lado da região, na capital, à espera da reconstrução da bendita ponte, tornou-se o assunto predileto de Estela, não via a hora de sair e pegar a estrada. A convivência na casa de sua avó estava a cada dia mais difícil. No primeiro momento o que seria uma excursão investigativa de um final de semana, tornou-se um desejo de sair de casa e não mais voltar, também pudera, com a avó que tinha.

– Oi, Estela, estou ligando para lhe informar que não vai ser mais possível realizarmos o jantar que combinamos, pois minha tia está muito doente e minha mãe teve que sair para ficar com ela no hospital, logo não terá clima.

– Tudo bem, Marta. Não tem problema, assim eu aproveito para colocar algumas coisas em ordem.

– Você está precisando de ajuda?

– Sim, claro, estou sim. Quer que eu vá pegar você aí?

– Não, não precisa. Moro a uma quadra de sua casa e chego aí em um minuto.

Cinco minutos mais tarde, Marta estava na casa de Estela. Ambas riam tanto das histórias engraçadas que decidiram sair para não causar nenhum desagrado a avó de Estela.

– Para onde vamos?

– Na última vez que nos falamos, tomei uma água de coco em uma lanchonete à beira-mar, tem uma vista maravilhosa e o pôr do sol é incrível.

– Eu topo, disse Marta, antes que a amiga perguntasse ou sugerisse alguma coisa.

– Acho que seu celular está tocando, afirmou Estela.

– É o número de Emerson, o que eu faço?

– Atende, criatura de Deus!

– E o que eu digo?

– Quanta indecisão para uma única pessoa, Estela afirmou controlando o riso. Convide-o para nos acompanhar.

– Oi, quem fala? perguntou Marta, mesmo tendo certeza de saber quem estava do outro lado da linha.

– Sou eu, Emerson. Você está bem?

– Estou, e você?

– Melhor agora.

– Essa expressão é bem antiga, não?

– Sim, claro, mas ainda é muito útil, principalmente quando estamos apaixonados por alguém.

– Hum... Que romântico. Quem está apaixonado por aqui?

– Eu, desde o dia em que vi você.

O coração de Marta estava para explodir de emoção. Aquilo era bom demais. Tudo o que ela tinha imaginado estava vi-

rando realidade. Ela estava vivendo um verdadeiro conto de fadas, seus olhos brilhavam, estava radiante.

– Marta, alô, Marta, você está aí?

– Sim, claro, estou sim, me desculpe.

– Emerson, você quer tomar uma água de coco comigo e Estela. Estaremos na lanchonete que fica à beira-mar.

– Claro, conseguirei chegar somente dentro de uma hora. Se vocês puderem me esperar, ficarei muito grato.

– Esperaremos.

– Tchau!

– Beijo e até mais!

– Estou adorando vê-la feliz desse jeito, já fazia um bom tempo que eu não via você assim.

– Você tem razão, esse relacionamento está me fazendo bem.

– Ele já beijou você?

– Não, na verdade só nos vimos mais uma vez depois daquele dia na sorveteria. Falamos bastante, claro, por telefone somente.

– O que mais lhe chama a atenção nele?

– Não sei ao certo, ele não é aquele rapaz bonitão, mas é muito inteligente e gentil, também romântico.

– Poxa, minha amiga, desejo todo sucesso do mundo a você.

– Obrigada!

Estela estacionou o carro na areia da praia. Ainda faltava meia hora para o príncipe encantado de Marta chegar, e as duas passaram a conversar alegremente sobre a viagem que fariam, tão logo a ponte estivesse em condições de trafegar.

As duas explicariam os planos a Emerson e o convidariam, naquela tarde, para que fizesse parte da equipe.

Ele era o membro mais preparado e que melhor conhecia a região, pois além de praticante de alpinismo, tinha conhecimentos de história natural, assim seria mesmo muito útil. Enquanto as amigas conversavam distraidamente, Emerson, sem ser notado, foi até o balcão e comprou três cocos, andou apressadamente e colocou-os em umas das mesas pregando um susto nas duas que olhavam para o horizonte.

– Nossa, você quase nos matou de susto!

– Desculpe, eu não tive a intenção.

– Assim vai ficar viúvo mesmo antes de casar.

– Isso seria mesmo terrível!

– Sobre o que conversavam? Qual a parte do planeta que vamos explorar?

– Isso significa que está disposto a nos acompanhar mesmo que tenhamos que explorar o Polo Norte ou os Andes?

– Com maior prazer, respondeu o rapaz.

– Estela conte a Emerson qual será o plano.

– Primeiro me diga quanto tempo você tem hoje, você vive correndo.

– Já saí do emprego, às sextas saio às quatro da tarde. Tenho o resto da semana se quiserem.

– Então por que chegou as seis, estamos a trinta minutos do centro? Emerson percebeu um arzinho de ciúme vindo de sua namorada, que bom ele imaginou, sinal que ela está mesmo gostando de mim.

– Tive que esperar uma carona, do contrário chegaria somente às oito.

Depois de um breve momento de risos e olhares Estela começou a explicar.

– Vamos do início, o nome do lugar é fazenda Esperança, como você conhece dispensa apresentação.

– Um lugar muito lindo, afirmou Emerson.

– A dona era uma mulher muito bondosa, meu nome foi dado em sua homenagem, minha mãe a conheceu em um congresso ou feira agropecuária. Nós amávamos acampar nas serras de sua propriedade, em uma dessas vezes eu e Marta nos conhecemos.

– Eram bons tempos, disse Marta; Emerson limitou-se a sorrir.

– Em nossa turminha éramos uns seis, o mais velho tinha doze, a mais nova tinha quatro.

– Eu, afirmou Marta.

– Vocês não mudaram muito, ainda aparentam ser muito jovens. E ficam muito bem de vestido – ambas usavam vestidos, o de Estela era florido, o de Marta, azul. Aceitaram a gentileza e o elogio.

– Certo, prosseguiu Estela, satisfeita com o elogio, mas com um olhar de seriedade.

– Repetimos essa feita por várias vezes, íamos quase todos os anos.

– E por que pararam?

– Paramos por dois motivos.

– Vocês podem dizer quais?

– Sim, claro, o primeiro foi a separação de meus pais, algo muito ruim, um capítulo tenebroso em minha história, isso levaria um dia para ser explicado e um ano para ser entendido, quem sabe um dia eu escreva um livro sobre isso.

– De terror você quer dizer, disse Marta que conhecia toda história.

– E o segundo? indagou Emerson.

– O segundo é tão triste quanto o primeiro, só não é igual por ser pior para algumas pessoas.

– É o motivo da viagem de vocês?

– Rapaz, meu caro, até que você é um camarada muito esperto.

– Esse é exatamente o motivo.

– É uma missão investigativa?

– Sim, afirmou Marta.

– E vamos investigar exatamente o quê?

– Uma história mal contada e mal resolvida.

– E vocês não acham perigoso?

– Já faz algum tempo, ninguém mexe mais no caso, nunca ficou resolvido e, além do mais, estaremos em excursão, seremos turistas lá, vamos somente dá uma olhadinha no local.

– Essa história envolve dona Estela a amiga de sua mãe?

– Não.

– Então qual é o mistério?

Marta tomou a palavra nesse momento porque a emoção tomou conta de Estela e ela chorou.

– Um assassinato.

– Um assassinato, como assim?

– Na verdade foram dois assassinatos.

– Dois, indagou Emerson espantado e com os olhos arregalados.

– Não sabemos se foi um assassinato ou um acidente, afirmou Estela se recompondo das lágrimas, acrescentado que sanar essa dúvida era justamente o motivo da viagem.

– Por onde pretendem começar?

– É justamente nesse ponto que reside o problema, disse Estela.

– Estamos indo sem saber o que vamos procurar, completou Marta.

– Como foi que a coisa aconteceu?

– Eles estavam escalando, já haviam subido essa montanha várias vezes.

– Faziam o mesmo trajeto na subida e na descida sempre?

– Sempre, com exceção desse dia.

– E por que não?

– Eles falaram que queriam subir pelo lado leste e descer pelo lado oeste da última serra que faz fronteira com a propriedade vizinha.

– Alguém já havia feito esse trajeto antes, não conheço essa última serra?

– Acredito que não, respondeu Marta.

– O que mais sabem sobre o assunto?

– Dizem que foi sabotagem feita por um rapaz chamado Jonas.

– E por que ele faria isso?

– Por ciúmes, talvez.

– Ciúmes?

– Sim, as vítimas eram um homem, Thiago, disse Marta.

– E uma mulher, Maria, afirmou Estela.

– O que aconteceu com esse tal Jonas?

– Casou e mudou-se, responderam as amigas.

– Casou quanto tempo depois do acidente?

– Não sabemos ao certo, mas acreditamos que foram uns dois meses.

– O interessante é que ninguém sabia do noivado, não éramos amigos. Ele era amigo de Maria, afirmou Marta com um olhar de indagação e preocupada em pensar que um amigo mataria a amiga.

– Pensem comigo, meninas, se alguém está perdido de ciúmes ou é doente ou gosta muito de alguém, correto?

– Prossiga, disseram.

– Certo, e por que ele casaria em seguida se realmente gostava de Maria?

– Sua tese é válida, mas e se esse casamento for somente uma jogada? respondeu Marta.

– Como saberemos, completou Estela.

– Suponhamos que vocês descubram toda verdade, o que vão fazer depois de posse dessa informação?

– Você já pensou nisso, Estela?

– Não, Marta, mas tenho uns amigos que trabalham em um jornal como repórteres, eles adorariam essa história.

– Não existe nenhuma outra informação?

– A Estela fez contato com um primo dele pela internet.

– Ele afirmou que me enviaria a carta que Maria escreveu a Jonas semanas antes do acontecido. Pedi para que me enviasse por e-mail, mas preferiu via correio.

– E se Maria estivesse tendo um caso com ele?

– Não estava, responderam em uníssono com ar de desagrado.

– Me desculpem, respondeu o rapaz timidamente.

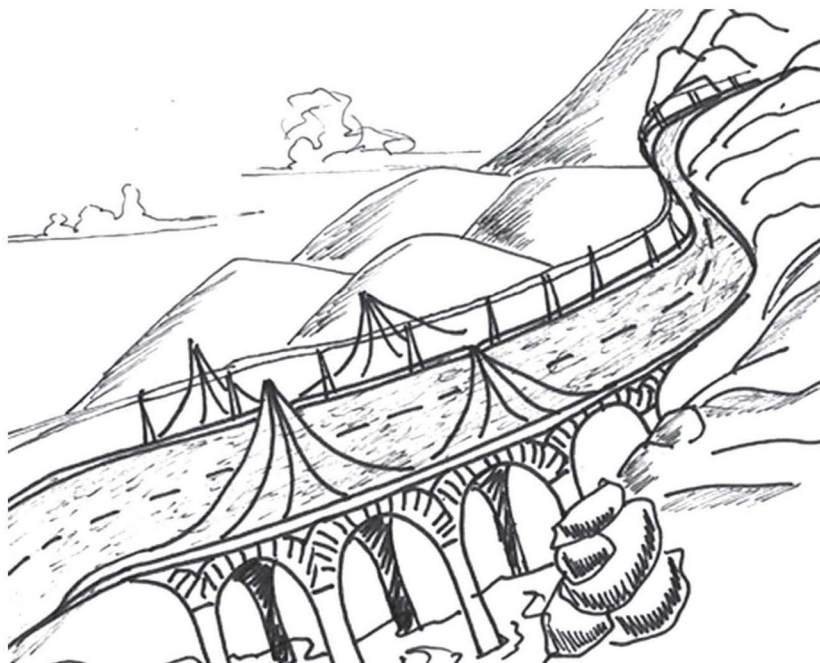
– Tudo bem, disseram elas.

– Só estamos levantando hipóteses, disse ele.

– Não, Maria e Thiago se amavam, já tinham, inclusive, todos os preparativos do casamento, só faltava marcar a data.

Emerson tentava mensurar a gravidade dos fatos. De uma coisa estava certo: tinham um problema e teriam muito trabalho pela frente. Além da possibilidade de ter sido um assassinato, existiam outras como falhas técnicas, desconhecimento da montanha.

O mistério estava posto. Agora restava esperar a abertura da ponte que daria acesso à região e o recebimento da carta enviada pelo primo de Jonas.

Tomaram uma água de coco; tomaram a segunda água de coco; comeram um sanduíche e agora estavam em um cafezinho. Já fazia mais de duas horas que estavam nessa lanchonete, decidiram ir para casa e voltar a se reunir na mesma lanchonete dois dias depois quando Estela já haveria recebido a carta enviada por Paulo, o primo de Jonas. No caminho uma pequena parada para deixar os dois pombinhos e Estela seguiu direto para casa.

V

O pessoal da defesa civil continuava levando mantimentos para a vila, agora não mais de helicóptero, pois a ponte já estava quase terminada, estava fechada somente para carros de passeio, os do governo tinham passagem livre.

Alguém ouvira no rádio que a ponte seria reinaugurada em dois dias e agora com sistema de rede elétrica. Isso seria uma vantagem para Jorge na operacionalização da cooperativa agrícola, pois o motor gerador de energia da vila estava a ponto de quebrar.

– São muito boas as notícias para essa região, tio Anastácio, o governo além de restaurar a ponte está também trazendo rede de energia elétrica para cá, acredito que em breve poderemos estar processando alguns grãos aqui mesmo pela fazenda, o que agregará valor ao nosso produto.

– Sei não, Jorge, o governo já fez tantas promessas no passado que fica até difícil acreditar. Sua mãe sempre sonhou com isso, que pena que ela não poderá ver todo o que pretendemos fazer por aqui, mas sei que ficará muito feliz onde ela está.

– Desta vez é pra valer, a TV e a rádio estão anunciando todo dia, e mostram a reconstrução da ponte. As nossas terras triplicarão o seu valor no mínimo. E a região das serras se tornará um excelente atrativo turístico para o turismo de aventura.

– Espero que com o progresso chegando por aqui, a violência não venha junto também, tenho quase sessenta anos vivendo nessas terras e não queria ter que deixá-las por conta de violência ou outra coisa qualquer.

– Não se preocupe tio, isso não vai acontecer.

Os dois conversavam manhã a fora, não era possível fazer nada enquanto não tomassem dinheiro emprestado ao banco mais próximo a não ser planejar, e como haviam planejado aqueles dois. Era armazém para a cooperativa, construção de pousada para turistas, e outras coisas do gênero, até roda de viola e sanfona estava incluída nesse planejamento, Jorge era um empreendedor, nem mesmo ele entendia o porquê de seu negócio não ter dado certo na capital. Enquanto falavam alegremente foram interrompidos pelo latido do cachorro.

– Ah, meu caro amigo, no meio dessa correria acabei me esquecendo de você, mas não se preocupe: prepararei uma boa refeição agora mesmo que restabelecerá todas as suas forças.

– Quem você acha que é o dono dele, perguntou o tio.

– Não faço a menor ideia, acredito ser a dona.

– Por que pensas que é dona e não dono?

– Tem uma coleira em seu pescoço com uma inscrição, junto tem uns corações e um passarinho vermelho. As mulheres são muito mais sensíveis a essas coisas, por isso acredito ser dona.

– E o que vai fazer, pretende ficar com ele?

– Até gosto de animais, mas não pretendo ficar com ele, a não ser que o dono ou dona não apareça. Colarei um cartaz com a foto dele e um telefone quando eu for à cidade.

– É, talvez funcione, dessas bandas ele não é, ninguém na vila nunca tinha visto ele antes por aqui. Quem sabe não veio do outro lado da serra trazido pela água daquele temporal.

– Penso dessa mesma maneira, tenho quase certeza, se levarmos em conta quão rápido ele decidiu sair da chuva, parecia mesmo estar muito amedrontado.

– Acho que não vai mais querer ver água pelo resto da vida dele.

– Nem para tomar banho, completou Jorge rindo em seguida.

Tudo corria muito bem na fazenda, todos estavam trabalhando um pedacinho de terra cedido por Jorge e participavam assiduamente de todas as reuniões de planejamento da cooperativa.

Haviam marcado uma reunião para aquela noite na casa de Jorge. A casa era muito grande e tinha uma varanda enorme, ali seria a reunião, depois como de costume ouviriam um pouco de música à base de sanfona e viola.

O primeiro a chegar foi o seu João, o mais velho do vilarejo, depois os irmãos Fernandes, a senhora Anita, o filho de seu Eusébio e a família Ferreira. Ao todo eles eram em número de vinte, vinte e dois se contasse Jorge e Anastácio.

A sanfona já estava sendo tocada, era uma canção animada que fazia todos acompanharem batendo palmas e balançando os pés.

– Essa é minha predileta, dizia um.

– Também gosto muito, completava outro.

– Minha mãe adorava essa, acho que ela adoraria ver nossos planos, afirmou Jorge.

Seu Zé. O Zé da Viola, como era conhecido, chegou nesse instante, seu Anastácio deu uma parada para que o amigo entrasse na roda e acompanhasse a sanfona com sua viola.

– Desculpem a minha demora, tive que resolver uns problemas antes, desculpou-se Zé.

– Tudo bem, afinal quem não tem problemas nesse mundo, mas não é por isso que vamos deixar de nos alegramos, certo!? afirmou seu Anastácio.

O luar na fazenda estava esplendoroso, a lua era uma fã mais que fiel daqueles velhos músicos, a serra, ao longe, assistia serena e calma ao espetáculo, a natureza parecia calar para ouvir, velhos elogiavam, crianças encantavam-se e os instrumentos conversavam, não uma conversa simples, mas uma conversa de quem sabe o que diz, a música era a razão da existência daquele velho pintor que perdera a visão.

– Uma pausa, senhoras e senhores, falou o sobrinho.

– Temos chá na garrafa azul, café na preta e chocolate quente nesta aqui – muitos preferiram chocolate quente, fazia um frio danado no pé da serra.

– O que temos de novo? perguntou o do violão.

– Nada de novo a não ser uns novos planos, dependemos da ponte para irmos até a cidade para termos certeza se conseguiremos um crédito no banco.

– Fale dos novos planos, disse o tio arriando a sanfona entre as pernas.

– É ideia que não acaba mais, na cabeça desse homem, disse dona Anita.

– Não sei nem o que é, mas se depender do meu esforço vai dá certo, afirmou Firmino Ferreira.

– Turismo, disse Jorge.

De que forma? indagou alguém.

– No final da propriedade, na divisa com as terras de seu Teodoro, existem muitas cachoeiras e a serra, abriremos uma trilha até a serra, depois construiremos um chalé para alugarmos para turistas que queiram passar férias e finais de semana.

Uma espécie de pacote turístico, com café da manhã, almoço, caminhada nas trilhas, exploração às cachoeiras, pernoite ao ar livre e escalada.

– E onde é que a gente entra nessa história, muitos de nós mal sabe ler.

– Quem não sabe ler nos livros é porque aprendeu a ler muito bem na natureza. Precisaremos de guias, afinal não queremos ninguém perdido por aí.

– Eu cresci nestas terras e conheço muito bem cada caminho no meio do pedregulho afirmou seu João.

– Eu posso ajudar na construção do chalé disse outro.

– Isso mesmo, acho que não preciso explicar o restante do plano, vocês entenderam bem o espírito da coisa.

Jorge anotou em sua agenda o talento que cada um possuía visando formar um banco de dados com as potencialidades de todos. Isso o ajudaria no futuro, quando o negócio começasse a se desenvolver.

Todos dormiram naquela noite com a expectativa de que no dia seguinte a ponte seria liberada e Jorge poderia ir até o

cartório para pôr em dia toda documentação da fazenda, o que lhe garantiria empréstimo, serviria como garantia.

Na fazenda o amanhecer era o mais lindo do mundo, assim diziam os moradores da vila. Dava para ouvir uma música de fundo entoada pelo barulho da queda-d'água, os pássaros, afinados como só eles sabem ser, davam o ar da graça, as borboletas azuis confundiam-se com o azul do céu, o céu esse sim era magnificamente esplêndido.

O cheiro de café torrado naqueles dias e moído na hora vinha de todos os lados provocando uma atmosfera agradável que fazia até mesmo os mais preguiçosos despertarem.

Seu Anastácio foi o primeiro a acordar, sem fazer muito barulho sentou na cadeira da varanda e se deteve a ouvir a natureza, ele era acostumado a observá-la e a pintá-la, agora se acostumara a ouvir o que a vida lhe oferecia de melhor. Tinham sido tempos difíceis para todos, mas para ele perder a visão foi perder uma parte de si literalmente.

– Bom dia, tio. O senhor levanta cedo mesmo.

– Bom dia.

– Caiu da cama?

– Não, sempre levantei cedo, gosto muito das primeiras horas da manhã.

– Eu também.

– E sua viagem à cidade?

– Está tudo certo.

– Você poderia ligar o rádio, meu filho, para sabermos as notícias?

– Claro!

Nesse exato instante o jornalista notificava que a cerimônia de inauguração da ponte estava marcada para as nove horas. Prefeito, comitiva do governo e população em geral que quisesse participar estava convidada.

Jorge olhou o relógio, ainda eram seis e meia. Da fazenda até a ponte era meia hora de carro. O carro estava bom, tinha gasolina suficiente e Jorge já estava havia quinze dias no vilarejo.

– Vamos até lá, tio Anastácio?

– Dê-me um minuto para eu me aprontar.

– Não tenha pressa, a viagem dura a metade de uma hora.

O velho tio de Jorge não saía fazia tanto tempo que perdera a noção da distância entre a fazenda e a ponte.

– Você tem razão, ainda é muito cedo.

– E mesmo que cheguemos no horário essas coisas sempre demoram.

– Será possível você ir à cidade depois da inauguração?

– Possível até é, mas deixarei para ir somente na terça-feira.

– Algo especial?

– Não.

Os dois continuaram a conversa manhã a fio, o assunto predileto dos dois era planejamento, planejavam sobre tudo: fazenda, plantação de uma horta, turismo e a luz elétrica que chegaria.

– Oito horas, vamos?

– Mais um segundo e estarei pronto.

– Tudo bem, eu estou esperando.

O velho artista estava pronto, havia feito a barba, usava uma calça de linho cinza e uma camisa de botão com as mangas enroladas até o meio do braço e um chapéu de couro marrom. O que admirava Jorge era o tio fazer a barba e não se cortar, resolveu perguntar.

– Como o senhor consegue fazer a barba, mesmo sem enxergar e não se corta?

– Na vida, Jorge, quando perdemos algumas coisas melhoramos ou até ganhamos outras. Foi assim comigo, hoje não tenho a visão, mas tenho um tato e olfato incríveis, nem imaginava que poderia ficar tão bom com as mãos.

– O senhor não é daquelas pessoas que vivem se lastimando e reclamando da vida.

– Aprendi também que as dores vão vir, de quando em quando, mas o sofrimento é o próprio indivíduo que cultiva.

Cada um decidirá se vale a pena cultivar pensamentos negativos e colher frutos de sofrimento.

– É uma boa lição, vamos!

– Certo, vamos, eu não quero perder esse discurso sobre a instalação de rede elétrica aqui na vila.

– Por quê?

– Eu ouvi a minha vida inteira, os Ferreiras falando a mesma coisa. Primeiro foi o avô deste que está aí no poder, depois foi o pai e agora ele.

– Como é mesmo o nome dele?

– Sebastian. É um médico formado em outro Estado que voltou com o discurso de que salvará o povo do inferno econômico que se alastra por essas bandas.

– O senhor acha que ele pode conseguir?

– Francamente não. Não confio nem em mim.

Tio e sobrinho saíram rindo em direção ao carro, Jorge o ajudava cedendo seu ombro para que o tio segurasse. Um pouco mais de atenção na hora de entrar no carro para não bater a cabeça e uma parada na casa de dois ou três amigos para apanhá-los, o carro estava com a lotação completa. Minutos depois os dois estavam na estrada e não demoraram muito a chegar ao local das comemorações de inauguração.

– Estimados amigos, quero agradecer o comparecimento de todos, dizia o apresentador do evento.

– É sempre uma honra poder participar com vocês de mais uma conquista de nosso povo, que a ajuda de Deus o prefeito tornou possível. Dentro de instantes vossa excelência estará falando a vocês.

O camarada não parava de falar da importância da ponte e de quanto ela significava para aquela localidade, todos já estavam ficando enjoados, sabiam que o prefeito estava atrasado pelo menos meia hora. A banda tocou umas três músicas para poder ganhar tempo, moço de terno falou outro bocado e finalmente o homem chegou.

– Senhoras e senhores, uma salva de palmas para vossa excelência o prefeito.

A plateia aplaudiu, mas nem todos. Muitos ali eram do comitê do prefeito e do governador, bateram palmas porque recebem para isso.

– Meus estimados moradores de Santo Afonso, dizia o prefeito levantando um pouco mais as calças, que insistiam em voltar empurradas pela barriga.

– Hoje é um dia de alegria e vitória. Deus está do nosso lado e nos presenteou com essa manhã ensolarada – todos já conheciam esse discurso, mas continuaram quietos e ouvindo.

– A ponte que foi levada pela enxurrada já não era sem tempo, a madeira que formava as vigas já estava apodrecida mesmo – aquela ponte deveria ter uns vinte e cinco anos, fora construída com recursos dos fazendeiros das redondezas.

– Esta não terá problema com cupins, é feita toda em concreto armado. Por ser uma ponte de apenas trinta metros de extensão, foi possível aprontá-la em um mês.

– Não eram quinze dias, conforme o senhor falou? gritou alguém do meio das pessoas que estavam do lado direito do palco improvisado.

– Sim, meu caro, eu realmente havia falado, mas como tivemos que modificar o projeto original, não foi possível.

– O que muda com o novo projeto? perguntou outro curioso da direita.

– O que muda é que junto com a ponte estaremos colocando iluminação na estrada o que possibilitará aos produtores da região trabalhar de maneira melhor em suas lavouras. Poderão instalar máquinas e irrigar as plantações por meio de bombas elétricas.

– Não estamos vendo nenhum poste por aqui, falou o sujeito que havia feito a primeira pergunta.

– Nem eu, disse outro.

– Embora não estejam vendo, mas ela virá. Todos os projetos já estão acertados e a empresa vencedora da licitação começará trabalhar na semana que vem.

Todos estavam de ouvido atendo na esperança de que a voz que vinha do canto direito voltaria a fazer alguma outra indagação, mas o senhor que fazia as perguntas não estava mais lá.

– Antes de encerrar o meu discurso quero dizer mais uma coisa a vocês. Essa ponte será um marco para o progresso. Primeiro, porque é uma região muito bonita e o turismo será favorecido com isso – era justamente o que Jorge queria ouvir.

– E... Soou outra voz da multidão.

– Segundo, montaremos um sistema de transporte para escoar toda produção da zona rural para a cidade.

Jorge estava realmente gostando do que estava ouvindo, cochichou para o tio a alegria que sentia vendo que todas as coisas estavam caminhando na direção dos planos elaborados por ele.

– Os ventos da sorte estão ao nosso favor, o senhor concorda, tio?

– Sim, claro, essa é a hora de aproveitarmos esse vento e navegarmos na direção certa caminhando sempre com muito cuidado.

Os dois calaram quando o prefeito voltou a falar.

– Bom, meus conterrâneos, ainda tenho outras inaugurações para realizar ainda hoje, espero que em um mês eu volte para inauguração da rede elétrica, desejo a todos um bom dia e uma boa semana.

O prefeito saiu rapidamente sem que ninguém o interceptasse, ele era mesmo famoso por essas manobras furtivas, muitos, inclusive, o chamavam de mágico por conta que ele sumia. O homem simplesmente desapareceu no meio de assessores e de sua comitiva.

– E então, Jorge, vamos até a cidade?

– Vamos deixar para amanhã, eu não trouxe os documentos.

– Certo tudo bem então.

Jorge, o tio e os companheiros entraram no carro e tomaram a estrada, sobre eles existia uma nuvem negra enorme, muito parecida com a que trouxe a chuva que derrubou a ponte, chegaram a questionar se seria mais uma chuvarada para testar a nova ponte. Jorge pisou fundo no acelerador, pois não queria enfrentar uma chuva dessas na estrada, o risco de ser atingido por uma pedra rolando morro abaixo era grande.

Mesmo depois de chegarem à casa o tempo ainda estava muito feio, mas momentos depois a nuvem se desfez sem cair uma gota d'água. Jorge aproveitou o resto de manhã para arrumar todos os documentos em uma pasta. Sairia bem cedo pela manhã.

VI

A campainha de Marta tocou fazendo aquele barulho que ela achava ridículo. Estela a chamou pelo nome e gritou na janela da sala, que havia passado para apanhá-la. O dia tão esperado chegou, a bendita carta estava nas mãos de Estela ainda lacrada. Juntas elas abririam, uma daria apoio a outra, era difícil de definir qual das duas estava com mais curiosidade em saber o conteúdo.

– Oi, amiga, estou com a bendita carta, recebi hoje.

– Você já abriu?

– Não.

– E por que não?

– Quero abrir com você. Afinal Maria era nossa amiga!

– O que você imagina que vai encontrar aí?

– Não sei, vamos à lanchonete que combinamos?

– Sim, claro, como você quiser. Ah, não precisamos passar para pegar o Emerson.

– Por que não?

– Ele estará trabalhando.

– Certo, e o namoro está firme?

– Nossa, põem firme nisso, ele é um amor de pessoa, queria envelhecer ao seu lado.

– Que romântico, vamos

– Vamos!

As duas entraram no carro e continuaram a conversa, não demoraria até chegarem à lanchonete onde abririam a correspondência enviada pelo primo de Jonas.

– Fico feliz em vê-la feliz.

– Obrigada, estou muito feliz mesmo, nem lembro qual foi a última vez que estive assim, tomara que eu não acorde

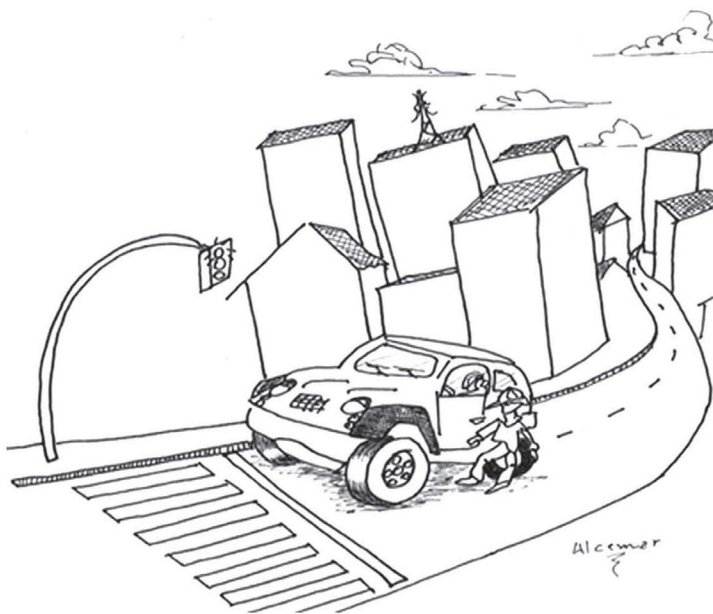
tão cedo desse sonho maravilhoso. E você, está namorando alguém.

– Não, estou meio fora de órbita ultimamente, quando a morte leva nossos entes queridos não nos sobra muita coisa.

– Desculpe se lhe trouxe lembranças ruins.

– Tudo bem, sem problemas, você é minha meia-irmã.

As duas sorriram como se estivesse dizendo obrigado por pensar assim. As duas eram mesmo muito amigas. Pararam em um farol vermelho e um garoto desses que andam pela rua sem ter o que fazer e sem família que cuide dele aproximou-se e pediu um trocado.

Tem um trocado, moça?

Por um instante, Estela quis dizer não, mas ele continuou.

Algumas coisas na vida fogem do nosso controle e não sabemos o que fazer, é assim com todo mundo.

Quantos anos você tem, moleque?

Tenho doze, moça, mas não estou falando com a senhora.

– Viu que atrevimento, Estela, Marta sorriu.

– E o que você sabe sobre a vida, meu rapaz?

Antes que ele respondesse já havia se formado uma fila de carros atrás do jipe, Estela deu uma moeda para o garoto e acelerou.

– Algumas coisas na vida fogem do nosso controle, é assim com todo mundo. Que filosófico, Marta.

– Verdade, o garoto tem uma cabeça com mais de doze anos.

– Será que isso quer dizer alguma coisa sobre a nossa missão ou sobre essa carta?

– Acredito que não, respondeu Marta olhando para o horizonte.

Estela não era supersticiosa, mas aquela frase ficou martelando em sua cabeça. Sempre passou por aquela esquina e nunca viu aquele garoto, seria ele um anjo tentando a visá-la de alguma coisa ou seria somente uma coincidência, ela perguntava a si mesma.

– Pronto, chegamos.

– Vou estacionar perto da praia, tem uns bancos bem próximo.

– Vamos sentar nesse primeiro.

– Estou com medo, Marta.

– Eu também, Estela.

– Vamos fazer uma prece antes de abrir.

– Pode começar.

– Senhor, prepara o nosso coração para o que vamos encontrar dentro dessa carta, fortalece a nossa amizade e nos ajude a permanecermos unidas. Que as verdades nela contida não venham pôr em dúvida as nossas convicções e certezas, abençoa a missão que iremos realizar e guarda-nos do mal, amém.

– Amém.

Agora as duas estavam prontas para abrir a carta, antes, porém, pediram uma garrafa de água mineral de dois litros, fazia um calor danado, Marta abriu a garrafa, serviu um copo bem cheio para Estela que tomou sem respirar e esticou a mão em seguida, em sinal de quero mais, Marta entendeu o recado, mais um copo bebido com a mesma velocidade, dessa vez estava satisfeita. Marta também teve o seu momento, mas tomou somente um copo.

– Vou abrir!

– Abra, respondeu Marta com um sorriso.

– Sente aqui do meu lado, Marta.

– Vamos lá, é só rasgar o selo e pronto.

– Você quer ler, Marta?

– Quero.

– Comecemos então. Querida Maria, é sempre um prazer enorme poder escrever para você, nos falamos tão pouco e não conhecemos quase nada sobre nossa história. Você se tornou uma menina muito linda, uma mulher na verdade. Tudo em você é muito bonito, mas o que mais admiro é a sua simpatia.

– Até aí não tem nada comprometedor, Marta.

– Certo, me deixa continuar. Talvez não nos vejamos mais, estou com uma viagem programada e um casamento marcado para dentro de pouco tempo, queria muito que você fosse madrinha de meu casamento, mas a mamãe não aceitaria jamais.

– Espera aí, Marta, pelo que parece ele não tinha caso nenhum com Maria, nada que possa torná-lo culpado.

– Concordo com você. Mais um parágrafo.

– Prossiga.

– Sabe, aquelas suspeitas que nós levantamos? Todas estavam corretas, conheci uma senhora que morava no final da rua e ela me contou toda a verdade. Você já contou a história para o

Thiago? Espero que tenha contado, se não, conte, ele vai gostar. Do jeito que ele adora essas histórias.

– Espera aí, Marta, pelo que parece ele era somente amigo, a não ser que essa carta seja falsa.

– Você está realmente ficando cética, Estela.

– Também com os acontecimentos recentes o que esperar?

– Continuando... Não viva de maneira nenhuma o que a sua mãe viveu, seja fiel ao Thiago até o seu último dia de vida, cultive o amor, o respeito, a compreensão e a admiração por ele que tudo vai dá certo, peço desculpa por não ter tido tempo de ir aí para conversarmos pessoalmente um assunto tão delicado.

– Como esse Jonas enrola para dizer as coisas, parece até escritor iniciante de romances mal-acabados – as duas riram muito porque conheciam alguém que acreditava ser escritor e poderia escrever qualquer coisa, mesmo que fosse um romance.

– Acho que toda história se resume neste parágrafo final, eles eram irmão.

– Irmãos?

– Sim, Estela, irmãos.

– Irmãos biológicos?

– Leia você mesma.

Estela pegou a carta apressadamente e leu o parágrafo que dizia: " perdoe a atitude de meu pai, porque segundo a senhora

que comentei era ele quem cantava sua mãe, mas pelo menos tem um lado bom, mesmo sem ter convivido com você eu lhe acho muito especial e você sempre será a minha irmã do coração".

– Então quer dizer que a mãe de Maria traiu o seu esposo?

– É o que está escrito aí. Isso é ruim ou bom.

– É bom, quer dizer acho que é bom, não sei se isso é bom, mas o que importa é que Jonas não assassinou os dois como minha avó teima em afirmar.

– Então é bom sim, Estela, se não foi isso o que pode ter ocorrido naquela tarde na montanha? Precisamos resolver os últimos detalhes e tirarmos um final de semana de férias.

– Concordo plenamente, já estou com tudo pronto, o que faltava era a inauguração da ponte.

– Não falta mais?

– Não, hoje li no jornal que o prefeito esteve naquela região, para a cerimônia de reabertura da ponte. Agora é marcar a data e pegar a estrada. Quando Emerson fica de férias?

– Na próxima semana, inclusive ele havia me perguntado se ele poderia convidar um amigo para ir conosco, eu afirmei que poderia. Desculpa não ter comunicado você antes.

– Sem problemas, se a senhora disse sim eu é que não vou dizer não, imagina se eu ia contrariá-la.

– Obrigado.

O telefone de Marta estava vibrando em sua bolsa, ela pediu licença a amiga e atendeu. Era o Emerson comunicando que estaria uma semana mais cedo de férias, o chefe havia adiantado, mas ele teria que voltar uma semana antes. Maria contou as novidades e falou sobre o conteúdo da carta.

Enquanto Marta falava ao telefone, Estela se distanciou um pouco em direção ao mar a ponto de deixar as ondas molharem seus pés descalços, a frase do garoto do sinal lhe veio à mente novamente.

De uma coisa ela tinha certeza: o que o garoto falou era exatamente o que ela estava vivendo. Enquanto caminhava mais um pouco para dentro da água ouviu a voz da amiga a chamá-la.

– Estela, você vai tomar banho.

– Bem que eu gostaria, mas não tenho no carro nenhuma roupa de banho, nem toalha.

– Eu tenho uma toalha em minha bolsa, você quer?

– Quero – diante da afirmação da amiga Estela, não esperou nem mais um minuto, tirou parte da roupa que usava e se atirou naquele lindo mar azul. O sol estava quase sumindo atrás das montanhas, a brisa era agradável e a água estava bastante fria, tudo que a garota precisava.

– Você não vem?

– Hoje, não. Quem sabe na próxima.

– Fala a verdade, você tem medo de água.

– Até que não, mas desta vez vou dispensar.

Estela nem ouviu a última frase, pois mergulhou de cabeça para furar uma onda que se aproximava. Embora estivesse com a água pela cintura era necessário ficar atenta às ondas. Aquele banho de mar parecia deixá-la mais leve, a semana que havia passado tinha sido uma tensão enorme, a expectativa em relação ao conteúdo da carta aumentava a cada dia.

Depois de quase vinte minutos de molho chacoalhando para lá e para cá com o balanço das ondas, ela decidiu sair da água, o interessante é que Estela já era quase freguesa dessa lanchonete e somente agora, depois que saiu da água, notou a placa que informava sobre presença de tubarão.

– Estela, minha amiga, você quase virou comida de tubarão.

– Tadinho, ia ficar engasgado com tanto osso. Tô tão magrela que nem o tubarão quer. Se fosse um tubarão cachorro talvez, mas até onde frequentei as aulas de biologia aprendi que tem um chamado martelo, mas cachorro será que tem?

– Acredito que não.

Um acesso de riso tomou conta das amigas, que pela primeira vez em meses tinham uma notícia que trouxe algum descanso e paz de espírito para as duas. Marta ia dizer a Estela que Emerson estava chegando com o tal amigo, mas de tanto rir acabou esquecendo, e Emerson chegou.

– Oi, meu bem, disse Marta beijando-lhe o rosto.

Estela achava isso lindo, estimava muito esse gesto da amiga, pois ela não era atirada, nem fria. Ela sabia, como ninguém, se comportar em cada circunstância. Nunca deixou Estela desconfortável.

– Oi, Marte, oi, Estela, como vocês estão.

– Estamos bem, respondeu Estela.

– Este é meu amigo Márcio, acredito que Marta já falou do desejo que tenho de levá-lo conosco.

– Olá, pessoal, eu e Emerson já fizemos várias escaladas juntos e é sempre um prazer poder acompanhá-lo. Muito embora eu não possa ficar fora toda a semana, as obrigações de família e trabalho me impedem.

– Muito prazer, desculpe o meu cabelo e minha roupa molhada, é que tive vontade de entrar no mar e entrei.

– Você não viu a placa? perguntou Márcio.

– Vi depois que saí da água. Acho que o tubarão lanchou algo e não estava com fome. Vocês podem me dá um minuto, vou terminar de me enxugar no banheiro.

– E então, Emerson, em que dia você acha que devemos sair?

– Neste final de semana será um final de semana de chuva, é melhor evitarmos dias assim.

– O que acha Márcio, concordo com você, *brother*, em dias de chuva as rochas ficam muito escorregadias.

Nesse instante Estela voltou, desculpou-se pela demora e passou a falar sobre os planos que tinha em mente para a viagem que pretendia marcar para o fim de semana, mas foi interrompida por Emerson.

– Estela, acredito que não vai dá para fazermos essa viagem nesse fim de semana. O serviço de meteorologia está prevendo muita chuva para esse final de semana e com chuva fica muito arriscado, as rochas ficam escorregadias.

– Bom, se é você quem diz eu acredito. No máximo eu participei de trilhas e acampamentos e subi em árvores que não passavam de dois metros de altura.

– Quando você sugere?

– Podemos ir na terça-feira da próxima semana?

– Para mim está ótimo, e para você, Márcio?

– Concordo, foi até bom marcarem outra data que nesse final de semana eu tinha um compromisso agendado previamente.

– O que você faz mesmo? perguntou Estela.

– Trabalho em uma loja que vende equipamento esportivo.

– Hum... que bom, e vocês vendem equipamento para escalada.

– Não, mas um de nossos fornecedores vende, posso conseguir alguma coisa.

– É aqui mesmo na região?

– Não, é em outro Estado, mas entregam em três dias úteis.

Nesse instante as ideias estavam pipocando na mente de Estela que conversou sobre a possibilidade de Márcio checar a lista de compra dos últimos messes para ver se o nome de Thiago ou o de Maria constavam nas últimas vendas, pois ela sabia que os dois tinham saído do Estado dias antes do acidente.

Não era uma certeza os dois terem ido escalar essa serra específica, mas Estela lembrava que Maria havia comentado algo, mesmo assim levaria essa história, a missão, até o final. Tudo estava pronto para a viagem, agora era esperar a data.

VII

Seu Anastácio levantou cinco da manhã, ele estabeleceu esse horário como regra durante toda a sua vida, as primeiras horas da manhã lhe causavam muita alegria, porque era nessas horas que ele buscava as melhores inspirações para pintar. Era incrível como ele fazia quase tudo mesmo sem ver.

Embora estivesse acordado antes das cinco, Jorge levantou somente às seis. A pasta com documentos já estava arrumada ele iria ao banco tentar fazer o empréstimo para tocar os negócios da família.

O jovem mensurava quanto a sua vida tinha dado uma guinada, teve tudo para ser bem-sucedido na capital, mas não deu certo, não teve o amor de sua vida em seus braços e agora estava empreendendo mais um negócio, e tinha medo era de decepcionar toda aquela gente pobre e humilde.

– Bom dia, disse um.

– Bom dia, respondeu o outro.

– Então, tio, está pronto para ir à cidade?

– Sim, claro, se houver um tempinho sobrando queria que me levasse na casa de uns amigos, claro se não for atrapalhar os seus planos.

– Sim, com certeza, a hora que o banco nos liberar podemos ir sim.

– Fica no centro mesmo, rua A, é a casa que fica ao lado da loja de motores.

– Sei onde é, eu tinha mesmo que ir ao centro para passar em uma gráfica e encomendar uns panfletos para divulgarmos que em breve estaremos abrindo o sítio para visitação das cachoeiras, para escalada e para as trilhas.

Jorge preparava o café enquanto conversava. Para o desjejum tinham na mesa frutas, batata-doce cozida, banana frita, leite e manteiga de garrafa produzida por ali mesmo. Os dois tomaram café conversando como sempre e planejando, a vida agora se tornara uma imensa possibilidade para eles.

– Esse cachorro anda meio triste, você não, acha Jorge?

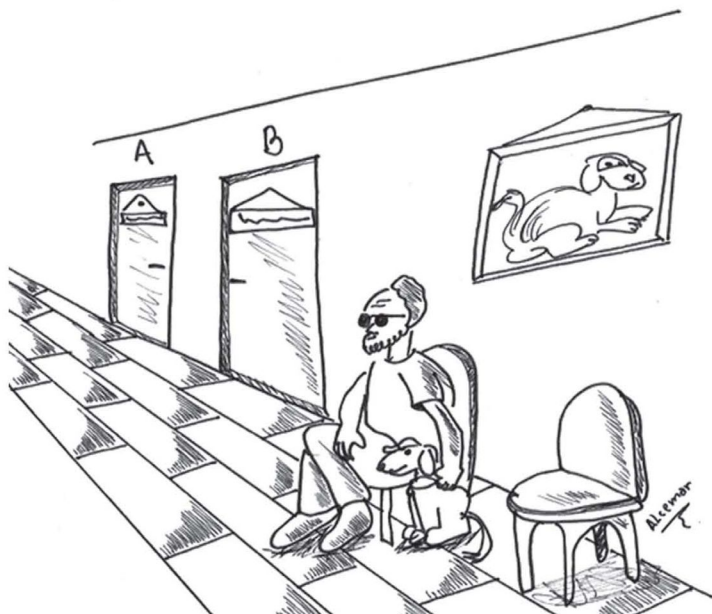
– Sim, faz uns três dias que percebi isso, será que ele está doente? Ontem nem se quer levantou para comer, na verdade nem comeu.

– Por que você não o leva no veterinário?

– Boa ideia, mas será que teremos tempo hoje?

– Faça assim, você nos deixa no consultório de animais e vai ao banco fazer o que você tem e nos pega na volta.

– Se está bom para o senhor, tudo bem. Vamos logo então, quero evitar filas. Segure em meus ombros, eu lhe ajudo.

– Não precisa, conheço o caminho aqui dentro, lá fora sim, aceito.

O banco abriria nove horas da manhã, eram seis e três quartos, Jorge já estava saindo da propriedade. Se não houvesse nenhum atrapalho ele levaria duas horas e meia para chegar na cidade, e foi o que aconteceu.

– Chegamos, disse Jorge.

– Vá resolver seus compromissos, filho, me deixe aqui, espero você voltar e não se preocupe com o horário, se preocupe em resolver.

– Tome esse dinheiro acho que dá, senão pagarei o restante na volta.

O consultório estava cheio, alguém comentou que era um mal que andava atacando os cães, uma espécie de epidemia. Homem e cão entraram na fila, tinham uns seis ou sete na frente dos dois. Seu Anastácio sentou-se em uma cadeira e confiou que ninguém passaria na sua frente até porque a moça do atendimento se responsabilizou em chamá-lo.

– Olá, bom dia. Gostaria de reconhecer uns documentos – antes do banco Jorge necessitou passar no cartório.

– Bom dia, respondeu a senhora de cara fechada do outro lado do balcão.

– São estes, senhora.

– Primeiro o senhor deve pagar a taxa no guichê que está escrito caixa, por favor.

O rapaz se dirigiu ao caixa, aguardou uns dez minutos, existiam algumas pessoas na frente dele, pagou a taxa, auten-

ticou os documentos e saiu em direção ao banco que ficava a duas quadras do cartório. De longe Jorge avistou uma grande fila, para sua sorte aquelas pessoas não estavam ali para o mesmo serviço, do contrário ele sairia dali à tarde.

– Oi, você pode me informar onde fica o balcão de empréstimos?

– Siga o corredor, dobre à direita e suba a escada, olhe para esquerda que o senhor verá pendurada no alto uma placa escrito empréstimo, disse um guarda.

– Obrigado.

O futuro cliente seguiu o mapa ditado pelo segurança, subiu às escadas, olhou na direção da placa e seguiu, antes, porém, teve que apanhar uma senha perto da escada. Ele gostava muito de ler e sempre tinha um livro consigo, tirou da pasta um livrinho velho que estava lendo, sentou-se em uma cadeira e começou a ler esperando a sua vez.

Existiam poucas pessoas para o mesmo serviço, não levaria muito tempo para ele ser atendido. O livro que ele lia era sobre romance, nada de literatura clássica, o autor nem era conhecido, Jorge não lembrava quantas vezes já havia lido aquele livro, o livrinho era a única coisa que ele tinha como lembrança do grande amor da sua vida, a garota da primeira fila, foi ela quem lhe dera.

As principais falas das personagens, ele sabia de cabeça. Além da assinatura de sua quase namorada ainda existia uma dedicatória feita por ela, embora o tempo e a umidade já tivessem apagado uma parte Jorge gostava do trecho que dizia: "Ao garoto calado, mas muito inteligente da última fila". Ela teria

aceitado com certeza se ele arranjasse coragem para falar o que sentia.

– Senha doze, senha doze, senha doze – essa era a senha, Jorge estava presente em corpo, mas a mente estava a quilômetros dali. Alguém tocou em seu braço lhe dando um susto tremendo que chegou a virar com cadeira e tudo e seus papéis espalharam-se pelo chão.

– Desculpe, senhor, não pretendia assustá-lo, eu queria saber se o senhor tem a senha número doze.

– Tudo bem eu estava mesmo distraído, minha senha é a onze, já até passou.

– Pode vir eu lhe atenderei agora, ela falava enquanto saía sorrindo disfarçadamente.

– Sente aqui, senhor. Em que posso ser útil? O senhor já é nosso cliente?

– Obrigado, não ainda não sou cliente de vocês.

– Hoje então se tornará, o nosso banco está muito interessado em solidificar parceria com novos clientes.

– Fico grato, estou precisando de um empréstimo para investimento em propriedade.

– Qual o tipo de negócio que o senhor pretende iniciar?

– Agricultura e turismo.

– Nas adjacências da cidade?

– Isso, na região serrana. Herdei uma propriedade e pretendo montar uma cooperativa agrícola com o pessoal da vila e uma pousada para férias com direito à caminhada em trilhas, visita à cachoeira e escalada.

– Vejo que tenho um empreendedor nato em minha frente. Essa é a região onde foi inaugurada a ponte, prefeitura e governo estão com grandes planos para essa região.

– Isso mesmo, preciso de um crédito de médio a alto.

A moça analisou cuidadosamente todos os documentos que Jorge portava, tudo estava direitinho, mas um telefonema para o gerente, mais uma simulação, uma cópia na máquina copiadora, outro cafezinho e pronto, um novo cliente.

O novo cliente estava satisfeito com a quantia que havia conseguido, ele até imaginava que seria menos. De agora em diante todos os movimentos que ele fizesse seria na direção de quitar a dívida porque penhorou metade da fazenda como garantia, o banco o tratou superbem, mas definitivamente os bancos não são amigos dos clientes.

Agora que o negócio estava fechado, tinha que pegar seu tio no veterinário e ir até a gráfica para cuidar da propaganda. O tio de Jorge e o cachorro estavam no consultório, o tio também pediu um banho para o bicho que parecia mais branco do que antes.

– Oi, como vai?

– Bem, e o senhor?

– Bem, obrigado.

– E o cachorro, como está?

O médico afirmou que o cachorro estava com verme, mas melhoraria dentro de alguns dias. A medicação foi prescrita, a consulta foi paga, o banho foi dado e tio, sobrinho e bicho saíram do consultório, entraram no carro e seguiram para a gráfica. Na gráfica tudo correu bem, foi possível levar os panfletos na mesma hora.

Na volta pararam na casa do amigo do seu Anastácio, os dois velhos amigos conversaram bastante, tomaram um chá e marcaram uma visita à fazenda Esperança. Eles entraram novamente no carro e seguiram viagem.

– O que o senhor acha do anúncio?

– Você pode ler o que mandou escrever?

– Sim, claro. Escrevi da seguinte maneira: Fazenda Esperança, um lugar agradável junto à natureza, trilha, escalada, visita à cachoeira e muito mais, faça sua reserva. Comecei com uma afirmação falando de como o lugar é agradável, o que achou?

– Está bom, você foi breve e objetivo. Agora é esperar o telefone tocar para marcarmos as reservas.

– Isso mesmo, o banco liberará o dinheiro em três dias e poderemos adiantar os trabalhos, estou pensando em comprar tinta e algumas coisas básicas para dar uma organizada na sua casa.

– Não precisa, estou muito bem morando com você.

– Pensei que poderíamos alugá-la nesse primeiro momento até os negócios começarem a fluir e podermos construir os chalés, o senhor me permite?

– claro que sim, fique à vontade para fazer a mudança que achar necessário.

– Obrigado.

Os dois não paravam a conversa; o cachorro, no entanto, limitou-se a escorar a cabeça na janela e olhar para fora, além do que tinha sido diagnosticado ele parecia sofrer de uma saudade aguda. Seu novo dono não entendia muito a personalidade de cachorros, mas desconfiava que aquele cachorro não estivesse feliz, sua vasilha de comida sempre estava cheia, mas é isso não era suficiente.

– Esse cachorro anda realmente muito triste.

– Acho que está sentindo falta de seu dono.

– Concordo com o senhor, e na correria acabei esquecendo-me de perguntar do veterinário se ele sabia o significado da inscrição na coleira. O senhor perguntou?

– Não, também esqueci.

– Pois é, que pena. Depois da amanhã voltarei na cidade e perguntarei, deixarei também uma foto dele na clínica com o número do meu telefone celular caso alguém conheça o seu dono.

– Ótimo, faça isso, talvez ele esteja acostumado com companhia de crianças e uma casa cheia de gente, por isso está estranhando.

A prosa era tão agradável que o caminho geralmente cansativo foi percorrido sem ser notado, a maioria do pessoal do vilarejo estava envolvida com as atividades rotineiras, outros estavam abrindo as trilhas que seriam usadas para exploração da serra, por mais que a propriedade não fosse tão grande assim, era possível alguém se perder, daí a necessidade das trilhas serem claras e bem identificadas.

– Vou dá até a serra falar com o pessoal sobre as novidades.

– Volta antes do almoço?

Volto sim, talvez me atrase um pouco, mas volto sim, não se preocupe, já deixei tudo preparado, é somente esquentar.

– Tenha cuidado com as pedras: algumas parecem fixas, mas estão soltas – Jorge aceitou o conselho, mesmo que conhecesse a estrutura do solo muito bem, afinal ele era agrônomo.

Depois de andar meia hora ele encontrou um dos aldeões, trabalhando animado e cantando. Aquela gente não precisava de muito para sentir-se feliz, acostumados com uma vida simples, não necessitavam de coisas caras e fúteis, Jorge, o forasteiro, como fora chamado no início, achava essa maneira de viver fascinante.

– Bom dia, seu João, todo certinho por aqui?

– Sim, senhor Jorge – o rapaz achava estranho uma pessoa que tinha o dobro de sua idade chamá-lo assim. Respeitava e

entendia que aquele costume era cultivado a gerações, não seria ele o responsável por mudar uma atitude tão louvável.

– Tudo certo também no banco, depois de amanhã poderemos efetuar o saque de uma quantia razoável. Poderemos iniciar pra valer.

– Fico feliz pelo senhor, todos estão felizes e empolgados.

– Eu é que agradeço a acolhida e o esforço que cada um está fazendo.

– Vamos continuar fazendo. Enquanto o velhinho tiver forças, vamos trabalhar bastante.

– Pelo que vejo o senhor terá vigor para uns cem anos ainda.

A brincadeira surtiu efeito positivo e foi uma gargalhada só, todos riam, e à medida que outros chegavam e alguém falava o motivo esse também começava a rir. Era uma oportunidade única, um momento ímpar, mas do que tentar ganhar dinheiro na capital, Jorge preferia ganhar amigos no interior.

– Pessoal, gritou seu João para o restante do grupo.

– Diga, respondeu um.

– Fale, respondeu outro.

– Vamos fazer uma pausa para um lanche?

– Essa é a melhor parte, disseram juntos, parecia que aquilo tinha sido ensaiado, ficou em uníssono perfeito.

Era difícil escolher uma árvore para sentarem em baixo e fazerem o piquenique, estavam no meio de tantas. Ao fundo o barulho da cachoeira denunciava que já estavam próximos. A vida fervilhava nessa região, para quem gosta de aventuras, aquele era o lugar ideal.

– Quando é que receberemos o primeiro visitante? perguntou o mais novo.

– Em breve, hoje fiz os cartazes e colei alguns na cidade e outros na estrada, acredito que muito em breve teremos que agendar as reservas para passeios ecológicos.

– Isso é ótimo, e com o banco, tudo certo?

– Tudo, só existe um pequeno problema que diz respeito a todos nós – nesse instante todos sem exceção pararam de comer.

– Diga qual e seja o que for estamos juntos nessa, falou com convicção uma jovem de no máximo dezessete anos.

– Certo, agradeço muito a boa vontade de vocês. O problema é que tive que penhorar metade da fazenda para conseguir o empréstimo, e se em cinco anos eu não pagar o banco toma essa parte.

– Se depender de nosso esforço o senhor quitará essa dívida em três anos ou menos – todos deram um brado de incentivo e encorajamento, não eram aplausos como o que fora dispensado ao prefeito, era de coração, essa gente, embora pobre, é mesmo muito rica, pensava Jorge emocionado e enxugando um líquido tímido e transparente que teimava em brotar do canto de seus olhos.

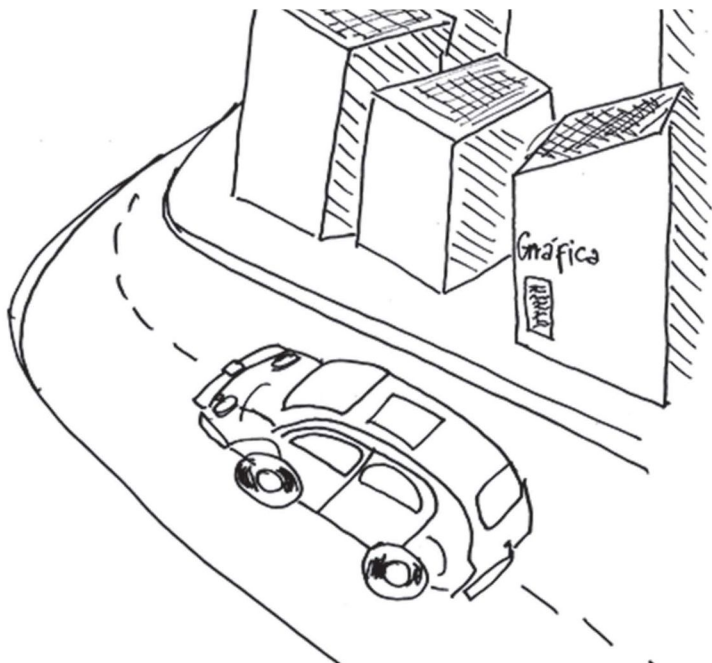
Depois de fazerem um lanche rápido, todos voltaram aos trabalhos mais animados ainda, no caminho de volta o cachorro apareceu. Jorge alegrou-se ao ver que sua saúde estava se restabelecendo.

– Agora sim, Branco, você parece mais esperto. Teve coragem de levantar do canto perto da lareira. O que você tinha, amigão? O veterinário falou que era verme. Você está com saudades de casa?

O cachorro latiu parecendo concordar e em seguida correu na frente latindo bastante, depois de alguns latidos deu um grito estridente e agudo que ecoou na floresta e silenciou-se totalmente.

Correndo o mais rápido que podia na direção do último latido Jorge ainda enxergou a ponta da calda de uma cobra de coloração vermelha e laranja sumindo no meio do capim. O cachorro estava tendo convulsões. Alguns trabalhadores que estavam ali perto chegaram para ajudar.

Examinaram o cachorro e viram a marca dos dentes da cobra bem no focinho do animal que já estava sem vida. A morte foi quase instantânea. Depois de descrever o bicho e de relatar a preocupação com a segurança dos visitantes, Jorge ouviu de seu João que aquele tipo de bicho é muito venenoso, mas também muito medroso.

– Com certeza ela estava fugindo por causa do nosso barulho. Sentiu-se ameaçada pelo cachorro e o picou. Como você mesmo pode observar ela fugiu em seguida. Não se preocupe.

VIII

Ainda não eram dez da manhã, Marta ligou para Estela. Ao passar pela gráfica onde Jorge imprimiu os cartazes, Marta notou o anúncio que falava sobre a fazenda Esperança, aproximou-se e escreveu o telefone em um pedaço de papel.

– Oi, Estela, é a Marta, desculpe ligar essa hora da manhã.

– Tudo bem, não tem problema, o que aconteceu?

– Encontrei um anúncio sobre a fazenda Esperança.

– O que ele diz?

– Tem um novo dono e ele abrirá uma pousada semana que vem.

– Nossa, que legal, valeu você ter me acordado às dez da madrugada.

– Não tive intenção, mas você não acha que deveria dormir mais um pouco ainda é muito cedo, Marta sorriu carinhosamente.

– O cartaz fala também que terá atividade como escalada, trilha e visitação à cachoeira.

– Perfeito, você não poderia ter dado uma notícia melhor, muito obrigado.

– Calma que ainda tem mais.

– Mande então!

– Nosso equipamento já está com o Márcio, ele me avisou por e-mail.

– Ótimo, ainda tem mais?

– Tem, mas prefiro lhe contar pessoalmente.

Quinze minutos depois Estela estava buzinando na frente da casa de Marta, a amiga entrou e as duas saíram dirigindo pela cidade.

– Então, amiga, qual a última novidade que você tinha para falar.

– Emerson entrou em contato com a loja de material esportivo e conseguiu a lista de clientes que realizaram compras no mesmo período de Maria e Thiago e o nome de Thiago consta na lista.

– Que legal, o que mais ele falou?

– Ele também descobriu que o material levado pelos dois era de excelente qualidade e não há registro de acidentes nos últimos cinco anos.

– Então a opção que nos resta é que foi falta de experiência ou desconhecimento da montanha.

– Para isso precisamos fazer a viagem e checar, afirmou Estela.

– Concordo, vamos passar na casa de Emerson para acertarmos os últimos detalhes da viagem.

– Sim, vamos.

– Vou ligar para ele, Marta discou o número do rapaz e esperou ele atender.

– Oi. Como vai? Estamos passando em sua casa para apanhá-lo para acertarmos os últimos detalhes da viagem. Sim... será depois de amanhã mesmo.

– Pergunta se ele já sabe da novidade sobre a pousada, Marta.

– Emerson, você falou com o Márcio? Ah... assim está bem.

Com o dedo polegar Marta admitiu que Emerson já estava por dentro das últimas novidades.

– Certo, então estamos passando aí para pegá-lo.

Mal o telefone foi desligado as duas estavam na porta do rapaz. Ele entrou, cumprimentou as duas e acomodou-se. Estela ligou o rádio em um volume que não atrapalhava a conversa e acelerou.

O destino era a loja de produtos esportivos, precisavam de lanterna, cordas, repelente para mosquitos, água mineral, rádio amador para comunicação, sinalizador – caso precisassem ser achados – agenda para anotações, algumas barras de cereais e bastante comida.

– Estamos com tudo pronto, amanhã partirmos certo?

– Que horas sairemos?

– Deixa eu ligar para a pousada e fazer a reserva. Me deem um minuto.

– Oi, é dá pousada Nova Esperança? Alguém do outro lado da linha respondeu positivamente.

– Gostaria de saber como estão as reservas para amanhã? Qual o preço das diárias? E quantas pessoas podem ficar por quarto?

Quem atendera do outro lado da linha era Jorge que reservou a pousada para o final de semana. Conseguiu alguém para servir de guia e aproveitou para lavar a casa de seu tio, ela seria

alugada para os cinco – a esposa de Márcio aceitou o convite e também iria junto.

Aquela noite foi atípica para Estela, acordou umas cinco vezes, no mínimo estava ansiosa pelo dia em que descobriria toda a verdade sobre a morte de seus amigos. Chegou até a sonhar que Maria e Thiago casaram e tiveram muitos filhos. Ela gostava realmente daqueles dois malucos.

No melhor do sono o relógio despertador anunciou o horário de acordar como só ele sabia fazer, aquele barulho era mesmo irritante. Estela esfregou os olhos tentando se acostumar com a luz da manhã que entrava pelos vitrais da janela, pôs os óculos e calçou o chinelo em formato de ursinho e saiu em direção ao banheiro, se ela pudesse dormir mais um pouco.

Três ou quatro quadras adiante estava Marta, essa sim dormiu a noite inteira, acordou antes do relógio do celular despertar. Combinaram de se encontrar na pracinha às seis da manhã, faltavam trinta minutos ainda.

Márcio e sua esposa também acordaram cedo, aliás, isso era algo comum para eles, os dois sempre trabalharam pela manhã logo no primeiro turno, nem estranhavam mais. Arrumaram as últimas coisas na mochila, verificaram se estavam carregadas as baterias do rádio e do celular, arrumaram um pequeno fogareiro movido a gás e algumas aspirinas, caso precisassem.

O único que ainda não estava acordado era Emerson, o despertador tocou, mas o preguiçoso nem ouviu, talvez porque estivesse muito cansado, no dia anterior ele foi quem mais trabalhou para reunir todo o material necessário. Depois da

quinta ligação de sua namorada ele conseguiu acordar, deu um salto e se pôs em pé.

– Emerson, falou sua namorada Marta do outro lado da linha.

– Você ainda estava dormindo, seu preguiçoso, acorde, vamos!

– Realmente eu estava dormindo mesmo, vocês já estão prontos?

– Sim, estamos esperando por você.

– Não se preocupem, chegarei aí em quinze minutos.

Enquanto o dorminhoco não chegava os amigos decidiram tomar um café em uma lanchonete que ficava na esquina da pracinha. Sentaram em um local de onda dava para ver quando Emerson passasse. Pediram pão quente com queijo, café e leite.

– Se você não se incomodar posso dirigir na ida, Estela?, falou Márcio.

– Não precisa se preocupar, Márcio, reserve suas forças para a volta, acredito que estarei muitíssimo cansada, primeiro porque eu não sei o que me aguarda do outro lado da montanha traiçoeira.

– Esse é o nome dela, Estela?

– Não, Marta, eu acabei de inventar.

– Vejo que vocês estão tomando conhecimento que escaladas, por mais seguros que sejam os equipamentos e a experiência de quem escala. Sempre gera um risco. A atenção é sempre fundamental, falou Regina, esposa de Márcio, ela não era de falar muito, mas sempre acrescentava conhecimento ao assunto toda vez que abria a boca.

– Adivinha que está chegando?

– Quem? disseram em coro.

– O belo adormecido.

– Bom dia para você também, Marta. Todos estão prontos para zarpar?

– Estamos, o único atrasado por aqui é você, todos riram.

– Tome um pouco de café e coma algo, a viagem vai ser longa, falou Roberta novamente.

Depois do café reforçado, entraram no jipe e seguiram rodando a vinte quilômetros por hora, cruzaram o sinal e aceleraram para valer. Estela sintonizou um faixa que tocava uma canção que todos conheciam. Primeiro um, depois outros em seguida, quando se aperceberam todos estavam cantando, ninguém cantava afinado ou no ritmo, mas a brincadeira era muito gostosa.

Mais umas duas canções na mesma balada e o homem do tempo interrompeu para avisar aos que estavam em viagem para a região serrana que o serviço de meteorologia alertara sobre a possibilidade de tempestade logo nas primeiras horas da manhã.

Todos olharam para Emerson, pois ele ficou responsável em escolher o melhor dia para a viagem, melhor dia entendia--se dia sem chuva, mas o radialista estava dizendo exatamente o contrário.

– Não me olhem assim, eu repeti o que o *Jornal da Tarde* escreveu.

– Essas suas fontes, você ao menos olhou a data do jornal?

– Claro, Emerson respondeu com convicção, mas sua mente o acusava, ele não tinha olhado a data, apenas encontrou o jornal na sala de sua casa e leu o título da notícia que dizia final de semana ensolarado. Roberta colocou a cabeça para fora do caro e olhou para o céu.

– Em quantos minutos vocês falaram que chegaríamos?

– De noventa a cem minutos, disse Márcio. Roberta franziu a testa e indagou:

– Quantas horas têm em cem minutos?

– Matemática nunca foi o forte dela.

– Eu também estou da dúvida, afirmou Marta.

– Em cem minutos existem uma hora e quatro sextos.

– Piorou, disse alguém.

– Calma, vou trocar por miúdos. É uma hora e quarenta minutos. Alguém não entendeu?

Foi uma gargalhada intensa, mesmo tendo se conhecido havia menos de um mês eles tinham uma afinidade incrível uns para com os outros. Falaram de tudo, contaram casos felizes e outros nem tanto, traçaram planos e chegaram a comentar a possibilidade de voltarem para passear realmente quando tudo aquilo passasse. Momentos de seriedade sempre vinham e apanhavam Estela de surpresa quando as lembranças dos amigos invadiam sua mente.

– Algum problema, Estela?

– Não, Roberta, foi poeira que caiu em meus olhos.

– Pessoal, eu acho que vai mesmo chover, vocês acham melhor pararmos em um local para procurarmos abrigo, dizem que rolam bastantes pedras dessas encostas.

– Vamos dirigir até onde der, talvez possamos chegar antes da chuva cair de verdade.

As chuvas que caíam naquela região quando o vento soprava da maneira que estava soprando eram chuvas orográficas, chuvas influenciadas pela configuração do relevo. Em algumas serras, dependendo da altitude, a chuva cai somente de um lado do monte, era o que Márcio tentava explicar, geografia sempre foi sua disciplina favorita.

– Deu um trabalhão para eu entender a hora, você que eu entenda o que é oro... oro... o que mesmo?

– Orográfica, completou Estela.

– Você também é boa em geografia, Estela, indagou Roberta.

– Não muito, minha mãe é que era fera.

– O que ela fazia mesmo?

– Ela era engenheira agrônoma.

– Ela deveria ser uma ótima mãe.

– Ela sempre será. As suas ideias viverão em meu coração por todos os meus dias. Já a minha avó, a dona Sebastiana, não se parece nem um pouquinho com mamãe, a impressão que tenho dela é que só está interessada no dinheiro que minha mãe deixou de herança.

– Nossa! Eu não queria está em sua pele, afirmou Márcio.

Estela perguntou pela chuva com o intuito de desviar seu pensamento para outros assuntos evitando que lágrimas rolassem, a viagem estava muito agradável e ela não queria estragar tudo.

– Em resumo, não choverá deste lado da serra.

– Espero que você tenha razão, amigo, depois do furo na reportagem que dei.

– Literalmente você deu um furo, mas relaxe, até agora não choveu.

– Pelo menos desse lado, meninos!

Desta vez foi Marta quem aumentou o volume do rádio e sintonizou em uma faixa que tocava um rock bem antigo que todos conheciam, a cantoria começou novamente, era impos-

sível para quem trafegava em sentido contrário não ser atraído pelo barulho e risos.

Faltava a última meia hora do trajeto, a motorista continuava atenta à estrada, Marta passava batom olhando pelo espelho retrovisor, Márcio e Roberta conversavam em voz baixa e Emerson dormia, mesmo o barulho não acordou o camarada, o cansaço o pegou pra valer.

– Mais um subida e chegaremos. Você lembra-se dessa parte da fazenda, Marta?

– Sim, lembro muito bem, lembro como se os dias de nossa infância tivessem sido ontem. Foram momentos muito felizes.

– Eu também lembro com bastante alegria. Lembro-me que ficávamos montando bichinhos nas nuvens quando estávamos deitadas debaixo das árvores na beira da estrada.

– Nossa! Você tem uma memória fantástica. Estou lembrando agora porque você deu uma forcinha.

– Eu sempre me lembro das coisas, esqueço de pagar uma ou outra multa de carro somente, mas já está ficando normal, sempre estaciono em local proibido.

– Oi, gente, eu perdi alguma coisa?

– Não, imagina... Marta sabia ser sarcástica e sutil quando queria, Emerson adorava isso.

– Você só dormiu a viagem inteira, chegou mesmo a roncar.

– Parem com isso, gente, eu não ronco.

– Como você sabe?

– Você deveria estar do meu lado, Marta, você é minha namorada.

– Vamos, responda, como você sabe?

– Eu nunca vi.

– Claro que não viu, morto não pode ver, nem ouvir, nem nada.

– Morto, eu!? Deixe disso, dei um cochilo.

A turma se divertia com a implicância de Marta e a relutância de Emerson em admitir o ronco. Aquele casal foi feito um para o outro, eles se completavam, viviam com briguinhas que os unia cada vez mais e mais.

Chegaram à entrada central da fazenda Esperança que passaria daquele dia em diante a ser conhecida como pousada Esperança, o grupo foi atendido por um senhor de meia-idade, o seu João.

– Bom dia, senhor?

– Bom dia.

– O senhor é o proprietário?

– Não, venha vou lhe levar até ele, fiquem à vontade, estávamos esperando por vocês. Talvez a pousada ainda esteja com

um cheirinho de tinta, estamos em processo de reforma e pintamos alguns cômodos por esses dias.

– Não tem problema, passaremos a maior parte do tempo escalando e caminhando nas trilhas, vir para um lugar maravilhoso como esse e ficar dentro de casa é até pecado, esse foi o discurso de Estela, mas seus amigos sabiam que ela não estava ali para admirar a natureza e olhar o verde, estava em missão.

O senhor passou na frente e abriu a porta para Estela e seus amigos entrarem. O senhor fechou a porta em seguida e saiu. Depois de uma breve apresentação, Jorge sugeriu-lhes roteiro de atividades.

– Este roteiro desjejum às sete e trinta, caminhada matinal nas trilhas e visitação às cachoeiras. As escaladas precisam ser feitas com auxílio de guia e equipamento de proteção, no memento estamos escalando a primeira serra somente.

Estela se adiantou em perguntar o porquê, a última serra era justamente a que ela desejava escalar.

– Não está aberta para escalada por quê? Ela é perigosa?

– Meu caros, acredito que não é novidade para vocês, mas toda serra gera risco em maior ou menor grau. Porém, estamos sem equipamentos no momento por ela ser mais alta e mais íngreme.

– Quanto a isso não se preocupe, trouxemos excelentes equipamentos para escalada, disse Márcio.

– É que eu trabalho em uma loja de material esportivo e conheço muita gente do ramo.

– Então não vejo problema algum. Vamos, mostrarei onde ficarão hospedados.

– Estamos em reformas e em fase de ampliação, temos uma cama somente, em cada um dos três quartos, mas temos mais quatro colchões infláveis que poderão ser usados caso necessitem, eles ficam na sala sobre a prateleira.

– Certo, temos o que mais?

– O gerador de energia elétrica é desligado às vinte e duas horas, pois a rede de luz ainda não chegou por essas bandas, mas sempre ficamos até tarde com luz de emergência que funciona à bateria.

– O que fazem até tarde? perguntou Roberta.

– Cantamos, tocamos sanfona e violão, quem gosta às vezes toma uns tragos, mas tudo muito sossegado.

– Você não bebe?

– Não, não bebo, tive alguns problemas com bebidas no passado, agora eu evito a qualquer custo.

Aquela conversa fez Jorge lembrar que quase entrou em depressão quando a garota da primeira fila, a mãe de Estela casou com seu colega de classe e mudou-se de Estado. Tanto hóspedes como hóspedeiros estavam satisfeitos. Eles parecem garotos legais, pensava o dono da pousada.

– Espero que tenham um final de semana bem divertido, quando quiserem podem chamar o senhor que os atendeu na

entrada, o nome dele é João, ele pode providenciar o que vocês precisarem.

– Tudo bem, primeiro vamos nos acomodar, em seguida o chamaremos para darmos uma volta de reconhecimento na trilha, depois queremos visitar a cachoeira, afirmou Estela.

– Não subirão a serra?

– Sim, senhor Jorge.

– Pode me chamar somente de Jorge, não vejo problema nisso.

– Se o senhor prefere assim, tudo bem para mim.

– Peço licença, tenho que fazer algumas coisas agora.

– Tudo bem, até mais, falou Roberta.

Teceram alguns comentários sobre a receptividade do moço. Estela, em particular, gostou muito do modo como ele se apresentou e os tratou. Roberta começou a fazer uma lista de atividades para aquele dia, os rapazes prepararam uma mochila com os equipamentos de escalada. Assim que se acomodaram começou a chover.

– A chuva que não pegamos na estrada está caindo agora e parece que vai longe, Márcio.

– Verdade, Emerson, e pedra molhada é sinônimo de perigo, se não se importarem é melhor deixar para tarde ou para amanhã.

– O que você acha, Estela?

– Não sei, quem é autoridade no assunto é você, melhor dizendo são vocês.

– Melhor esperarmos o tempo limpar, Roberta sugeriu.

Nesse instante, a chuva começava a cair cada vez mais forte. A lista de atividades feita por Roberta teria que ficar guardada para o dia seguinte se aquela água toda não parasse de cair a tempo.

Estela aproximou-se da janela e deteve-se a olhar a chuva. Quando criança sua mãe vez por outra a deixava brincar no quintal enquanto chovia. A casa da avó de Jorge tinha uma janela que dava diretamente na janela da casa de seu tio Anastácio.

Estela levantou o olhar e percebeu Jorge olhando a água correr no terreiro. Em que ele pensa? Ela perguntava a si mesma. Ela o olhou por uns dez minutos, até que ele parou de olhar para a água que corria no chão e ergueu os olhos encontrando os dela através do vidro embaçado. Estela sentiu uma emoção que nunca tinha sentido. Ligeiramente ela fechou as cortinas.

Sua curiosidade em saber quem era Jorge aumentou, mas ela relutou com seus pensamentos, afinal ela era uma garota que acabara de tirar sua licença para dirigir. Ele era dezenove anos mais velho que ela, isso ela descobriria naquele mesmo dia.

A hora do almoço já estava se aproximando, mas ainda caía uma garoa bem fininha. Como todos haviam acordado muito cedo, o programa para esse dia não passaria de uma caminhada até a mesa do almoço e uma escalada até a cama para uma bela tarde de sono.

Eles podiam contar com um fogão de duas bocas, meio velho, mas funcionando muito bem. Marta era perita na cozinha e foi quem se encarregou de fazer o almoço, Roberta se dispôs a ajudar, os rapazes estavam conversando perto da lareira para se aquecerem e Estela estava deitada no primeiro quarto.

– Nossos primeiros hóspedes parecem pessoas bacanas, tio.

– Que bom que você acha isso.

– São três garotas uma aparentando dezoito e as outras duas um pouco mais, e dois rapazes um pouco mais velhos. Existe uma que tomou posição de líder do grupo, Estela o nome dela.

– O que ela tem de errado?

– Não sei, tio, mas ela tem alguma coisa ou de estranho ou de fascinante.

– O que prefere?

– Prefiro que ela seja ela mesma. A impressão que tenho é que a conheço de algum lugar.

– Por que você não os convida para a serenata de hoje caso a chuva pare?

– Boa ideia, o senhor é um sujeitinho muito bacana, vou convidá-los.

– Vou preparar o repertório, vou fazer uma mistura de música atual e música antiga.

– Agora vou ver se faço algo para nós almoçarmos.

O tio foi para seu quarto tirar a poeira da sanfona, o sobrinho foi para a cozinha. Tempos depois os dois almoçavam e planejavam algo, as suas vidas eram movidas a planejamento.

Os negócios da família estavam começando a apontar um rumo que satisfazia. Quando parou de chuviscar, já passava de três da tarde. Banho de cachoeira nem pensar, a água estava muito fria, escalada também não, as pedras ficam escorregadias, o que restava era um chocolate bem quente e um bom livro. Estela abriu sua mochila e retirou um livro, deitou-se na cama e abriu em uma página qualquer.

Do outro lado do terreiro Jorge procurou o seu livro predileto e não encontrou, lhe ocorreu que havia esquecido na casa ao lado, como ele notara que a menina o estava observando na hora da chuva na janela, pensou consigo que ela imaginaria que esquecera de propósito para arranjar uma desculpa para ir lá, ele não foi, esperaria a noite e perguntaria.

– Acho que ouvi alguém bater na porta da frente, disse Emerson.

– Deixe que eu atendo, falou Estela.

– Oi, tudo bem, seu Jorge?

– Tudo, a chuva atrapalhou um pouquinho os planos de vocês?

– Na verdade sim, mas aproveitamos para descansar. O senhor deseja entrar?

– Não, obrigado. Vim aqui convidá-los para hoje à noite, serviremos um chocolate bem quente para espantar o frio e faremos uma roda de sanfona e viola.

Não só Estela concordou, mas todos os outros também concordaram. Jorge agradeceu a hospitalidade. Pousada com esse preço e o tratamento que era dispensado era realmente difícil. Antes de sair mais uma perguntinha.

– Dona Estela, a senhora pode verificar se eu esqueci um livro ou pasta na mesinha perto da primeira cama?

– Me chame de Estela, por favor. Vou verificar.

Estela não teve muito trabalho para achar, sentiu-se tentada a abrir para ver o que tinha dentro, mas não foi necessário, a pasta era transparente e ela viu somente documentos. Segurou por um canto e quando levantou, pela abertura do lado caiu um livrinho aberto na segunda página. Ela leu o que estava escrito, era uma dedicatória e estava assinado exatamente o nome de sua mãe. Isso era muito estranho e curioso. Iria investigar mais tarde.

Ela entregou a pasta sem nada comentar, informou-se do horário e despediu-se do moço. De um ponto da casa era possível ver o vale e enxergar ao longe o clarão da cidade. Os rapazes trouxeram uma imagem de satélite da região. Estudaram a imagem minuciosamente e verificaram qual seria a melhor localização para a escalada do dia seguinte, claro que contariam, principalmente, com a experiência dos guias.

O primeiro a sentar-se na varanda foi seu Anastácio, essas noites de música o deixavam sempre animado, pois gostava

muito de música. Jorge preparava o chocolate quente e os biscoitos que seriam servidos como cortesia aos visitantes.

Devagar um a um os moradores e os hóspedes foram chegando. Estela foi a última a chegar, ela mesma não entendia a necessidade de se sentir bonita naquela ocasião. Gastou um tempão arrumando seus cabelos encaracolados, era grande o desejo interior de estar bela.

Seu Anastácio tocou umas duas das antigas, e todos ouviam atentamente. Ninguém se não seu João conhecia a canção. Os demais ansiavam o momento em que o repertório seria atualizado.

IX

– Quero agradecer a presença de todos, música é sempre um motivo a mais para alegrar as nossas noites frias, eu preparei café, chocolate quente, chá e torradas.

– Precisaremos pagar por isso? perguntou Estela de maneira graciosa.

– Não, claro que não. É cortesia da casa. Posso contar um segredo?

– Adoro segredos, disse Estela.

– Eu também, completou Marta.

– Pode falar, disseram os rapazes.

Não era um segredo que assustasse, era uma simples informação.

– Não é tão segredo assim, talvez vocês até já tenham imaginado.

– Vamos, homem, fale logo, Estela falava como se conhecesse Jorge a tempos.

– Certo, falarei. O segredo é que vocês são nossos primeiros hóspedes. Pronto falei.

– Eu sabia, afirmou Roberta.

– E como sabia, indagou Emerson.

– Todas as manhãs quando saio para ir comprar pão, faço o mesmo trajeto por perto da gráfica onde o cartaz com o anúncio que Marta encontrou estava colado e eu nunca havia visto esse cartaz antes.

– Tem uma boa intuição, afirmou Jorge.

– Esse é o motivo de nos paparicar e oferecer esse lanche? Estela estava deixando transparecer que ficou encantada por Jorge.

– Tecnicamente não, embora pensemos em fazer desse gesto uma prática. Colocar na rotina das atividades na pousada. Fazer uma espécie de momento cultural e musical onde as

pessoas possam estabelecer vínculos de amizade duradouros. Mas, claro que não amamos vocês, só estamos de olho na grana que trouxeram.

Todos acharam muito engraçado. Jorge e seu pessoal mostraram ser pessoas bem extrovertidas. A música continuou, os amigos da pousada comiam biscoitos, os hóspedes sorriam e brincavam. Para aquela primeira noite tudo parecia correr bem.

Vez por outra Estela divagava em seus pensamentos, e mesmo estando cercada de gente bacana, sentia-se solitária. Superar o que aconteceu com seu dois amigos era pedir algo fora do comum para ela, totalmente impossível e mesmo que fosse possível não o faria.

A noite estava fria. Marta pediu licença para retirar-se, Emerson entendeu a deixa e a seguiu, os amigos da pousada foram em seguida, antes que o motor de luz fosse desligado na vila.

Continuavam na varanda Jorge, Anastácio, Roberta, Márcio e Estela. Cantaram outra canção, essa todos conheciam. Conversaram sobre vários assuntos, combinaram o roteiro do dia seguinte. Márcio cochichou no ouvido de Roberta e ela pediu licença e os dois sairão.

– Caso queira ir também, fique à vontade, disse Jorge.

– Está me mandando embora, seu Jorge?

– Não, não mesmo, desculpe-me, eu não tive intenção.

– Primeiro quase cobrou o chocolate quente, depois disse que não nos amava e que estava de olho em nossa grana e agora me manda embora.

A sanfona começou a tocar nesse instante, interrompendo a peleja dos dois, seu Anastácio, com a idade que tinha e as experiências que viveu, percebeu as atitudes da moça no sentido de tratar Jorge modo diferenciado, com carinho até, e resolveu deixá-los sozinhos assim que a sanfona parou.

– Vou dormir, meus queridos, hoje foi um dia bem agitado e eu estou bastante cansado. Fiquem à vontade e se precisarem de alguma coisa podem me avisar, acho que a luz apagará daqui a pouco. Eu como não preciso mesmo nem estranho. Seu Anastácio deixou os dois e saiu sorrindo.

– O que foi que você disse?

– Isso mesmo que você ouviu.

– Mas você bem que tomou o café quando falei sobre cortesia da casa.

– Eu estava com frio por isso tomei.

De maneira descontraída os dois conversavam na varanda da casa. Depois de um breve momento de conversa o motor de luz foi desligado e a luz se apagou, junto com a escuridão veio o silêncio da serra, algo fantástico. A noite estava pontilhada de estrelas, a temperatura caiu ainda mais e uma brisa agradável soprava vinda do leste.

A noite na cidade é bem mais tímida na cidade grande, pensava Estela. A altitude os aproxima do céu e tornava aquela atmosfera muito agradável. Primeiro pelo frio, depois pela calmaria. Jorge não quis interromper a jovem que imóvel contemplava o céu. Saiu sem ser notado e voltou com um cobertor.

– Precisa de um cobertor, está muito frio, você pode pegar um resfriado, afirmou ele.

– Muito obrigado, mas acho que já vou me deitar.

– Deseja que eu a acompanhe?

De alguma forma Jorge havia notado que a moça aparentava certo desejo de aproximação, mas, para ele, ela era uma simples hóspede em férias no primeiro dia na serra. Não que ela não fosse bonita, mas a ética cultivada por ele tirava de cogitação o envolvimento entre dono e hóspede da pousada.

– Não precisa, já conheço o caminho e a lua está se encarregando de iluminá-lo.

– Tudo bem, então. Sete e trinta estaremos com a mesa posta para o café. Se preferirem colocaremos mais cedo.

– Por mim está bem, não precisa se preocupar. Boa noite.

– Boa noite, Estela.

O rapaz tinha quase certeza que quando a garota estivesse a certa distância ela olharia por cima do ombro para trás, ele resolveu olhar para conferir, ela estava andando e olhando para ele, por pouco não atropelou uma árvore que se encontrava bem no caminho. Jorge deu um sorriso de convalescência, e ficou olhando até que ela entrasse em casa.

Na casa do tio Anastácio, alguém roncava tanto que parecia um hipopótamo ou rinoceronte. Sabia-se que o estrondo vinha do quarto da frente, mas não era possível definir quem era o dono daqueles pulmões incríveis.

Era quase madrugada e Estela ainda não tinha conseguido dormir, lhe veio à mente a dedicatória assinada com o nome de solteira de sua mãe. Mera coincidência, ela tentava persuadir a si mesma.

Na madrugada, o termômetro que era colado na mochila marcava dezesseis graus, para Estela parecia muito mais, pois era a única que estava desacompanhada. Não faltava muito para amanhecer o dia quando ela finalmente foi dominada por um sono tão profundo. Estela teve um sonho.

Sonhou que morava em um local muito lindo, com jardins e pássaros por todos os lados. Nesse local também morava Maria e Thiago, eles haviam casado e tinham vários filhos, seis foram os que ela conseguiu contar, mas tinha muito mais. Era um pequeno vilarejo com uma única rua que o separava em dois. De um lado era esse lugar lindo, do outro existiam árvores mortas e quase nenhum capim. A floresta tinha aparência de árvores que haviam queimado em um grande incêndio.

Jorge estava chamando por Estela no final da rua, ela relutava em correr até ele, mesmo sendo seu pai em sonho, não obedeceu ao seu chamado. Seus amigos a chamavam para o lado florido da estrada, dúvida em ir com seus amigos e ficar com seu pai Ela acordou.

– Que sonho mais maluco esse, disse para si mesma.

– Você está precisando de alguma coisa, Estela, ouvi uns gemidos do outro quarto?

– Não, obrigado Marta, era um pesadelo. Não de preocupe, pode voltar a dormir.

– Se quiser posso dormir aqui com você.

– Marta, minha linda, sou bem nova, é claro, mas não sou mais nenhuma criança, sei me virar, não se preocupe.

– Ah, Estela, não é demais nos preocuparmos com as pessoas que amamos.

– Agradeço de coração, Marta, mas sinceramente não precisa, foi um sonho, nada mais.

– Se prefere dessa forma, voltarei ao meu quarto, caso precise de algo, estou depois desta parede, não se acanhe em me chamar.

– Você está parecendo minha mãe. Eu estou bem.

O carinho que as amigas tinham era invejável, Marta compreendia que sua amiga estava fragilizada com o falecimento de sua mãe e depois de seu dois amigos, pesadelos e sonhos horríveis aconteciam com frequência. Todas às vezes que Marta tinha a oportunidade de ser amiga ela o fazia.

O dia amanheceu, uns levantaram às seis da manhã, outros um pouco mais tarde. Estela, porém, continuava dormindo. O sol se encarregou de secar o orvalho que caiu durante a noite e a cantoria da floresta substituiu os despertadores, aquele dia parecia perfeito para as atividades de escalada.

– Imagino que o sol vai colaborar conosco hoje. Se continuar assim vai ser possível fazermos todo o percurso da trilha e ainda escalarmos a serra.

– Também penso dessa maneira, Roberta.

– Se ontem não deu, não devemos insistir, não deu não deu.

– Roberta e suas sábias palavras.

– Sábias? Não, Márcio, é só uma questão de lógica, lembro de vocês afirmando que rocha molhada é igual a rocha perigosa.

– Meu caro Márcio, fomos pegos pela palavra, afirmou Emerson.

– Mas temos que concordar com Roberta. Ontem não foi viável, hoje será.

– Tomara, do contrário viemos até aqui para passear somente, afirmou Emerson.

– Claro que isso tudo já valeu o esforço, exclamou Marta.

Nesse instante Jorge chegou para tomar café com os hóspedes e o pessoal da pousada, ele não os acompanharia. Teria que resolver uns negócios na cidade, algo relativo a adubos orgânicos e sementes, estaria fora o dia inteiro, retornaria no fim da tarde.

– O senhor dos acompanhará, seu Jorge?

– Não, eu terei que sair, vou à cidade resolver uns problemas. Além da pousada pretendemos montar uma cooperativa agrícola.

– O que é exatamente uma cooperativa agrícola, seu Jorge, indagou Roberta?

– De modo simples: é um celeiro para guardar a produção, estou chamando de cooperativa porque eu entro com as terras de minha família e técnicas de produção e o pessoal da vila entra com a mão de obra para trabalhar a terra.

– E para quem vai o lucro?

– Com o lucro em pagarei a mão de obra do pessoal, a outra parte investiremos na fazenda. Quero começar a criar animais no futuro como fazia minha avó Estela.

Estela, ainda deitada, ouvia a conversa, e teve certeza de que a assinatura no livro de Jorge era de sua mãe, porque ela sabia que seu nome foi dado em homenagem a uma senhora gentil e bondosa que ela conheceu quando fazia trabalhos de campo na época da faculdade. Para disfarçar e ao mesmo tempo puxar conversa ela afirmou ter ouvido o seu nome.

– Que estava falando de mim, eu ouvi meu nome?

– Não, não estávamos falando de você, amiga, mas falando da avó de seu Jorge, ela tinha o nome igual ao seu.

– Isso, eu estava explicando que a dona dessas terras era a minha avó e que o nome dela era Estela. Mas deve ser coincidência, afinal devem existir milhares de Estelas no mundo.

– Mas talvez nenhuma seja tão legal quanto a sua avó, afirmou Estela.

– Ah, nisso eu tenho que concordar com você. Ela foi uma figura e tanto.

– Se quiser poderá nos falar sobre ela um dia.

– Não quero importuná-los com minhas histórias, Roberta.

– Vai ser um prazer, afirmou Emerson.

– Tudo bem, mas agora tenho que deixá-los, irei até a cidade voltarei no fim do dia, fique à vontade e aproveite para relaxar.

Mal acabou de falar, Jorge entrou no carro, deu a partida e pegou a estrada. Ele estava ficando inquieto com os olhares da garota, algo chamava a sua atenção, sua mente insistia em afirmar que ele a conhecia. Ela, cada vez mais intrigada, agora tinha certeza que sua mãe o conheceu, depois das pistas era impossível duvidar.

A pergunta que não queria calar era se os dois tinham tido um caso amoroso, e se tiveram, seria lícito ela continuar alimentando aquele sentimento de dois dias? Estela não tinha resposta, descobrir quanto ele sabia de sua mãe seria a sua próxima missão.

– Vamos caminhar e subir a serra, gente?

– Vamos, seu João.

– Esperem por mim, esqueci minha garrafa de água.

– Tudo bem, falaram em grupo para Estela.

– Pronto, vamos.

– Todos vocês já praticaram escalada antes?

– Não, somente eu o Emerson e a Roberta, Márcia e Estela será a primeira vez.

– Espero não desistir e ficar esperando vocês no pé da serra, disse Marta.

– O segredo para uma boa escalada é conhecer bem o terreno, as rochas, os equipamentos e não confiar na capacidade própria.

– Como assim não confiar na capacidade própria, seu João, a mais crítica perguntou.

– Nas escaladas parte do trajeto é feita em grupo e com a ajuda do grupo.

– O que isso tem ligação com agir sozinho?

– A ligação, Roberta, é literalmente a corda, se você sofre de autoconfiança em excesso pode botar todo o grupo em perigo.

– Agora quem não está entendendo nada sou eu, afirmou Marta levantando as sobrancelhas.

– Deixe pra mim, seu João.

– Todo bem, Emerson, pode explicar.

– Dependendo da subida, um está amarrado ao outro pela corda, se um cair leva os outros junto.

– Entendi.

– Eu também, Marta, isso é o que eu chamo de estar amarrado em alguém.

Uma subida difícil aguardava o grupo, mas a alegria e descontração imperavam, com exceção da apaixonada, que dividia seu tempo entre pensar em seus amigos falecidos e no seu amor secreto. Como ela poderia ter-se apaixonado tão rápido por alguém que nem sabia da existência dias atrás.

– Vamos fazer uma parada para descansar.

– O senhor é quem manda.

– Quanto ainda falta?

– Já passamos da metade, Estela.

– Parece fácil. O que estão achando, meninas? Eu estou bem-disposta!

– Eu também, e você, Roberta?

– Estou poupando energia para a volta, vai ser tão exigente quanto a vinda.

– Nisso ela tem razão, meninos.

– Com a prática aprendemos bem rápido. E o senhor, está cansado?

– Não, filho, eu me criei aqui, conheço essa serra inteira. Esse é o melhor caminho que já descobri para chegar ao topo desse pico.

– Esse é o mais alto? perguntou Emerson, mesmo sabendo que não era.

– Não, o mais alto fica na divisa com outras terras, mas não é muito explorado.

– E por que não é?

– Suas perguntas são simples, mas bem elaboradas, Roberta. Não é porque mesmo sendo o mais alto da região, deste onde estamos é que temos a melhor vista, muitos o exploram pelo prazer da subida.

– E suas respostas também são muito bem elaboradas.

– Obrigado.

Todos gostaram de seu João desde o primeiro instante, um sujeito que não concluiu nem o ensino primário, mas na sua humildade aparentava ter um vasto conhecimento de mundo, embasado em suas vivências, experiências e andanças.

Depois de um breve período de descanso era hora de voltar para a atividade de subida. Água não podia faltar, muito menos barras de chocolate e cereal, essa era a carga de Estela. Márcio e Emerson carregavam o material de escalada.

– Deste ponto em diante devemos redobrar a atenção, a subida é íngreme e não queremos ter nenhuma surpresa, afirmava seu João com bastante convicção.

– Percebo que já escalaram aqui, podemos ver os pinos e argolas encravados nas rochas, vamos usar o que der para usar e colocaremos alguns novos, seu João?

– De cada dez, oito são novos colocamos a semana passada.

Emerson abriu a mochila e retirou um sinto de segurança para cada um, presilhas e argolas faziam parte da ornamentação que, além se ser super-resistente e confortável, o metal dava uma coloração dourada toda que deixava o conjunto todo harmonizado.

– O meu cinto é um pouco mais simples, não subirei a última parte, idade de um homem dita uma porção de coisas que ele tem que deixar de fazer, claro que sou bastante teimoso, mas os últimos trinta metros são de vocês.

– Estamos a uma altitude de quatrocentos metros em relação ao nível do mar, afirmou Márcio checando seu GPS.

– Tudo bem, Estela, segure minha mão.

– Valeu, Márcio.

– Eu vou à frente com o Márcio, vamos prender a corda em algum lugar e vocês segurem firmes e predam no cinto.

Desse ponto seu João montou uma espécie de base de onde dava os comandos, ora pelo rádio, ora por grito mesmo. Tudo estava dando certo até que algo aconteceu.

– Segure firme, Márcio, algo aconteceu com as meninas.

– Vocês estão bem?

– Eu estou, mas a Estela escorregou e machucou a perna.

– Estela, você pode mexer a perna?

Estela tranquilizou a situação, mas ela estava literalmente pendurada no despenhadeiro. Mil coisas lhe ocorreram, pensamentos de que a corda arrebentaria era o que preenchia setenta por cento de sua mente. A resistência do equipamento acabara de ser testada, e resistia.

Eles usavam duas cordas, a jovem e Emerson estavam presos à corda de cor azul. Emerson não foi puxado para baixo pelo peso da amiga, porque quem deslizou foi a corda secundária, deslizou o engate da parte de baixo. Estela escorregou um metro mais ou menos, mas foi suficiente para perder o equilíbrio e virar seu corpo para trás. Isso fez com que a corda a levasse para o lado esquerdo e sua perna ficou presa numa fenda da rocha.

– A vista daqui é linda, brincou Estela tentando passar tranquilidade.

– Desta outra parte é bem melhor, afirmou Marta mostrando preocupação com a amiga.

– Estela, você pode pisar com a perna esquerda?

– Vou tentar, Márcio.

– Ai, acho que não vai ser possível, está doendo um pouco.

– Você consegue pegar sua água na mochila?

– Consigo, seu João, o problema é na perna, todo mundo sorriu, o clima era de tranquilidade, a corda aguentava o peso de dez Estelas, e não seria uma que quebraria.

– Se ainda estiver gelada, jogue de vagar em sua perna.

– Certo, está geladíssima.

Um gole para sede outro para perna, e assim Estela alternou até a garrafa secar. O plano era puxá-la de volta. Emerson teria conseguido sozinho, mas preferiu trabalhar com a ajuda de Márcio.

– Vamos puxá-la, Márcio.

– Vamos, segure-se, Estela, vamos puxar você. Use as mãos para se apoiar caso a perna não esteja ajudando.

– Acho que posso pisar, a água gelada funcionou como bálsamo. Seu João e sua sabedoria em ação, comentou.

O velho sorriu agradecido, mas no fundo sabia o que era se machucar em fendas. Estela tentava ser gentil, a perna estava doendo muito, mas ela não demonstrava, o sorriso estava estampado em seu rosto suado, ela não queria estragar o passeio dos amigos, a missão era sua.

Sentia-se uma boba pendurada ali a um metro de uma base que formava um parapeito. Se a corda arrebentasse ela cairia naquela plataforma natural a um metro de altura. Não fosse pela perna machucada, que agora começava a apresentar inchaço e vermelhidão, sairia dali com um simples pulo.

– Segure minha mão, Estela, vou puxá-la. Pronto, está salva.

– Obrigado, seu exagerado.

– Vamos ver como está sua perna, Márcio fez uma careta quando olhou para o machucado, aquilo devia estar doendo muito.

– Tudo bem, gente, eu estou bem!

– Vamos voltar.

– Não! Não por minha causa, faltam alguns metros. Vou esperá-los aqui.

– Passe essa pomada, vai ajudar, Emerson jogou para Márcio que entregou nas mãos da enferma.

– Vamos continuar.

Continuaram. Pouco tempo depois estavam no topo da serra. Todos os adjetivos que haviam usado no cartaz da propaganda da pousada estavam bem à frente. O lugar era mesmo muito lindo. A queda-d'água podia ser vista dali, parte da estrada também. Lamentaram não ter trazido um binóculo.

Uma parada para foto, depois começariam a descer. Não se demoraram porque estavam preocupados com a amiga que ficou no penúltimo degrau da subida. Era no mínimo deselegante usufruírem de toda aquela natureza sendo que a ideia partira dela.

– Vamos, galera, gritou Márcio.

– Vamos, respondeu outro.

– Esperaremos Estela se recuperar e vamos escalar a última serra.

– Eu topo, disse Roberta.

Desceram até o ponto onde a moribunda jazia sorridente. Ajudaram-na a levantar. Emerson ofereceu o ombro como apoio, Marta achou o gesto do namorado muito nobre. Ele sabia ser gentil, isso agradava muito a sua namorada.

Com cuidado e escolhendo o lugar ideal para pisar o grupo começou a descida, desceu até o ponto onde seu João estava esperando ansioso para examinar a perna de sua hóspede. Uma parada para descansar.

– Como está a perna, minha filha, disse ele carinhosamente.

– Vou sobreviver, obrigado pela preocupação de todos.

– Deixe-me olhar mais de perto, seu João olhou mais de perto.

– Então, doutor, vou sobreviver? brincou a garota.

– Pelo diagnóstico que percebi, você viverá, mas não muito.

– E quanto tempo viverei?

– Talvez você viva mais uns duzentos anos. Não mais que isso!

– Dessa forma me transformarei num dinossauro.

– Um dinossauro das montanhas, completou seu João.

– Mas falando sério, temos que ir, esta garota deve descansar o resto do dia e fazer compressa com gelo ou água quente.

Estela levantou e segurou o ombro do amigo e começaram a descer. Levaram o dobro do tempo que levariam em dias normais, mas isso era necessário, pois não queriam ter outra surpresa, as pedras eram bem pontiagudas, um vacilo resultaria em um corte na certa.

Jorge já havia chegado da cidade, ao longe avistou o grupo se aproximando. Percebeu que alguém puxava a perna, era Estela. Ele se indagava sobre o que acontecera, mas não foi ao encontro, esperou calmamente.

Um dono de pousada nervoso e assustado não faria bem para a reputação da pousada. Uma imagem serena e responsável deveria ser passada aos hóspedes para que tornassem a escolher essa região para as férias de outros momentos.

Entre um pensamento e outro veio o da cobra picando o cachorro, teria sido isto Jorge se perguntou. Mas pelo conhecimento do povo da região se isso fosse verdade ela não estaria nem andando. Ele esperaria e perguntaria.

X

Seu João se encarregou de narrar a história acontecida. Todos os fatos deveriam ser registrados no diário de Jorge, ele tinha a mania de anotar as coisas que fazia, tanto as que davam certo como as que não davam.

– Temos aqui a possibilidade de utilizar a maleta de primeiro socorros, brincou seu João.

– Eu posso utilizar aquela agulha grandona para aplicar injeção?

– Palhaços, replicou a paciente.

– Como conseguiu isso?

– São ossos do ofício, quer dizer, da escalada.

– Você pode mexer os dedos do pé?

– Posso, veja.

Com alguma dificuldade ela mexeu os dedos do pé a pedido de Jorge, pareciam normais, estavam engraçados todos bem gordinhos e aparentemente não quebrou nenhum. Sugeriram que ela fosse para casa, Márcio a levaria, mas ela disse que estava bem.

– Aceito de coração a ajuda de todos, mas não quero ir. Prometo que se achar que está pior convidarei um de vocês imediatamente para me levar ao hospital mais próximo.

– Se não acha necessário pelo menos descanse o resto do dia e ponha logo um gelo aí.

Jorge mesmo foi quem se encarregou de lhe arranjar uma cadeira confortável com almofadas e outra para ela repousar as pernas, trouxe também bolsa de gelo e um comprimido para dor.

Ela aceitou todas as coisas, era uma ótima paciente, não fazia biquinho na hora de repousar ou tomar algum comprimido. Os outros sairiam depois do horário do almoço. A equipe não ia muito longe, nada de escaladas naquele dia somente um banho de cachoeira para refrescar.

– Se não se importar pode ficar aqui, até seus amigos voltarem.

– Obrigado, ficarei mais um pouco aqui, depois precisarei da sua ajuda, pois prefiro descansar em meu quarto. Pode ser?

– Claro, como você quiser.

– Então, Jorge, fale-me sobre você. Nunca casou? Cursou que curso? Qual seu *hobby*? Essas coisas.

– Prefere que eu comece por qual?

– Comece pelo começo, ambos sorriram.

– Você não teria tanto tempo assim.

– Não posso sair para lugar nenhum, observou a garota apontando para o pé.

– Tudo bem então. Era uma vez um garotinho chamado Jorge, o único filho que sua mãe tivera. Mudou-se para cidade quando ainda era criança, para morar com seus padrinhos. Quando estiver cansada desse blá-blá-blá, pode avisar-me, por favor?

– Eu o avisarei.

– Sempre levei muito jeito para mexer com a terra e com plantas.

– Você se formou em Biologia?

– Não, me formei em Agronomia.

Quase Estela entregava o jogo ao afirmar que sua mãe também gostava muito de planta e de terra.

– Sua mãe, fez Agronomia também?

– Primeiro a sua história depois a minha, se tivermos tempo.

– Você vai a algum lugar?

– Acredito que não. O que fez depois de formado? Seu chatinho!

– Depois de formado fui trabalhar em um escritório de produtos fertilizantes. Trabalhei um tempo, mas não deu muito certo, depois fiz outras coisas, já fui até vendedor de livros, fiz de tudo um pouco.

– Nunca quis casar?

– Até quis, mas não deu.

– Por que não deu?

Aquela pergunta fazia Jorge lembrar os tempos difíceis de sua vida, lembrava da garota que ele gostava e que casou com outro e mudou-se de cidade. Foram tempos difíceis.

– Se preferir não falar, entenderei, a garota demonstrou-se solidária dor do rapaz.

– Deixa eu te dizer uma coisa, não sei bem o porquê, mas sinto muita confiança em você. Eu nunca havia visto você antes, mas a impressão que tenho é que te conheço há muito tempo.

– E também sinto o mesmo, disse Estela no momento que colocava uma mecha de cabelo para trás da orelha.

– Eu gostava muito de uma garota que sentava na primeira fila.

– Ela escreveu a dedicatória no livro?

– Como você sabe?

– Eu vi no dia em que você pediu para eu pega a pasta de documentos, ele caiu aberto na página e eu li, me perdoe, não fiz por mal.

– Tudo bem, não é nada demais, é apenas uma dedicatória. Essa garota casou com um de nossos colegas e mudaram de Estado, perdemos o contato.

– Chegaram a ter alguma coisa?

– Não, ela nunca ficou sabendo do sentimento que eu cultivava por ela.

Nesse instante Estela se lembrou do sonho que tivera, onde Jorge era seu pai, menos mal. O caminho estava livre, mas como um homem tão centrado daria bola para uma garotinha que mal acabou de tirar a sua licença para dirigir.

– Que triste. Deve ter sido uma barra para você.

– E foi. Lembra de quando falei sobre as rodas de música e comentei que eu não bebia bebidas alcoólicas por conta de alguns problemas?

– Foi nessa época?

– Sim, cheguei a um estado de viver embriagado dia após dia. Eu queria a qualquer custo afogar as minhas mágoas com álcool.

– Como conseguiu sair dessa? Arranjou alguém para esquecer?

– Não, arranjei um novo emprego que me mantinha ocupado a maior parte do tempo. Nesse emprego trabalhei até pouco tempo, depois que minha avó faleceu vim para tomar conta dos negócios da família.

Estela fez todas as perguntas que sentiu vontade de fazer. Jorge, por sua vez, respondeu a todas. Agora seria a vez de Jorge fazer as perguntas. Estela já estava nervosa pensando em que responderia quando caso ele perguntasse sobre sua família.

– Agora é minha vez, senhorita. Você está pronta para algumas perguntinhas?

– Desde que você não me pergunte o que é hipotenusa, estou!

– Olha que eu estava pensando exatamente isso mesmo, mas tinha certeza que você sabia.

– Não, não sei. E essa não vale.

– Certo, então escolha o gênero da conversa.

– Conhecimentos gerais.

– Sua mãe não se importa que você viaje por aí com amigos um ou dois anos somente mais velho que você?

Essa pergunta tinha um requinte de crueldade, Estela não gostava de mentir em circunstância alguma. O que deveria fazer? Dizer a verdade, ela pensou, e disse:

– Não, ela não se importa. Próxima!

– E por que não se importa?

– Já sou bem grandinha e muito responsável.

– E o que você vai ser quando crescer mais um pouco.

– Não sei ao certo, mas vou fazer algo relativo às ciências humanas.

– E seu namorado, não quis trazê-lo ou ele não quis vir?

– Eu é que não quis que estivesse aqui.

– Estranho!

– Na verdade eu não tenho namorado, logo ele não pôde vir.

– Tá certo, dessa forma nem que ele quisesse vir ele não poderia.

Jorge era muito engraçado e Estela adorava isso. A impressão que Jorge sempre teve que não importa a idade que uma mulher tenha, elas sempre gostam de homens que sejam inteligentes e engraçados.

Os dois sentiam-se atraídos, mas não era a barreira da idade que os impedia de continuar. Ela o admirava por ter amado sua mãe, mesmo que secretamente. Ele não queria perder um cliente, porque era isso que aconteceria se tivesse um envolvimento.

Por mais que Jorge tivesse características de um bom companheiro e amante, ele era um empreendedor que colocava a alma no que fazia, negócios à parte era o lema que ele adotara para si e para os negócios da pousada.

– Qual é mesmo o nome de sua mãe?

– De minha mãe?

A menina tinha a voz embargada, pensava no que responder, não queria perder o foco do que fora fazer na fazenda. Seus planos estavam começando a ruir, não tinha planejado se apaixonar em dois dias, o que mais ela tinha para fazer se não confessar. A garota olhou dentro dos olhos dele, como se estivesse enxergando a sua alma, e falou de maneira pausada e suave.

– Meu caro Jorge, não sei o que você fez com a minha mãe, mas é o mesmo que fez comigo.

– Não estou entendendo você, eu conhecia sua mãe?

– Sim, você conhecia.

Antes que a próxima pergunta fosse feita, ouviram vozes na janela, era o pessoal que acabara de chegar. Todos pareciam muito contentes e satisfeitos com o passeio que até esqueceram que estavam em uma missão.

– Podemos continuar essa conversa depois, Estela?

– Sim, claro.

– Olá, pessoal, como foi o passeio?

– Foi ótimo, as cachoeiras são incríveis e a água é muito gelada. E nossa paciente se comportou direitinho?

– Claro que me comportei, a paciente gritou da sala.

– Sim, ela não deu trabalho algum, conversou muito, mas não tive nenhum problema. Seu quadro é estável, acredito que amanhã o inchaço já desapareceu e ela poderá acompanhar vocês, nas caminhadas.

– Amanhã estarei correndo, Estela disse segurando-se na porta da sala.

Todos sem exceção recomendaram que ela voltasse a descansar, mas ela não quis, afirmou ter descansado a tarde inteira, agradeceu a preocupação e sentou-se na cadeira da varanda. Alguém sugeriu um lanche e ela adorou a ideias.

Jorge não parava de olhá-la, a interrogação estava estampada em seu semblante. Quando ficaria a sós com ela? O que ela quis dizer com o que disse? Qual era o nome de sua mãe? Ele teria feito algo de ruim para alguém? Essas perguntas povoavam sua cabeça.

– Vou pegar macaxeira para cozinharmos e fazer uma merenda, é rápido. Vou buscar.

– Eu vou com o senhor, disse Roberta, nunca vi, quero ver como se faz.

– Tudo bem. Vamos!

– Eu vou tomar um banho, enquanto esse lanche apronta.

– Depois sou eu, afirmou Márcio, olhando para Emerson com o ar de eu falei primeiro.

– Tem um banheiro aqui, se quiserem usar, podem usar, não é muito grande, mas dá pra usar.

– Eu vou querer, afirmou Emerson olhando para Márcio com ar de mesmo depois de sua esperteza eu ainda vou tomar banho antes de você.

Emerson saiu, pegou as suas roupas e entrou no banheiro. Jorge continuou conversando com Márcio e Estela. Chegaram seu João e Roberta com umas dez macaxeiras. Seu João teceu alguns elogios sobre a desenvoltura da moça em arrancar da terra a macaxeira.

– Eu só não deixei ela carregar, também pudera ele trazia seis macaxeiras, das médias, em suas mãos.

– Como se eu não pudesse com três quilogramas de macaxeira. Agora pode deixar que eu vou lavá-las e colocá-las para cozinhar.

– Desde quando você faz isso, a gente sempre pediu pizza para o lanche, Márcio fez esse comentário desnecessário, mas recebeu o que merecia.

– Desde hoje. Aprendi com os mais velhos. E você o que aprendeu hoje?

A lição mais interessante que ele aprendeu naquele instante é que algumas frases devem ser evitadas em algumas ocasiões. Depois de pronunciar a sábia sentença, Roberta saiu e foi em direção à cozinha, Emerson estava saindo do banheiro sem camisa, ela nunca tinha reparado como ele era branco, pensou em sugeriu-lhe um banho de sol, mas evitou.

– O que teremos para o lanche?

– Macaxeira cozida, disse ela radiante por ser a primeira vez que preparava um prato daquele tipo.

– E você sabe fazer isso?

Ele fez a mesma insinuação que seu esposo havia feito um minuto atrás, e como era de se esperar ele também ouviu o que não queria ouvir.

– Sei, sim, e você por que não cuida de tomar um sol, está parecendo uma lagartixa com frio.

– Eu, hein, de onde arranjou esse mau humor?

– E você, de onde arrumou essa deselegância?

– Sei não – o rapaz saiu rindo, pois sabia que Márcio tinha aprontado alguma e ela procurava alguém para descontar.

O fogão foi bastante generoso e não demorou muito para a macaxeira estar cozida e pronta para ser servida, esse tipo de

lanche era novidade para todos os hóspedes. Foi muito apreciada e todos adoraram.

– Hum, isso é mesmo uma delícia, às vezes eu via no supermercado, mas não dava muito valor.

– Eu também, Estela. Qual o segredo Roberta?

– É muito simples, basta lavar bem lavada, cortar em pedaços, descascar e pôr no fogo com sal.

– Muito fácil isso, até o Márcio faz, disse Emerson com ar de gozação.

– É mesmo diferente, exótico e muito gostoso, sem contar o seu valor nutritivo, pena que alguns não dão muito valor. Quem mais aproveita é a classe pobre ou quem conhece o sabor. Além de cozidas podemos fazê-las fritas, fica uma delícia.

Estela estava tão ansiosa quanto Jorge pelo final da conversa, teriam que terminar o que começaram e talvez ela conseguisse continuar em sua missão com a ajuda dele. Por ser o dono das terras ele seria um forte aliado.

A equipe da missão já havia descartado a possibilidade de Maria e Thiago terem sido assassinados por Jonas – o que era irmão de Maria por parte de pai – estavam tentados a descartar falha no equipamento, uma vez que naquela marca de equipamento não existia um registro que fosse de um acidente nos últimos cinco anos, material muito bom.

Acreditava-se na possibilidade de inexperiência e desconhecimento da serra, mas algo aconteceria naquela noite que colocaria mais uma interrogação na mente de Estela. Depois

do lanche todos saíram com a promessa de reunirem-se à noite na roda de música.

– Marta, minha querida, quero contar-lhe algo, venha comigo.

– Para que tanto mistério, conte logo.

– Venha até o meu quarto e conversaremos.

– Pronto. De quem temos que falar mal.

– Só você mesmo para me fazer sorrir. Não tem nada de mal. Lembra que falei da atração que eu estava sentindo?

– Lembro, e daí?

– Acho que isso é hereditário.

– Continuo sem entender nada.

– Minha mãe sempre me falava que havia gostado de um rapaz na faculdade, mas ele nunca lhe deu bola. Descobri essa tarde que esse rapaz é o Jorge.

– Agora estou entendendo. Você disse isso para ele?

– Não, eu disse que ele fez comigo o mesmo que fez com minha mãe.

– Ele entendeu?

– Não, eu coloquei uma interrogação do tamanho do mundo em sua cabeça.

– Será que ele está disposto a um relacionamento? Ou será que para ele eu sou uma simples hóspede, como qualquer outra?

– Por que você não pergunta para ele, Estela?

– É isso que farei na roda de música quando nos reunirmos.

Seu Anastácio era o único que nunca havia faltado uma noite na roda de música, antes de escurecer de vez ele já estava por lá, aquilo para ele era quase uma religião e ele um praticante fiel. Roberta sentia-se com febre e cansada, Márcio preferiu ficar com ela e lhe dando algum apoio caso viesse a precisar.

O chá era tradição, mesmo a noite não estando fria. Seu João se encarregou de prepará-lo. Emerson e Marta se ocuparam em olhar o vale na calmaria daquele finzinho de tarde.

A música começou seguindo a mesma maneira da noite anterior, das mais antigas para as mais recentes. Uma ou outra Estela não cantou, mas o restante ela sabia a letra de todas. Sua voz era muito bonita e chamava a atenção de Jorge. Além de cantar docemente ela olhava-o fixamente. Uma pausa e o chá.

– Alguém quer chá?

– De que é, seu João?

– De canela, Emerson.

– Eu quero.

– Eu também.

– E você, Estela, não vai querer?

– Qual a segunda opção?

– A segunda opção é chocolate quente.

– Quero a segunda opção, chocolate quente. Não se acanhe em colocar uma xícara bem generosa, não sou daquelas que vivem se policiando quanto ao que comer.

Uma olhada minuciosa para Estela, que usava um vestido fino e branco, fez Jorge perceber quão linda era aquela garota. Se não fosse pelos seus princípios ele poderia tentar uma investida e lhe dizer algo.

Além de um corpo extremamente bonito, sua inteligência completava o restante. Estela gostava muito de ler, lia de Filosofia a Química, era capaz de discutir sobre política ou sobre novelas, tinham sua própria biblioteca com mais de um volume para cada ciência.

– O chocolate está ótimo, seu João.

– Muito obrigado!

– Bem melhor do que o de ontem, quem foi mesmo que fez o de ontem?

– Adivinhem quem foi? Eu! afirmou Jorge entendendo a provocação da hóspede mais linda daquela região. Depois de tantas investidas, da parte da menina, Jorge começava a se deixar levar pelo encanto que o envolvera. A muralha que ele havia levantado contra relacionamentos mal acabados ruiu.

– Mas bem que vocês tomaram sem reclamar.

– Nem podíamos, éramos recém-chegados e estranhos.

– Quem pode avisar a mãe dessa garota que ela não se comporta e não respeita os mais velhos? Jorge, inocentemente, fez a afirmação e sorriu. Além dele ninguém mais sorriu. Estela chorou. Jorge não entendeu. Alguém se propôs a explicar, Jorge envergonhado desculpou-se.

– Estela, minha linda, desculpe, eu não sabia, perdoe a minha indelicadeza, eu estava brincando.

Da parte das lembranças Estela não gostou nenhum pouco, mas de ter sido chamada de minha linda ela adorou.

– Tudo bem, eu já superei, ela suspirou e enxugou a lágrima teimosa que descia em sua face delicada, borrando a maquiagem. Sim, ela havia feito uma maquiagem para aquela ocasião, simples, mas tinha feito, ela queria parecer bonita para agradar Jorge.

– Os últimos tempos de Estela foram tempos difíceis – Marta se propôs a explicar enquanto Estela saía para o seu quarto.

– Desculpe-me, eu não sabia.

– Tudo bem. Deixa eu lhe dizer parte da história. No último semestre ela perdeu três pessoas muito queridas, dois amigos e sua mãe. Hoje ela vive com sua avó, que é um saco, e só está interessada na herança da família, além de tratar todo mundo mal a dona Sebastiana odiava os amigos que Estela amava.

– Caramba! É muito problema para uma jovem garota. Mas até que ela é muito forte, vive sorrindo.

– Sorriso não significa felicidade.

– Nisso você tem razão.

– Temos passado muito tempo juntas, e eu conheço muito de sua vida, ela é uma pessoa extremamente responsável e amiga, mas esconde uma tristeza gigantesca.

– Certo. Vocês podem me achar inconveniente se quiserem.

– Nada disso, você se mostrou um cara super, bacana, Emerson afirmou.

– Obrigado.

Seu Anastácio, que ouvia tudo atentamente, fez uma consideração muito válida e que quase todos adotaram.

– Em momentos assim, palavras não valem muito, as vezes um bom silêncio e uma boa noite de sono fazem a diferença. Vamos?

Como que programado, na hora da última frase a luz apagou, vinte e duas horas. Todos saíram, seu Anastácio bateu no ombro de Jorge em sinal de apoio, segurou sua sanfona com uma das mãos, com a outra encontrou a parede e saiu seguindo até o seu quarto.

Sentado na cadeira de balanço com as pernas apoiadas no parapeito, Jorge pensava nos últimos acontecimentos daquele

dia. Como seria possível ele, um camarada que sempre teve a lógica e a razão como guias de sua vida, estar vivendo uma situação sem lógica alguma.

Estela tinha certeza que ele estaria sentado na varanda, e a esperava, mesmo que inconscientemente, levantou da cama e seguiu pelo terreiro. Seus cabelos não estavam nada arrumados, seu vestido esvoaçava-se com o vento. Quem visse de relance sob a penumbra da noite afirmaria ter visto uma assombração.

O degrau da escada rangeu e Jorge olhou na direção do barulho, ela estava parada no último degrau entre Jorge e a fonte de luz, o que fazia com que a sua silhueta fosse delineada, Jorge tossiu disfarçando e virou-se para o lugar onde olhava anteriormente.

– Oi, disse a garota com a voz suave que possuía.

– Oi, me desculpe pelo inconveniente.

– Não tem problema, eu é que sou uma chorona mesmo. Deixei você desconcertado?

– Um pouquinho, mas eu fui o culpado!

– Não, não se culpe. Você quer continuar o resto da história que conversávamos?

– Sim, claro. Vamos começar do ponto em que você falou que eu estava fazendo com você tudo o que eu fiz com a sua mãe. Primeiro, quem foi sua mãe para eu saber o que eu fiz?

– Minha mãe escreveu uma dedicatória para o carinha da primeira fila na Faculdade de Agronomia.

Jorge simplesmente gelou. Ele imaginava que nunca mais, em toda a sua vida, teria outra coisa se não o livro que ganhou de presente, para fazê-lo lembrar do grande amor de sua vida, porém bem na sua frente estava a filha.

– Por isso que eu sentia que existia alguma ligação entre mim e você. Mas dizer que fiz com a sua mãe o mesmo não foi muito justo, nem sei o que fiz. Eu nunca lhe disse nada sobre meu sentimento.

– Minha mãe sempre contava essa história, ela gostava muito de você, ela tentou falar isso várias vezes, mas você era muito evasivo.

– Eu, evasivo? Não, ela que não me dava bola, vivia para cima e para baixo com outro garoto.

– Era o chato do meu pai, minha mãe falou várias vezes que casou com ele, mas gostava de outro, você. O grande amor não correspondido.

– Agora não adianta mais saber disso, eu aprendi a conviver com a situação.

– Você a esqueceu?

– Tecnicamente sim!

– Viu como você é evasivo.

Ela sentou mais perto, o coração de trinta e oito anos de Jorge batia como se tivesse quinze ou menos, estava muito emocionado, tentava a todo custo mensurar a situação analisando os prós e contras da ocasião, queria chegar a uma decisão racional, agir com a emoção não trazia bons resultados. Isso a vida lhe ensinou muito bem.

– Aprendi a gostar de você muito antes de saber por onde você andava.

Jorge, usando o cérebro, afirmou.

– Eu teria sido seu pai provavelmente.

– Minha mãe nunca me falou de você enquanto pai, ela sempre falava de você como homem, é essa lembrança que tenho em meu coração.

– Fico muito agradecido, mas eu devo ter o dobro da sua idade.

– Você se importa?

– Se me importo? Não, quer dizer, sim, ah, não sei ao certo se me importo, mas o que sua mãe diria?

Antes da resposta ouviram um barulho e Jorge, agora em pé, pois tinha se afastado para que a garota não pulasse em seu colo, direcionou a lâmpada movida à bateria na direção da porta para ver quem ou o que era. Era seu tio Anastácio.

– Sem sono, seu Anastácio?

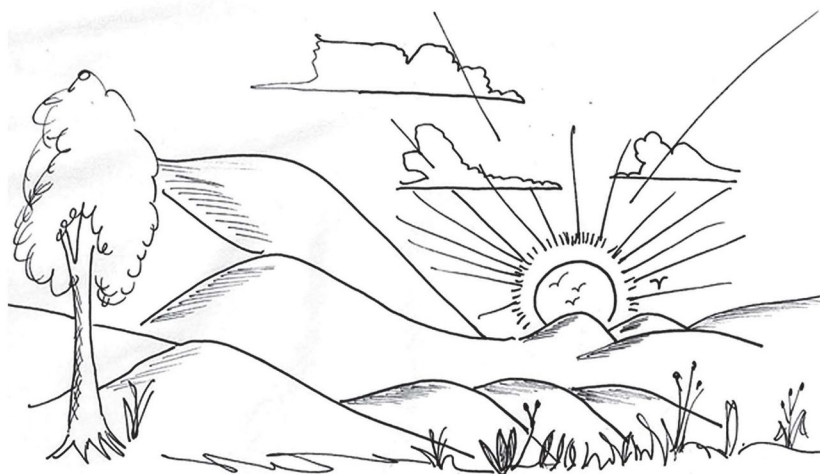
– Não é que acho que está na hora de meu remédio, pode me informar que horas são.

– Ainda é cedo, o horário do seu remédio é meia-noite, ainda são onze horas.

– Parece que eu estou dormindo há uma eternidade.

– Não se preocupe, coloquei o despertador perto de sua cama, ele despertará no horário. Também deixei um copo d'água na mesinha.

– Obrigado, voltarei a dormir, ah, Jorge acho que aquela garota está gostando de você.

Estela olhava para Jorge e confirmava com o polegar apontando para o alto. Seu Anastácio mesmo sem ver enxergava muito. Jorge aproveitou a oportunidade para finalizar a conversa, ele sentia-se fortemente atraído pela moça, mas não queria tomar nenhuma atitude precipitada.

XI

O dia amanheceu radiante como sempre, aquela serra era mesmo um pedaço do paraíso. Todos levantaram bem cedo exceto a dama da noite, a garotinha apaixonada que atormentou o pensamento de um homem sério, respeitador e ético. Claro que ele adorou.

Depois que entrou para o seu quarto Estela ficou escrevendo em seu diário até altas horas da noite, a paixão invadia seu corpo, mente e coração. Sentia o desejo de abraçar Jorge toda vez que o via. Estela falava de um ou dois namorados, mas ninguém nunca os viu. Ela nunca tinha tido um namorado. Seria

honesto com a memória de sua mãe namorar Jorge se ele quisesse? Ela se perguntava.

Antes que todos levantassem Jorge já havia saído, estava visitando o pessoal da vila e levando o adubo e as sementes que comprara na cidade no dia anterior. Claro que sai tão cedo para evitar o encontro com a garota.

– Bom dia, Pedro.

– Bom dia, seu Jorge, entre, venha tomar café com a gente.

– Dá licença. Trouxe as sementes de pimentão que o senhor encomendou.

– E o adubo?

– Está tudo aqui, direitinho.

– Lúcia, traga café e umas bananas fritas para seu Jorge, gritou Pedro para sua esposa.

– Daqui vou visitar o restante do pessoal e passar na horta para ver como estão as coisas por lá, você pode vir comigo?

– Claro, com prazer.

– Coma, disse Pedro levantando o prato com banana frita.

– Estou comendo.

– Coma mais.

Depois de várias fatias de banana e duas xícaras de café, ambos entraram no carro de Jorge e seguiram por uma estradinha de terra que dava na casa de Augusto. Sem sair do carro Jorge entregou-lhe as sementes de tomate e pepino. E seguiu para a área onde estavam fazendo uma horta.

– Está ficando muito bom mesmo.

– E o material para a fabricação da estufa, seu Jorge?

– A loja de produtos agrícola afirmou que entregaria essa próxima semana.

– Mas nada impede de colocarmos as sementes para germinar.

– Não, com certeza não.

– Fizemos um berçário na casa de seu João. Quando as mudas estiverem com uns quinze centímetros traremos para cá.

– Exatamente, nesse meio tempo a estufa já estará pronta, afirmou Jorge.

Na pousada todos tomaram o café e saíram para a cachoeira. A perna de Estela ainda estava um pouco vermelha na região do tornozelo, embora não estivesse mais doendo, mesmo assim preferiram adiar a escalada na montanha – que supostamente matou os amigos de Estela – para o dia seguinte.

– Nossa, eu perdi tudo isso ontem? afirmou Estela.

– É... Fazer o quê se você foi testar a resistência de sua perna batendo-a contra a rocha.

– Briga com ele, Marta, está muito engraçadinho.

– Emerson, quieta menino, senão o papai Noel não vai trazer o brinquedo que você pediu.

– O importante é que hoje estamos todos aqui, aprendemos o caminho, estamos sozinhos e podemos planejar à vontade, disse Roberta.

– Então o que acharam da primeira serra? Nos trinta metros que eu não subi existia alguma coisa diferente.

– Eu não notei nada, afirmou Marta.

– Nem eu, disse Roberta.

– E você, Márcio?

– Nadinha.

– Eu acho que vi alguma coisa.

De que tipo? Estela perguntou imediatamente. Todos olhavam para Emerson, e ele procurava as melhores palavras para dizer o que tinha visto:

– Calma gente, talvez não seja nada.

– Como nada se você afirmou agorinha que talvez tenha visto algo?

– Concordo com Marta, Estela afirmou.

– Pode ser uma pista ou não, pode ser qualquer coisa. Vi algo que reluzia contra o sol em algum lugar, mais ou menos na metade da serra. Parecia um objeto de metal prata. Talvez com um binóculo de longo alcance fosse possível definir o que era.

– Por que não contamos o que viemos fazer para o Jorge. Ele é o dono das terras, poderia facilitar as coisas?

– Acho uma boa ideia, Márcio.

– É, Estela, por que não fazemos isso Márcio e Emerson têm razão?

– Estive pensando nisso.

– Mas e se o pessoal da pousada tiver metido em alguma coisa, acham que vão falar a verdade?

Roberta era especialista em colocar interrogação na cabeça das pessoas. Ela sempre pensava em um monte de coisas que quase ninguém pensava. O pessoal da pousada teria algum envolvimento?

A dúvida pairando na cabeça de um era o suficiente para invadir o coração dos outros. Estela agora fazia perguntas sobre o porquê de Jorge não ter tocado no assunto, por que avisaram as autoridades locais, e o porquê do assunto ser esquecido tão rápido.

Nas mente investigadora dos jovens aventureiros, tudo poderia fazer algum sentido na resolução desse mistério. Passaram a listar o que tinham e a descartar hipóteses absurdas.

Decidiram fazer isso porque tinham mais dois dias na pousada e não queriam andar em círculos.

– Vamos do início, afirmou Marta.

– Nosso problema é a morte de dois dos nossos amigos, anote isso, Marta.

– Já, o que mais?

Vamos às causas. Comece pela mais absurda levantada pela minha avó.

– A que Jonas seria o assassino?

– Isso mesmo.

– Mas vocês já não haviam desconsiderado essa possibilidade?

– Sim, mas estamos listando possíveis causas, depois sairemos excluindo o que não convém.

Uma a uma todas as possibilidades foram listadas, o Jonas entrou para a lista, a loja de material esportivo também, desconhecimento do local e inexperiência tudo foi contado, agora entrava para lista o pessoal de Jorge.

– Por que o pessoal do Jorge faria isso?

– Não sei, Estela, mas devemos começar descobrindo se ele estava aqui na época do acontecido.

Eu estou caçando em minhas terras, vejo dois invasores, peço para eles ficarem parados, eles não ficam e eu atiro e mato.

– Descartado, Márcio, você não pegou o início da história, não havia ferimento dessa natureza.

– Foi mal, mas serve como base se alguém tivesse intenção de matar, não teria feito isso?

– Não se quisesse que parecesse um acidente.

– Percebemos a maneira como Jorge olha para você, Estela, não querendo abusar da sua boa vontade, mas eu acho que você é a pessoa ideal para descobrir alguma coisa, afirmou Roberta.

– Deixa eu explicar. A Marta já sabe da história. Jorge estudou junto com minha mãe na faculdade, ele gostava muito dela e nunca teve coragem de se declarar. Tempos depois minha mãe casou-se com outro e perdeu o contato com ele. Era sobre isso que conversávamos. Não acredito que ele vai deixar alguma coisa escapar.

– Mas você está disposta a tentar?

Era tudo que ela queria ouvir de alguém. Seria mais uma oportunidade de ficar sozinha com o homem que virou a sua cabeça e mexeu em seu coração em apenas um dia. Muitos já haviam tentado aquele fato, mas nenhum conseguiu. O que Jorge tinha que outro não tivesse?

Todos tomaram o caminho de volta quando já passava de meio-dia, eles andavam em fila, na frente Emerson seguido por Roberta e Márcio, as duas vinham mais atrás a uma distância

que podiam ser vista, mas como falavam baixo não podiam ser ouvidas.

– O que eu vi nele, Marta?

– Sim, o que você viu nele?

– Eu vi idade, a maioria dos meninos que tentaram me namorar ou que me cantaram eram todos uns bobocas.

– Você está admitindo que Jorge lhe cantou?

– Não, parece que ele tem medo de mim, ontem ele até fugiu quando eu me aproximei dele. Fizemos um barulho que acordou seu tio!

– Você o beijou?

– Não.

– E por que não?

– Eu estou lhe falando, Jorge não é quem estamos pensando, ele é diferente. É gentil, educado, inteligente e respeitador.

– O que o impede, em sua opinião?

– Acredito que ele não quer se envolver, primeiro porque sou bem mais jovem que ele, depois porque sou cliente de sua pousada e por final o que eu acho que tem um peso maior, ele amava minha mãe.

O povo do primeiro pelotão tinha ganhado distância significativa e resolveu esperar as duas tartarugas que se arrasta-

vam lentamente no caminho. Elas levaram uns cinco minutos no mínimo para chegar até onde ia o restante do pessoal.

– Paramos para esperá-las.

– Não precisava, Emerson, já estamos vendo a vila.

– Sabemos disso, mas e quanto ao abominável homem das montanhas?

– Acho que ele teria alguns problemas com nós duas. Acertaríamos ele com nossas super-barras de cereal.

– Engraçado, poderiam usam pelo menos uma pinça e retirar as sobrancelhas dele, isso doeria horrores.

Emerson tinha uma gozação para cada ocasião. Continuaram sugerindo armas absurdas e estratégias enigmáticas que prenderiam o Pé-Grande, o Curupira e talvez até mesmo a Mula sem cabeça.

– Pelo visto o passeio foi bom, estão atrasados para o almoço, afirmou Jorge.

– É que a cachoeira estava incrível, água bem geladinha, estava perfeita.

– Que bom que gostaram. Temos bife acebolado para o almoço, posso pedir para servirem agora ou preferem tomar um banho.

– Eu tomarei um banho enquanto o almoço é servido, disse Estela saindo em seguida.

– Posso usar o outro banheiro, seu Jorge?

– Sim Roberta, fique à vontade.

Estela estava mesmo com fome, pois não demorou nadinha no banho, voltou e sentou-se esperando os demais. Depois de todos estarem reunidos o almoço começou. Jorge também os acompanhou.

Sentado em uma cadeira de frente para Estela, Jorge começou a almoçar. Um comentário ou outro sobre a beleza do local surgiu assim que o almoçou começou. Aquela galera estava mesmo com fome, tanto conversavam quanto comiam.

Estela tirou a sandália dos pés e pisou propositalmente no pé de Jorge segurando entre seus dedos o dedão dele. Quase ele errava a boca com a colher de tão nervoso que ficou, mas conseguiu disfarçar e ninguém mais percebeu. Estela ria por dentro, mas não deixou transparecer nada.

Era no mínimo maldade o que ela estava fazendo com Jorge. Mais cedo ou mais tarde ele cairia em seus braços envolvido em sua magia. Aquilo era apenas um prenúncio do que viria pela frente na roda de música. Ela estava adorando aquele jogo combinado pelos amigos de a deixarem a sós com ele para coletar o máximo de informação sobre Maria e Thiago.

Terminaram o almoço, comeram melancia como sobremesa, era quase três da tarde. A noite parecia cair bem mais rápido que na cidade, todos esperavam esse momento, mas nem tanto quanto aquela garota de dezoito anos, Estela.

– Qual o repertório para hoje, seu Anastácio?

– O que vocês sabem cantar?

– Eu nada, disse Roberta.

– Mal cantou o Márcio, completou Emerson.

– Isso é verdade, ela sorriu.

– Vamos fazer da seguinte forma: vocês falam uma canção se eu conhecer a gente canta, se eu não conhecer vocês cantam e eu tento encontrar a nota.

– Gostei dessa, disse Estela cantarolando um trecho da primeira canção.

– Essa eu conheço, disse seu Anastácio fazendo o acompanhamento.

Ninguém a interrompeu, ela fez um solo e tanto, alem de bonita, inteligente e meiga ainda cantava muito bem, Jorge se encantou definitivamente. Seria muito querer que ela não retornasse mais para a cidade, ficasse por ali e morasse com ele?

Ele respondia para si mesmo que aquilo não era conveniente e que não passava de uma simples ilusão, passaria tão logo os hóspedes fossem embora, o que seria na manhã de segunda-feira, dois dias depois daquela noite.

– Você canta muito bem, poderíamos fazer uma dupla, acho que faríamos muito sucesso.

– E qual seria o nome de nossa dupla?

– Não sei, teria que ser algo bem original como Estela e Anastácio.

– Ou Anastácio e Estela, replicou ela.

– Eu voto no segundo, não encontraremos nada mais original. Ainda bem que não é o Márcio cantando.

– Ele canta mal?

– Mal, você está sendo generosa com ele, Marta, se fosse ele na banda acho que o nome seria inimigo do ritmo.

– Nem canto tão mal assim, confesse que você se apaixonou por minha voz quando fiz aquela serenata.

– Gostava muito de você, sim, mas cantando você é um desastre. Quase morro de vergonha naquele dia. O pessoal do condomínio ficou me zoando uma semana inteira.

– Ainda bem que não teve que cantar para conquistá-la, do contrário estaria solteiro até hoje.

– Estela tem razão, Márcio – o clima era de descontração, todos sorriam e brincavam, mas não esqueciam do objetivo principal.

– Vamos cantar mais uma, sugeriu o sanfoneiro.

– Dessa vez a canção deve ser conhecida do Márcio, eu quero ver ele cantando, Emerson sabia mesmo encher a paciência.

– Pode tocar que eu cantarei.

Márcio conhecia muito bem a canção e se encarregou do refrão, saiu bem melhor do que todos estavam imaginando. Ele se empolgou tanto que levantou, pegou a vassoura como microfone e começou a cantar todas as outras partes da música.

Ao final Roberta teve que engolir o que havia dito, Emerson pediu desculpa pela brincadeira e seu Anastácio, esse sim sabia reconhecer um bom músico, aplaudiu.

– Muito bom. Para quem não cantava nada você se saiu muito bem, meu rapaz, acho que o clima da serra e o banho de cachoeira fizeram muito bem a você.

– Muito obrigado. É incrível como um bom músico conhece o outro logo na primeira vez que cantam juntos.

– Ah, não se empolga não, as chances de cantar bem outra música é na ordem de um para um milhão. Chances muito remotas.

– Podem até serem remotas, mas elas existem, Roberta. Agora as chances de você se tornar amante de uma boa música e reconhecedora de um bom talento são inexistentes.

– Deixem de conversa e vamos cantar, sugeriu Jorge.

E cantaram uma canção conhecida de todos. Em seguida fizeram uma pausa.

– Hoje temos café com leite e biscoitos e estão deliciosos, afirmou Jorge antes que Estela dissesse algo.

– E não é que estão mesmo, Estela teve que render-se.

– Vamos decidir as atividades que iremos realizar amanhã, Márcio falou isso porque queria abrir uma conversa sobre a última serra, tudo estava entre o grupo.

– Minha perna já está boa, amanhã vamos escalar a última serra, tudo bem, Jorge.

– Por mim, tudo bem, resta saber como estão as coisas por lá. O que o senhor acha, seu João?

– Aquela serra é cheia de surpresas, perigosa até, mas com um pouco de cuidado acho que dá, afinal qual serra não é perigosa?

– Se a autoridade no assunto acha que dá, então dá.

– Concordo com a Roberta, afirmou Emerson.

– A que horas sairemos? O que precisamos levar? Qual o tempo estimado de nossa volta? Por enquanto é isso que lembro, disse Estela sorrindo.

Enquanto o pessoal acertava os detalhes seu João falou alguma coisa no ouvido de Jorge sobre um problema que tinha que resolver no dia seguinte e não poderia acompanhá-los.

Jorge era mesmo um cidadão muito educado, esperou Estela terminar sua conversa para não atrapalhá-la e então explicou a situação de que seu João não ia poder acompanhá-los, sugeriu um desconto para ficarem mais um dia na pousada, tempo que poderiam realizar a escalada sem problemas.

Mas essa informação deixou o grupo mais desconfiado ainda, teria acontecido algo nas trilhas que precisavam escon-

der primeiro para depois abrir para a visitação. Eles estavam ansiosos por alguma pista.

Depois de pedir licença para ir ao banheiro, Marta e Estela conversaram sobre a possibilidade de convidar Jorge para que os acompanhasse. O grupo não tinha mais um dia, Márcio teria que retornar ao trabalho, ele não estava de férias, Emerson sim.

No banheiro as duas combinaram que o grupo iria para a casa vizinha enquanto Estela ficaria mais um pouco conversando com Jorge para convencê-lo de ir com eles na manhã seguinte.

– Vamos fazer o seguinte, nós iremos agora e pensaremos na possibilidade de ficarmos mais um dia, vamos ter que verificar a nossa agenda, amanhã bem cedo já teremos uma resposta, Marta falou segundo o que havia combinado com a amiga.

– Para mim, tudo bem, e para você, Márcio?

– Tranquilo, Roberta.

– Então vamos. Você vem, Estela?

– Vai andando que já vou em seguida Marta.

Essa parte do plano era a que Estela mais adorava. Tinha esperado o dia inteiro por esse momento e não desperdiçaria por nada desse mundo, nem de outros mundos. Ela realmente estava apaixonada pelo desconhecido que gostou de sua mãe.

Sozinhos, aquela garota deixava Jorge com a impressão de que quem era mais novo era ele. Para quem nunca havia tido

um namorado ao menos, ela era no mínimo atiradinha. Ela em plena juventude, ele experiente e galanteador. Não existia uma mistura mais explosiva, mesmo assim ele a respeitou do início ao fim.

– Onde paramos a nossa conversa, disse ela arrumando e prendendo no alto da cabeça seus lindos cabelos loiros e encaracolados.

– Não lembro – claro que ele lembrava, tinha passado o dia inteiro pensando nisso como não lembraria, impossível!

– Então vamos do zero.

– E vamos do zero até que número, brincou ele tentando protelar.

– Vamos até o número que você quiser desde que seja número par.

– Agora quem não entendeu foi eu – claro que ele tinha entendido a deixa.

– Porque no final sempre ficam agrupados de dois em dois, iguaizinhos a nós dois.

– Entendi.

– Ontem falávamos sobre você ter o dobro da minha idade e perguntei se você se importava. Vamos, homem, você se importa ou não se importa?

– Pensei ter lhe respondido.

– Você não me respondeu. Mas vou lhe dá mais um minuto para arranjar uma resposta satisfatória.

– Enquanto isso vai fazer o quê?

– Vou convencê-lo a ir conosco amanhã, não temos mais um dia pela frente, eu bem que tenho e adoraria passar mais um tempo por aqui, tentando você para levá-lo para o mau caminho.

– Será que eu cairia na tentação e iria para o mau caminho? Jorge queria beijá-la, mas não achava certo.

– Você pode vir?

– Não sei como está o meu dia amanhã.

– Ouvi você falar no início da conversa na roda de música que não sairia daqui amanhã, então não venha me enrolar.

– Tudo bem, eu vou. Mas tem um detalhe.

– Qual?

– Faz um tempo que não pratico nenhum tipo de esporte, se eu não aguentar andar de volta, alguém vai ter que me carregar.

– Não se preocupe, eu cuidarei de você.

– Você não pode me carregar, sou pesado.

– Quem falou em carregar? Eu não falei! Falei em cuidar de você. Ficaria ali mesmo em uma gruta, estilo idade das pedras, até você melhorar.

– Duvido que você saiba fazer um fogo.

– Para quê, as barras de cereais não precisam de fogo, basta abrir a embalagem e comê-las.

– Certo, é que eu sou da geração que fazia fogo.

– Para quem não pratica nenhum tipo de esporte até que você tem um corpo bem bonito, ela falou isso ao passo que colocava sua mão sobre a perna de Jorge. Ele levantou da cadeira como na noite anterior.

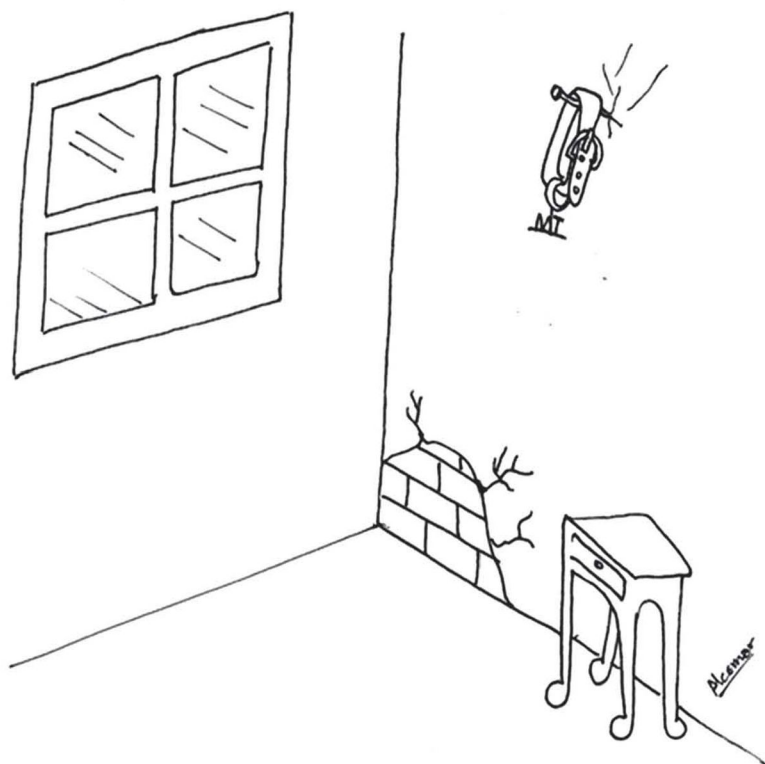
– Obrigado, ele falou com a voz rouca.

– Responda a minha pergunta, homem.

– Não.

– Não de não vai responder ou não de não tem problema?

– Não, não tem problema algum. Você é uma jovem muito linda e provocante, ele falava isso enquanto a puxava pela mão levando-a para um canto da varanda com pouca luz. Ele a apertou nos braços e a beijou de modo demorado.

– Nossa! Você é tudo que eu imaginei, aquele foi o primeiro beijo que Estela havia dado em um homem.

Ela o abraçou, olhou na direção da janela da sala que estava aberta, enxergou alguma coisa que ela acreditava conhecer, deu outro beijo em Jorge, mas no rosto. Aproximou-se da janela e constatou. Era a coleira de Bob. Bob era o cachorro que ela havia dado a Maria e Thiago. A coleira tinha a inscrição MT. Sem falar nada, a garota correu para o seu quarto.

XII

Ao entrar na casa de seu Anastácio, Estela convocou uma reunião com todos os integrantes da equipe. Ela precisava contar as últimas descobertas. O rumo da história mudaria totalmente depois do que ela viu.

– Fale logo, Estela, pare com esse mistério todo.

– Calma, Roberta, me deixa respirar que eu conto.

– Pegue, tome um copo d'água.

– Obrigado, Márcio.

– E então, ele vai ou não vai conosco?

– Ele me garantiu que vai. Mas tem um pequeno problema.

– Qual? Estela, conta logo, Marta não aguentava mais de curiosidade.

– Você lembra, Marta, daquele cachorrinho branquinho que dei de presente para Maria no seu aniversário?

– Lembro!

Lembra também da cólera gravada as letras MT?

– Sim, claro, Maria e Thiago.

– Eu acabei de vê-la pendurada na parece de Jorge.

– Meu Deus... o que isso significa.

– O que significa, não sei, mas como essa coleira foi parar na parede dele?

– Vamos todos lá e perguntamos, sugeriu Márcio.

– E você acha que ele dirá?

– É, Marta você tem razão, pensou Roberta.

– Quando parecia que já estávamos perto da solução voltamos para a estaca zero.

Vamos deixar as coisas como estão por enquanto, amanhã na trilha perguntaremos dele, disse Emerson.

Estela estava muito assustada, imaginou um milhão de coisas, pensou também que não queria Jorge envolvido em nenhuma delas, ele parecia um homem tão sensato. Marta acompanhou a amiga até o quarto, Roberta foi se deitar, Emerson e Márcio tinham outros planos em mente.

– Concordo, Márcio, amanhã na trilha vamos dar uma lição nesse lobo em pele de ovelha.

– Vamos fazê-lo confessar, depois chamamos a polícia e o denunciamos por assassinato.

– Boa ideia, agora vamos dormir para não levantar nenhuma suspeita.

Os dois foram dormir. Todos ali estavam muito tensos, o sono custou chegar para todos. A maioria da equipe estava aproveitando o passeio e achando ótimo não ter encontrado nenhum problema. A calmaria que se estabeleceu agora ia terminar na manhã seguinte.

Ao planejarem às escondidas os dois rapazes não pouparam crueldade. Aquele último dia na pousada seria lembrado para sempre. O pior de tudo era que nenhum. Tão logo o dia amanheceu Estela estava de pé, logo ela que sempre acordava por último.

Fez as malas, não queria passar mais nenhum dia caso descobrissem algo realmente significativo, o que ela sentia por Jorge a impedia de pensar qualquer maldade a seu respeito. De uma coisa ela tinha certeza: aconteceu alguma coisa ruim para aquela coleira ter ido parar naquela parede. Se ela não tivesse beijado Jorge, talvez nunca visse parte do presente da amiga, pendurado na sala de um desconhecido, seria melhor talvez.

– Estela, você está bem, amiga?

– Estou, Roberta, obrigado.

– Não é por falar mal, não, mas você sempre acorda mais tarde e ainda não são nem seis da manhã.

– Tive uma noite muito ruim.

– Todos tivemos.

– Sabe, Roberta, não lhe conheço muito, mas você parece ser bastante sóbria.

– Eu tento ser.

– Pois é, eu também. Responda-me uma coisa então.

– Pergunte.

– Por que temos dificuldade de acreditarmos em algo ruim quando gostamos dessa pessoa que supostamente praticou esse algo ruim?

– Está se referindo ao Jorge?

– Sim, estou.

– Sua pergunta é pertinente e também funciona como resposta.

– Não entendi!

– Calma, eu explico. Você perguntou por que quando gostamos... e tal. Até aqui está bom, quando gostamos é a resposta. Quando gostamos de alguém passamos a notar somente as qualidades do outro, por mais que elas sejam remotas, que não é o caso dele, claro.

– Mas ele parece tão sensato.

– Talvez até seja, porém nesse momento você deve agir com a razão, não com os sentimentos. Tem que pôr o cérebro para funcionar e deixar o coração tirar férias nesse caso.

– Você tem razão, vou fazer isso.

Aquela afirmação não soava muito consistente no ouvido de Roberta, as mulheres sabem que quando uma mulher está apaixonada ela não consegue ter uma visão lógica e racional. Elas são puro coração.

Os demais acordaram e seguiram as instruções da chefa. Arrumem as suas malas que talvez tenhamos que pegar a estrada ainda hoje, era o que ela dizia a todos. O clima de tensão imperava. A alvorada, o canto dos pássaros e a refrescante brisa que soprava nem foram percebidos.

Tomaram um leve café, e seguiram para frente da casa de Jorge. Chegaram antes do combinado que ele ainda não estava totalmente pronto, faltavam cintos, água e outros equipamentos em sua mochila.

Jorge convidou-os para entrar, ou ele era inocente e não sabia de nada do que aconteceu, ou ele representava muito bem. Se bem que Estela o achou meio abatido e muito calado, seria

possível ele ter desconfiado de algo ou até mesmo ouvido a conversa.

Essas e outras perguntas ficariam sem resposta por pelo menos mais umas três horas. Jorge convidou-os a entrar, como todas as manhãs agiu com cortesia e singeleza de coração. Definitivamente ele não parecia um monstro, pelo menos para a garota que estava caidinha por ele.

– Entrem, senhores, vamos tomar café, disse ele alegremente.

– Não, obrigado, já tomamos, afirmou Marta.

– Então entrem, sentem no sofá enquanto eu termino de organizar algumas coisas.

– Ok, mas não demore, apressou Estela.

– Dez minutinhos somente.

Alguns sentaram no sofá, outros sentaram ali mesmo na entrada da porta. Estela fez um gesto com os olhos e a boca mostrando a direção que a cólera estava na noite anterior, mas não estava mais. Teria sido uma ilusão, ou será que ela havia visto mesmo?

– Não está mais lá, disse ela em voz baixa.

– Talvez ele tenha desconfiado de algo, disse Roberta no mesmo volume.

– E agora, faremos o quê?

– Vamos continuar com os planos.

Enquanto conversavam Jorge os chamou para descerem a escada e irem andando enquanto ele terminava de fechar. Ma mente de Márcio e Emerson, Jorge voltara para pegar uma arma.

– Tudo certinho, Jorge, perguntou Emerson com ar investigador.

– Essa vai ser uma longa caminhada. Estão preparadas meninas?

– Estamos, Márcio, mas ele falou isso porque tinha outros planos em mente.

Nessa manhã, Emerson cairia bastante no conceito de Marta, ele mostraria a ferocidade escondida dentro de si, seria visto desse dia em diante não mais como um garoto tímido, simples e carinhoso, mas como violento e desumano.

Márcio agia com mais cautela e segurança, antes de entrarem na trilha sugeriu que fizessem uma checagem nos equipamentos para ver se tudo estaria direito, e se não estava faltando nada. Claro que isso era uma estratégia para ver se não havia nada de anormal na mochila de Jorge. Eles não queriam ter nenhuma surpresa.

– Isso não é necessário, senhores, chequei tudo direitinho antes de sair de casa, Jorge disse aquilo para aparentar tranquilidade, pois ele estava nervoso, fazia muito tempo que ele não escalava essas serra, em específico, ele visitou somente no dia em que estavam abrindo as trilhas na mata. No mesmo dia em que a cobra picou o cachorro.

– Segurança nunca é de mais, falou Emerson arriando a sua mochila e dando o exemplo a ser seguido.

– Verdade, Márcio acompanhou o gesto.

– Já que insistem, vamos conferir.

As cordas estão na mochila, as luvas também, ganchos e presilhas, água, frutas, barras de cereal, lanterna, fósforo e a lista seguia, estava tudo organizadíssimo, aquela parada era desnecessária, até soro antiofídico Jorge tinha posto na bolsa, ele sabia que na região tinha bastante cobra, isso realmente metia medo nele.

– O que acham, meninos?

– Parece tudo em ordem, responderam em coro.

– Tudo bem para vocês, meninas?

– Sim senhor, responderam elas tentando quebrar a frieza do momento, pois parecia a segurança de aeroportos.

A menina apaixonada não entendia como uma pessoa que aparentava ser tão boa pudesse ter cometido um assassinato. Ela não acreditava, não dava para acreditar, todos naquela vila gostavam muito dele. Pensar dessa forma ofenderia a todos os moradores das redondezas.

Colocando as coisas de volta no local com a calma e serenidade de sempre, Jorge arrumava cada coisa em seu devido lugar, aprendeu isso quando passou um ano no exército. Tudo tinha se canto bem definido. Dentro de sua mochila ele levava até colchão inflável.

Entre uma coisa e outra apareceu um objeto diferente do grupo de objetos, isso despertou a atenção de Estela: era a coleira de Bob, por isso não estava mais na parede, mas o que ela fazia ali?

Se ele fechasse a bolsa, ela perderia a oportunidade de perguntar, então sem que ele percebesse, ela se aproximou e esticou a mão pegando a coleira suspendendo-a no ar. Exibia para os amigos como um troféu.

Qual seria a reação de Jorge? O que ele diria a respeito? Que desculpa inventaria? Pensou em várias coisas, só não pensou em como ele reagiria, uma vez que estavam os seis sem ninguém por perto, no meio daquele paraíso perdido no fim do mundo.

Emerson pensou em acertar a cabeça de Jorge com uma pedra enquanto ele estava abaixado, mas recuou porque sabia que precisariam dele para completar o trajeto. Se ele tivesse feito o que pensou nunca chegariam ao local exato do incidente. Precisavam de Jorge e precisavam dele consciente.

– Isso é uma coleira, serve para amarrarmos cachorros, brincou ele animadamente, mas ninguém sorriu.

– E o que ela faz aí? interpelou Emerson o mais afoito.

– Nada!

– Como nada?

– É pessoal, insistiu Jorge.

– Qual é, Jorge, é uma pergunta boba, carinhosamente interveio Estela.

Se eu contar você não acreditará.

– Conte logo, homem, Estela continuava tentando quebrar o gelo. A ação era para parecer natural, mas os meninos se excederam um pouco.

– Essa coleira era de um cachorro que eu decidi chamá-lo de Branco, porque ele era muito branco. Foi quando cheguei por aqui, há um mês e pouco. Chovia muito naquela manhã, ninguém conseguiu sair de casa nesse dia. Lembro que essa chuva derrubou a ponte.

– Sim, mas e a coleira, perguntou Emerson fazendo pressão.

– A coleira estava no pescoço do cachorro, respondeu Jorge sarcasticamente porque já estava si irritando com a insistência do rapaz.

– E o cachorro estava dentro da coleira, mas agora não está mais, brincou Estela novamente, Jorge sorriu.

– Olhei pelo vidro embaçado da janela e vi que tinha algo lá fora, na chuva. Olhei mais uma vez e constatei que era um cachorro. Apanhei algo para me cobrir e corri até ele.

– Não procurou pelo dono, Marta perguntou.

– Procurei sim, mas nunca apareceu.

– E o cachorro, está aonde agora, Estela continuava a perguntar.

– Ele morreu.

– Morreu? indagou Roberta.

– Morreu, disse o moço.

– Mas morreu de quê?

– Picado por uma cascavel, Jorge nem sabia o tipo de cobra, queria mesmo era acabar com aquela conversa entediante.

Estela faria mais um pergunta e todos continuariam a andar, aquela parada já durava meia hora. Jorge estranhou tanta pergunta, mas tentou responder de maneira satisfatória a todas elas. Os meninos não acreditavam em nenhuma palavra de Jorge.

– Uma última pergunta.

– Pergunte.

– O que essa coleira faz aí em sua bolsa agora?

– Nós passaremos perto do local onde eu enterrei o bicho, pretendo deixá-la por lá, o dono nunca apareceu.

– Posso ficar com ela.

– Pode, mas não entendo o porquê.

– Porque é Bob o nome desse cachorro que você decidiu chamar de Branco.

– O que TM tem de ligação com Bob?

– TM significa Thiago e Maria. Eu comprei esse cachorro e mandei confeccionar essa coleira.

Tudo parecia mais claro agora, Jorge passou a entender o motivo de tantas perguntas. Imaginou que todos estivessem acreditando em sua história e nem imaginava o que ainda estava por vir.

Continuaram a caminhada enquanto fechavam o assunto do cachorro, em momento algum Estela lhe falou das mortes de seus amigos, aquela história não era novidade nem para Jorge, porém não lhe ocorreu nem em sonho que aquele grupo tivesse investigando algo.

O mundo era mesmo pequeno, ele pensava. Em dois dias conheceu a filha da mulher que ele gostou, se apaixonou novamente e encontrou a quase dona do cachorro. Faltava apenas escalar aquela serra que ele não conhecia bem.

Ao passarem com alguma dificuldade pela parte mais difícil da escalada, Jorge foi surpreendido por Emerson que o aguardava covardemente atrás de uma grande rocha.

Mas antes que ele o atacasse de uma vez, Estela deu um grito de desespero que ecoou em todo o vale e Jorge percebeu a emboscada. Tirou um pouco o corpo de banda, o que fez com que a paulada não pegasse em cheio em sua cabeça.

– Você ficou maluco, você ficou maluco, você ficou maluco, Estela gritava desesperadamente. Ela quase entrou em choque por ver a quantidade de sangue que escorria pelo pescoço de Jorge.

– Maluco que nada, esse cara matou seus dois amigos e o cachorro que você deu de presente.

– Você não pode provar isso, ninguém pode provar isso, Estela estava a ponto de desmaiar, a dor cortava seu coração, o homem que ela escolheu para amar estava ali caído, com a vida

saindo pelo rasgo que um idiota tinha feito na parte superior de sua cabeça, pensava ela.

Marta simplesmente não acreditava no que via, o tão doce Emerson se transformara em um monstro. Como ela se deixou enganar pela doçura que ele demonstrava ter. Roberta confirmou as suas suspeitas, ela tinha certeza que Márcio estava envolvido nessa trama, os dois andavam muito de conversinha.

Nesse momento Jorge começa e recuperar os sentidos, mas não totalmente, entre uma palavra e outra ele repetia o nome da mãe de Estela. A garota agora não falava mais nada, olhava nos olhos e enxugava o sangue que começara a parar de jorrar.

– Jorge, meu anjo, acorda, fale comigo.

– O que você fez, seu idiota, Marta conseguiu proferir essa única sentença e sentou atônita.

– Fiz o que deveria ser feito, precisamos de uma confissão, ele tentava se desculpar.

– E você pensa que está no faroeste para sair fazendo justiça com as próprias mãos, seu idiota, burro, Roberta estava a ponto de pegar o mesmo pau e acertar aquele covarde.

– Estela, Jorge conseguiu dizer com a voz embargada.

– Sim, meu amor, estou aqui.

– O que aconteceu?

– Não aconteceu nada, descanse.

Aos poucos Jorge foi se restabelecendo e conseguiu apoiar--se sentado, o sangue parou totalmente e começava a coagular em seu queixo. Ele se deu conta de que Emerson o tinha atingido, só não sabia qual era a explicação.

O grupo continuou brigando, por mais uns instantes. Não aceitavam as desculpas que Emerson dava. Marta não queria mais nem olhar para ele. Aquele seria o último dia que passariam juntos, por conta da barbaridade e selvageria.

Márcio continuava calado, não respondeu nada diante das acusações de sua esposa, ele bem que planejou alguma coisa

com seu comparsa, mas não imaginava que seria com tanta violência. Pretendia amarrá-lo, e fazer algum terror, mas nada literal.

– Esperem, acho que estou vendo algo.

– O que vocês procuram, Jorge conseguiu falar novamente, era a segunda frase em vinte minutos.

– Jorge, meu bem, dois amigos nossos morreram em suas terras, viemos até aqui porque acreditamos que tem algo obscuro sobre suas mortes, que não sabemos. Queríamos fazer o mesmo percurso que eles fizeram para ver se encontrávamos algo.

– Por que não pediram minha ajuda, eu conhecia essa história.

– Por que não nos contou a história?

– Sou um empreendedor, vocês os meus primeiros clientes, eu não podia contar.

– Entendo!

Marta voltou mostrando uma garrafa de água. Era o objeto que Emerson viu reluzir quando estavam na serra vizinha. Uma garrafa de alumínio com alguma coisa balançando dentro. Roberta passou a garrafa para Estela e sentou em uma raiz de uma árvore.

Abra, veja o que tem dentro. Roberta já havia percebido que era um pedaço de papel, mas não quis abrir totalmentes

afinal os amigos eram de Estela e ela tinha todo o direito de ler primeiro.

– É um pedaço de papel. E tem algo escrito. Essa letra é da Maria.

– Você tem certeza, Estela?

– Tenho, Marta, veja as letras bem redondinhas que ela gostava de fazer.

– Você tem razão, leia.

– Vou ler. "Não sei se algum dia alguém encontrará essa garrafa, mas se encontrar não me julgue. Primeiro, porque você não conhece toda a minha história, segundo, porque você deve ter tantos defeitos quanto eu, e isso não lhe dar o direito. Todos os dias da minha vida, vivi infeliz, pretendia me casar, mas não deu. O Thiago é uma pessoa e tanto, nunca consegui reunir tantos adjetivos em só homem. Honesto, carinhoso, amável e tantos outros formam somente o começo da longa e vasta lista. Eu passaria o resto da minha vida ao seu lado se não fosse pelos últimos acontecimentos. Vou contar o que planejei depois contarei o porquê. Eu li tudo que consegui ler sobre essa serra, sabia que ela era arriscada, o que facilitaria o 'acidente'... quando ele descia para verificar uma gruta uma pouco a baixo do nível de onde estávamos, uns vinte e cinco metros, eu cortei a corda e ele caiu batendo em uma rocha. Acredito que morreu antes de chegar ao chão. Eu o contemplei por alguns instantes e fui ao seu encontro. Por que eu fiz isso? Não tem motivo aparente, mas eu estava muito decepcionada com tudo, ele não era fiel a mim. Aliás, nunca foi, me perdoem, mas eu estava vivendo uma barra. Primeiro, com minha mãe que traiu o meu pai, depois com Thiago.

– Tem mais coisas escritas nessa carta? perguntou Marta.

Estela não teve condições emocionais para responder. Sentada em uma rocha com a cabeça de Jorge em seu colo ela enfiou a cabeça entre as mãos apoiadas nos joelhos e chorou amargamente. Não um choro qualquer, mas um choro que fazia descer lágrimas até mesmo do mais duro coração.

Fim

Manhã chuvosa de abril. Lugar comum, sem muita gente por perto. tudo era muito simples. O vilarejo e o vale estavam diferentes, pois havia água por todos os lados e pessoas passavam apressadas sem muita disposição para conversar. não era possível ouvir um único ruído a não ser o dos pingos de chuva caindo e o do barulho dos trovões. relâmpagos cruzavam o céu e deixavam aquela quarta-feira com a aparência de final de tarde.